



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
CARLA CRISTINA DE ARAÚJO GOMES**



**O APEGO PELO LUGAR DE MORAR:
VILA MONTICELLI EM GOIÂNIA-GO**

**Dissertação
Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial**

**Goiânia
2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
CARLA CRISTINA DE ARAÚJO GOMES**



**O APEGO PELO LUGAR DE MORAR:
VILA MONTICELLI EM GOIÂNIA-GO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Planejamento Territorial da Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento e Planejamento Territorial.

Orientador: Prof. Dr. José Paulo Pietrafesa

**Goiânia
2008**

G633a

Gomes, Carla Cristina de Araújo

O apego pelo lugar de morar : Vila Monticelli em Goiânia – GO. /
Carla Cristina de Araújo Gomes. – Goiânia, 2008.

177 p.

Dissertação (Programa de Pós- Graduação em Desenvolvimento e
Planejamento Territorial) – Universidade Católica de Goiás, 2008.

1. Psicologia ambiental 2. Apego ao lugar 3. Vila Monticelli,
Goiânia, Goiás. I. Título.

CDU: 159.922.26:711.58(817.3Goiânia)

CARLA CRISTINA DE ARAÚJO GOMES

**O APEGO PELO LUGAR DE MORAR:
VILA MONTICELLI EM GOIÂNIA-GO**

Goiânia – Go ____/____/____

Banca examinadora

Prof. Dr. José Paulo Pietrafesa

Presidente

Assinatura

UCG

Nota

Prof^a. Dr^a Elane Ribeiro Peixoto

Examinador Interno

Assinatura

UCG

Nota

**Prof^a. Dr^a Genilda D’Arc
Bernardes**

Examinador Externo

Assinatura

Uni-
Evangélica

Nota

**Goiânia
2008**

Aos meus pais: Antônio Getúlio de Araújo e Almira Maria de Araújo (*in memoriam*), de quem sinto saudades, aos meus irmãos Kátia Consuelo e Cássio Antônio e, à minha filha Natália pelo companheirismo em todas as circunstâncias.

AGRADECIMENTOS

Primeiro à DEUS, pela minha vida, saúde e meu emprego, pois através deste que está sendo possível a concretização do curso;

Aos meus pais que sempre souberam o valor e importância dos estudos para nós, por todos os valores que me passaram, nunca vou me esquecer;

À minha Mãe que me ensinou a ser perseverante e lutar contra as adversidades da vida para alcançar os meus objetivos. Mulher forte, humana, com todos os adjetivos de uma pessoa de bom caráter. Mãe carinhosa, amiga, companheira, que me faz uma grande falta;

À minha filha Natália que sempre está comigo em todos os momentos mais marcantes da minha vida, felizes ou tristes. Adolescente com jeito de mulher, o bem mais valioso que Deus me confiou a guarda, obrigado por tê-la como filha;

Aos meus irmãos, cada um à sua maneira, obrigado pelo incentivo;

Ao Prefeito de Goiânia Dr. Iris Rezende Machado pela autorização da despesa com o curso do mestrado;

Ao Secretário Municipal de Planejamento, Dr. Francisco Rodrigues Vale Júnior pela oportunidade;

À Edy Lamar que me incentivou a fazer o curso;

Aos estagiários do Departamento de Ordenação Sócio-Econômica da SEPLAM: Lorena Alves e Silva, Daniel Mathias Caixeta e Fernando Gomes de Sousa, pelas contribuições;

Ao colega de trabalho Rodrigo Resende Mello pela colaboração;

À Arq^a. Marta Horta Figueiredo de Carvalho, técnica da SEPLAM, primeira pessoa a me incentivar escrever sobre o tema e pelas sugestões;

À pessoa mais importante durante toda esta jornada, amiga e colega de trabalho Regina, pelas palavras certas nos momentos incertos, pela racionalidade e equilíbrio, pela paciência nos momentos de angústia, nunca vou esquecer. Obrigado também pelas valorosas contribuições, pelas horas de descanso que foram dedicadas a mim e a esse trabalho, minha eterna gratidão;

À amiga Fatinha, pela tolerância, paciência e por estar comigo em momentos difíceis da minha caminhada e também pelos reforços positivos que me incentivam sempre a prosseguir na direção certa. Obrigado por ser minha amiga e, por extensão à mãe dela Dona Maria Dantas, por sempre se lembrar de mim nos momentos de orações;

À amiga Dagmar, pelas palavras de reforço, que foram importantes para a minha vida pessoal e durante o processo de construção desta dissertação;

Ao Ivonildo morador da Vila Monticelli pela atenção;

Aos moradores da Vila Monticelli, pela acolhida quando me receberam e permitiram entrar em suas casas e pela colaboração por terem respondido aos questionários e aos que me concederam as entrevistas;

Aos Professores do curso de mestrado, em especial ao meu orientador, Prof. Dr. José Paulo Pietrafesa por ter aceito acompanhar este trabalho e Prof^a Dra. Elane Peixoto pelas valorosas contribuições;

Ao Prof. Dr. Aristides Moysés, que antes de ser professor já era meu amigo, pelas palavras de incentivo e à sua esposa Marise, pelo tempo que se dedicou a mim;

Ao Prof. Dr. Hartmut Günther pela atenção a mim dispensada na ocasião em que me recebeu no Laboratório de Psicologia Ambiental da UNB;

Aos técnicos, da SEMMA (atualmente AMMA - Adv. Tatiane Oliveira) e SMO/COMOB (Arq^a. Aline, Arq^a. Leonice e Ass. Social Vânia), que repassaram as informações de grande valia para a construção desta dissertação;

À Deusilene que prontamente me socorreu, quando os equipamentos (computador e impressora) tornavam uma ameaça para o andamento do trabalho;

À Mell, Secretária do Mestrado, por providenciar nosso cafezinho e chá durante as aulas;

Ao Magalhães, colega de trabalho e mestrado, pelas colaborações durante o desenvolvimento desta dissertação e pelas palavras reforçadoras;

À todas as pessoas que não foram citadas, mas que de alguma forma contribuíram comigo para que pudesse concluir esta dissertação.

EPÍGRAFE

*“Pelo menos em uma vez na vida, todo homem (...) deveria dedicar-se a conhecer um determinado lugar, olhar para ele de tantos ângulos quanto lhe fosse possível, perguntar-se sobre ele e permanecer nele. Ele deveria se imaginar tocando-o com as mãos a cada estação do ano e escutar os sons que ele produz. Ele deveria imaginar as criaturas que fazem parte dele e todos os movimentos quase imperceptíveis do vento. Ele deveria recordar o brilho do meio-dia e as cores do alvorecer e do crepúsculo.” N. Scott Momaday, *The Way to Rainy Mountain*, p.83, apud David W. Orr.*

RESUMO

O ser humano estabelece vínculos afetivos com outras pessoas e também com o lugar de morar. Para explicar esta relação e verificar a existência de apego pelo bairro, se fez necessário levantamento bibliográfico, utilizando-se um conjunto de autores de diversas áreas, destacadamente das áreas de geografia e psicologia, com pequena investigação na área da sociologia. Este material de cunho investigativo foi base para as reflexões dos dados obtidos em pesquisa de campo, realizada com moradores da Vila Monticelli na cidade de Goiânia-Go. Segundo o geógrafo Tuan (1980) a relação afetiva da pessoa com um lugar é denominada Topofilia e pode ocorrer por conseqüência da familiaridade com o local. De acordo com Giuliani (2004), quando a pessoa permanece por muito tempo no mesmo lugar pode desenvolver um apego por ele e define como sendo a ligação afetiva entre o indivíduo e o lugar, a vontade de estar próximo à ele. Este lugar, para a pesquisa, refere-se ao bairro onde as pessoas passam grande parte de sua vida, estabelecem relações sociais e se identificam com ele. Podem-se apegar ao bairro pela ligação emocional, relacionada com laços parentais, história de vida no local ou com a identidade com o lugar e, também pela ligação funcional, relacionada com a satisfação de necessidades básicas que o bairro proporciona como ficou evidenciado no final deste estudo.

Palavras-chave: Psicologia Ambiental. Topofilia. Apego e Lugar. Bairro da cidade de Goiânia.

ABSTRACT

The human being establishes affective ties each others and also with the place where lives. To explain this relation and verify the existence of affection by the neighborhood, was necessary a bibliographic survey, using several authors from different areas, mainly from geography and psychology areas with a small survey in the sociology area. This investigative material was the base for the reflexion from the collected data in the field research performed with Monticelli village residents in the Goiânia city in Goiás state. According to the geographer Tuan (1980) the person affective relation with a place is denominated Topofily and can happen as a result from a familiarity with the local. According to Giuliani (2004), when a person stays for a long time in the same place can develop an attachment by it and defines as an affective link between the person and the place, the desire to be near it. This place for the survey refers to the neighborhood where the persons live for a long time, establish social relations and identify with it. They can become fond of the quarter by the emotional link related with the relative ties, life history in the place or with the local identity and also by the functional connection , related with the satisfaction of basic necessities that the neighborhood offers, as was evidenced at the end of this study.

Key words: Environmental Psychology. Topofily. Attachment an Place. Goiânia City Neighborhood.

LISTA DE TABELAS

NÚMERO	TÍTULO	PÁG.
Tabela 1	- Quantitativo de pessoas residentes, por sexo na Vila Monticelli Goiânia em 2000.....	87
Tabela 2	- Quantitativo de pessoas residentes, por grupo de idade - Vila Monticelli - Goiânia em 2000.....	88
Tabela 3	- Quantitativo de pessoas residentes alfabetizadas e não alfabetizadas de cinco anos de idade ou mais, por sexo na Vila Monticelli - Goiânia em 2000.....	88
Tabela 4	- Quantitativo de pessoas residentes alfabetizadas de cinco de anos de idade ou mais, por grupos de idade na Vila Monticelli - Goiânia em 2000.....	89
Tabela 5	- Quantitativo de domicílios particulares e coletivos na Vila Monticelli - Goiânia em 2000.....	89
Tabela 6	- Quantitativo de domicílios particulares permanentes por tipos na Vila Monticelli - Goiânia em 2000.....	90
Tabela 7	- Quantitativo de pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes segundo a faixa de renda na Vila Monticelli - Goiânia em 2000.....	90
Tabela 8	- Quantitativo de domicílios particulares permanentes, por número de moradores na Vila Monticelli - Goiânia em 2000.....	91
Tabela 9	- Quantitativo de domicílios particulares permanentes, por forma de abastecimento de água, existência de banheiro ou sanitário, tipo de esgotamento sanitário e destino do lixo na Vila Monticelli - Goiânia em 2000.....	91
Tabela 10	- Quantitativo de estabelecimentos por setor de atividade na Vila Monticelli - Goiânia em 2006.....	92
Tabela 11	- Quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia do grupo que "vai sair" referente à resposta dada se há 05 anos alguém perguntasse se ele concordava em mudar da área, qual resposta daria.....	115
Tabela 12	- Quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia do grupo que "vai sair" referente ao que os mesmos pensam hoje sobre a mudança.....	116
Tabela 13	- Quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao que consideram mais importante em relação ao bairro	122

LISTA DE FIGURAS

NÚMERO	TÍTULO	PÁG.
Figura 1 -	Quadro da cronologia dos principais estádios da psicologia ambiental.....	25
Figura 2 -	Casas do Programa Habitar Brasil - OGU/1998.....	75
Figura 3 -	Programa Pró-Moradia/97 - Cidade Legal.....	76
Figura 4 -	Programa Pró-Moradia/97 - Jardim Goiás.....	77
Figura 5 -	Programa Habitar Brasil/BID - Projeto Dom Fernando.....	77
Figura 6 -	Programa Morar Melhor - OGU/2000.....	78
Figura 7 -	Construção das Casas/ Programa PSH.....	79
Figura 8 -	Construindo com Você – Setor Eldorado Oeste.....	79
Figura 9 -	Programa Construindo com Você - Setor Estrela D’Alva.....	80
Figura 10 -	Ilustração das casas – I.....	81
Figura 11 -	Ilustração das casas – II.....	82
Figura 12 -	Ilustração das casas – III.....	82
Figura 13 -	Foto aérea do bairro/área de posse/2002.....	85
Figura 14 -	Mapa da Região Central de Goiânia.....	86
Figura 15 -	Mapa – Contorno do bairro e limites de bairros vizinhos.....	87
Figura 16 -	Distribuição Espacial de Equipamentos de Saúde, Educação, Lazer e Igrejas localizados no entorno e na Vila Monticelli.....	93
Figura 17 -	Distribuição Espacial dos Equipamentos Comerciais e Feira localizados no entorno e na Vila Monticelli.....	94
Figura 18 -	Linhas de Transporte Coletivo Urbano do entorno da Vila Monticelli.....	95
Figura 19 -	Recorte da Área de Posse.....	96
Figura 20 -	Degradação ambiental (esquerda) e Criação de porcos de forma irregular (direita)	97
Figura 21 -	Precariedade das edificações/proximidade com a água (esquerda) e Precariedade das edificações (direita).....	98

NÚMERO	TÍTULO	PÁG.
Figura 22 -	Precariedade das edificações/proximidade com a água.....	99
Figura 23 -	Acesso às moradias/vias de circulação interna.....	99
Figura 24 -	Portão de acesso da Chácara (esquerda) e Casa da chácara (direita).....	100
Figura 25 -	Ligação de energia elétrica (esquerda) e Lançamento de esgoto clandestino (direita).....	100
Figura 26 -	Lixo (esquerda) e Poluição do Veio d'água (direita).....	101
Figura 27 -	Distância da Vila Monticelli ao Residencial Santa Fé I.....	102
Figura 28 -	Quadro do percentual do total das variáveis de interesse, segundo as 5 perguntas selecionadas do questionário do grupo que "vai sair".....	108
Figura 29 -	Quadro do percentual do total das variáveis de interesse, segundo as 5 perguntas selecionadas do questionário do grupo que "vai ficar".....	109
Figura 30 -	Quadro do percentual do total das variáveis de interesse, segundo as 5 perguntas selecionadas do questionário do grupo "área regularizada".....	110
Figura 31 -	Gráfico do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao questionamento se morou sempre neste local.....	112
Figura 32 -	Gráfico do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao tempo de residência neste local.....	113
Figura 33 -	Gráfico do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia do grupo que "vai sair" referente ao gosto pelo local, segundo o tempo de residência dos mesmos.....	114
Figura 34 -	Gráfico do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia do grupo que "vai sair" referente à vontade de permanência no local, segundo o tempo de residência dos mesmos	114
Figura 35 -	Gráfico do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao conhecimento da localização do bairro Residencial Santa Fé I para onde as famílias serão transferidas.....	118
Figura 36 -	Gráfico do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia do grupo que "vai sair" referente à preferência ou não de continuar tendo os mesmos vizinhos....	119
Figura 37 -	Gráfico do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia do grupo que "vai sair" referente ao gosto pelo lugar onde mora.....	121

LISTA DOS APÊNDICES

APÊNDICE	TÍTULO	PÁG.
A	Gráfico do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao sexo.....	141
B	Gráfico do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao estado civil dos mesmos.....	141
C	Gráfico do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente à idade dos mesmos.....	141
D	Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao estado de origem dos mesmos.....	142
E	Gráfico do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente à naturalidade dos mesmos.....	142
F	Gráfico do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente à frequência escolar dos mesmos.....	143
G	Tabela do percentual de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente à escolaridade dos mesmos.....	143
H	Gráfico do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente à frequência escolar em supletivo dos mesmos.....	143
I	Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente à profissão dos mesmos.....	144
J	Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente à ocupação dos mesmos.....	145
L	Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente aos bairros de origem dos mesmos.....	146
M	Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente aos parentes que moram na mesma área.....	147
N	Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao motivo pelo qual os mesmos escolheram o bairro para morar.....	147
O	Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente do grupo que “vai sair” quanto aos 3 motivos pelos quais os mesmos preferem permanecer neste bairro.....	148

APÊNDICE	TÍTULO	PÁG.
P	Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente do grupo que “vai sair” quanto aos 3 motivos pelos quais os mesmos preferem mudar deste bairro.....	149
Q	Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente do grupo que “vai ficar” quanto aos 3 motivos pelos quais os mesmos preferem permanecer neste bairro.....	150
R	Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente do grupo que “vai ficar” quanto aos 3 motivos pelos quais os mesmos preferem mudar do bairro.....	150
S	Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente do grupo da “área regularizada” quanto aos 3 motivos pelos quais os mesmos preferem permanecer neste bairro.....	151
T	Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente do grupo da “área regularizada” quanto aos 3 motivos pelos quais os mesmos preferem mudar deste bairro.....	152
U	Gráfico do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente à situação do imóvel dos mesmos.....	152
V	Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente à pessoa que construiu a casa na qual os mesmos moram.....	153
X	Gráfico do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao número de moradores estudantes que moram com os mesmos.....	153
Z	Quadro da Relação de bairros que os moradores da Vila Monticelli em Goiânia estudam.....	154
AA	Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao meio de transporte utilizado pelos mesmos para ir ao trabalho.....	154
AB	Gráfico do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente à renda do grupo familiar dos mesmos.....	154
AC	Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia e os locais que costumam freqüentar para o lazer.....	155
AD	Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente do grupo que “vai ficar” quanto ao que pensam sobre a mudança dos vizinhos para o bairro Residencial Santa Fé I.....	155

APÊNDICE	TÍTULO	PÁG.
AE	Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente do grupo que “vai ficar” quanto ao que acham quanto ao tempo de retorno de alguns dos transferidos ao bairro.....	156
AF	Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao grupo que “vai ficar” quanto ao que acham do retorno de alguns dos transferidos ao bairro.....	156
AG	Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente do grupo da “área regularizada” quanto se os mesmos acham que alguns dos transferidos retornarão ao bairro.....	157
AH	Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao grupo da “área regularizada” sobre o que os mesmos acham quanto ao tempo de retorno de alguns dos transferidos ao bairro.....	157
AI	Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente à vontade dos mesmos em alterar sua casa.....	158
AJ	Gráfico do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao número de cômodos na residência dos mesmos.....	158
AL	Gráfico do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao número de pessoas que residem na casa dos mesmos.....	159
AM	Gráfico do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao tipo de banheiro existente na casa dos mesmos.....	159
AN	Questionário a ser aplicado aos Moradores da área de posse da Vila Monticelli – Goiânia/GO que serão removidos pela Prefeitura.....	160
AO	Questionário a ser aplicado aos Moradores da área de posse da Vila Monticelli – Goiânia/GO que irão permanecer no local.....	164
AP	Questionário a ser aplicado aos Moradores da área regularizada da Vila Monticelli – Goiânia/GO.....	168
AQ	Roteiro das entrevistas.....	170
AR	Entrevista nº 01.....	171
AS	Entrevista nº 02.....	174
AT	Entrevista nº 03.....	176

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 DO ESPAÇO AO LUGAR	21
1.1 A Psicologia Ambiental	22
1.1.1 <i>Como e onde surgiu</i>	22
1.1.2 <i>Definição e aplicação da Psicologia ambiental.....</i>	29
1.2 Topofilia	37
1.3 Do Espaço ao Lugar	41
2 MOMENTOS DE LUTA PELA MORADIA EM GOIÂNIA	60
2.1 Da Esperança à Realização do Sonho	60
2.2 Política Habitacional 1994-2007	70
2.2.1 <i>Política Habitacional no Âmbito Estadual</i>	70
2.2.2 <i>Política Habitacional no Âmbito Municipal</i>	73
3 A VILA MONTICELLI COMO UM LUGAR DE MORAR	85
3.1 A Vila Monticelli	85
3.2 A Área de Posse	96
3.3 Metodologia	103
3.3.1 <i>Definição de Instrumentos para Pesquisa e Delimitação da Amostra</i>	104
3.3.2 <i>Cálculo do Erro Amostral</i>	106
3.3.3 <i>Dificuldades Encontradas para Efetivação da Pesquisa de Campo</i>	110
3.4 A Vila Monticelli como um Lugar de Morar	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133
APÊNDICES	141

INTRODUÇÃO

Esta Dissertação pesquisou a existência de sentimentos afetivos que o ser humano desenvolve pelo lugar, em especial o de moradia. Não só os vínculos sociais e afetivos são os responsáveis por esse sentimento, mas também as características do sítio.

A investigação sobre o tema atentou para a possibilidade de que este sentimento possa estar presente não somente nas pessoas que moram em casas confortáveis situadas em bairros providos de infra-estrutura (asfalto, água, esgoto, energia) e segurança, mas também naquelas que residem em lugares onde está presente a violência, que sofrem com as enchentes em épocas de chuvas e cujas condições de moradias não oferecem conforto.

A escolha do tema está relacionada à remoção de 200 famílias que moram na área de posse da Vila Monticelli, algumas delas há mais de 30 anos, conforme cadastro de levantamento obtido junto ao Departamento de Serviço Social da Companhia e Obras e Habitação do município de Goiânia (COMOB). A Vila Monticelli está localizada na Região Central de Goiânia, aproximadamente a 3 km do centro da cidade e próxima a serviços públicos de saúde, escola, lazer e de avenidas importantes para o sistema viário, o que facilita o deslocamento dos moradores para outros locais, seja por transporte coletivo ou por outro meio de transporte particular. Também pesou na opção pelo bairro o diferencial que a Vila Monticelli possui, ou seja, um grande número de famílias vai ser removido, mas outras 200 vão permanecer onde estão, devendo receber ajuda para a melhoria das suas casas.

Para investigar o tema proposto, a pesquisa foi conduzida a partir do que se considerou como problema no Projeto de Pesquisa, assim identificado: O planejamento de remoção das famílias que moram em situação de risco na Vila Monticelli para um lugar distante de onde residem não considerou a importância do tempo de moradia delas neste lugar. O fato de se levar em conta somente a situação das residências atuais e construir outras habitações em lugar distante do atual pode: Facilitar o retorno ao local de origem? Desencadear danos psicológicos em algumas pessoas que estão no bairro há mais tempo, devido ao rompimento do laço afetivo

com o lugar? Provocar sofrimentos semelhantes aos sentimentos que o ser humano apresenta quando ocorre perda ou separação de uma pessoa próxima?

Na busca de respostas que pudessem explicar os motivos pelos quais as pessoas moram por um longo período no mesmo endereço ou no mesmo bairro e a existência de um vínculo afetivo com o lugar de morar, estabeleceram-se os seguintes objetivos:

- Identificar aspectos positivos que despertam o desejo de permanecer no lugar por vários anos;
- Verificar se, entre os moradores entrevistados, existem alguns que não gostariam de se mudar para o bairro Residencial Santa Fé I, mesmo sendo para casa melhores;
- Saber se os entrevistados participaram, junto com o poder público, da escolha do novo bairro para a construção das casas;
- Saber se, entre os entrevistados, existem moradores que apresentam sentimento afetivo em relação à Vila Monticelli.

Para a execução do trabalho de campo, Lakatos e Marconi (1995) recomendam que se faça um pré-teste com os instrumentos escolhidos para coleta de dados e informações. Neste trabalho foram aplicados questionários piloto numa pequena parte do universo da pesquisa, antes de serem aplicados os definitivos, a fim de se evitar que os resultados fossem falsos.

O estudo foi realizado a partir de dados coletados por meio de questionários e entrevistas orais no campo delimitado. De acordo com Triviños (1987), este tipo de estudo enquadra-se no tipo descritivo, pois se trata de um estudo de caso que, por sua vez, intenta para a necessidade de descrever precisamente como ocorrem determinados fatos ou fenômenos. Este mesmo autor afirma que os estudos de caso têm o objetivo de aprofundar a descrição de determinado fato, possuem o ambiente natural como fonte para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento utilizado para a coleta das informações. Podem, também, ser um dos mais importantes tipos de pesquisa qualitativa, pois pertencem a uma categoria de pesquisa que possui um objeto que sofrerá profunda análise.

Para Minayo (2004), o trabalho de campo constitui uma importante etapa da pesquisa qualitativa. Segundo ela, a definição de Campo consiste no recorte espacial que corresponde à abrangência, em termos empíricos, do recorte teórico

referente ao objeto que está sendo investigado. Ressalta que através da entrevista é possível se obter dados que o pesquisador poderia adquirir de outras fontes de informações tais como o censo, registros civis, etc. e também informações subjetivas, àquelas que se referem às “atitudes, valores e opiniões” do indivíduo entrevistado, conforme colocado também por Günther (2003).

No caso da Vila Monticelli, em Goiânia, a intenção não é saber a quantidade de pessoas que moram lá, mas, sim, se elas desenvolveram um sentimento afetivo pelo lugar. Isto indica, portanto, que a pesquisa é qualitativa.

Considerando-se a idéia de Lakatos e Marconi (2001) sobre o conceito de método dedutivo, que pressupõe a ocorrência de fenômenos a partir das teorias e leis existentes, pode-se afirmar que esta pesquisa enquadra-se neste método. O objetivo é, pois, explicar o conteúdo das proposições acerca de determinado fenômeno, no caso a relação afetiva dos moradores que serão removidos da área localizada na Vila Monticelli com o lugar.

Para a realização da pesquisa, estabeleceram-se grupos amostrais para a aplicação de 76 questionários:

- Moradores da área de posse que serão transferidos para o bairro Residencial Santa Fé I;
- Moradores da área de posse que vão ficar no bairro;
- Moradores da área regularizada do bairro.

Quanto às entrevistas, definiu-se que seriam entrevistadas 04 pessoas de cada grupo, sendo 02 de cada gênero, moradores com idade acima de 70 anos e residentes no local desde o início da ocupação.

Como a definição da amostra nos três grupos foi determinada de maneira aleatória, levando-se em conta percentuais diferentes para cada um dos três grupos, fez-se necessário calcular a margem de erro de cada uma delas. Utilizou-se a estatística para cálculo do erro amostral, baseado na obra de Gil (1999). Foram realizadas leituras de textos relacionados ao tema, pertencentes a diversas áreas do conhecimento como a arquitetura, geografia, sociologia, antropologia e psicologia, dentre outras.

No primeiro capítulo desta Dissertação, encontra-se o referencial teórico de um conjunto vasto de autores que propicia uma melhor compreensão da relação do homem com o ambiente sócio-físico. Destaca-se, também, a Psicologia Ambiental e a Topofilia, para compreender como o espaço se transforma em lugar.

A Psicologia Ambiental surgiu a partir das preocupações que foram apontadas em diversos locais no mundo, acerca dos problemas ambientais que afligem a humanidade e apontam para a degradação ambiental que compromete a vida na terra (FERREIRA, 2004). Este ramo da Psicologia, entretanto, se preocupa também com o estudo do comportamento humano em relação ao meio ambiente sócio-físico e sua reciprocidade.

Em conformidade com o pensamento dos geógrafos humanistas, essa capacidade que o ser humano possui de desenvolver algum tipo de sentimento em relação ao lugar de morar foi definida por Tuan (1980) como Topofilia. Para esse autor, as pessoas relutam para deixarem o bairro em que moram da mesma forma que o fazem em relação aos seus pertences pessoais. Ele também afirma que este sentimento da pessoa em relação ao lugar pode ocorrer pela familiaridade. Segundo Tuan (1980), a pessoa deposita parte de sua vida no bairro, e ser despejada pode significar a perda da segurança e acarretar muito sofrimento. Conforme Orr (2006), esta separação pode ser comparada a uma agressão ao morador, depois que este se vincula a um determinado lugar.

No que diz respeito à relação do indivíduo com o espaço sócio-físico, a Psicologia Ambiental também preocupa-se com os problemas relacionados ao comportamento das pessoas em suas cidades. Para reforçar essa idéia, segundo Relph (1976, apud GIULIANI, 2004), além de favorecer ao homem a capacidade de se relacionar, permite também experimentar uma necessidade de grande relevância, o apego ao lugar.

O conceito de apego ao lugar, segundo a definição de Giuliani (2004, p. 94-95), é o “laço afetivo entre o indivíduo e o lugar e o desejo de estar próximo a esse local”. Segundo Payton (2003), muitos tipos de apego foram sugeridos por Shumaker e Taylor (1983), porém dois são destacados: o apego funcional e o apego emocional.

Ao segundo capítulo coube refletir sobre os momentos de luta pela moradia em Goiânia. A batalha para se adquirir um lote nesta cidade, conforme descrito no referido capítulo, envolveu movimentos organizados e muitos conflitos entre as partes interessadas. De um lado, o povo, e do outro, o poder público, representado pela força policial. A repressão, entretanto, não foi suficiente para impedir a concretização do fato, surgindo, primeiramente, o bairro Nova Esperança. Passados alguns anos, na década de 1990, surgiu outro bairro, fruto de um

movimento organizado por meio de cooperativa que adquiriu a terra e repassou os lotes aos cooperados. Para alguns, certamente, corresponde ao Vale dos Sonhos. Destacam-se, neste capítulo, os programas habitacionais para famílias de baixa renda moradoras em áreas de risco, implantados em Goiânia no período compreendido entre os anos de 1994 – 2007.

No terceiro capítulo, encontram-se dados da Vila Monticelli referentes à sua localização geográfica; perfil demográfico quanto ao sexo; número de residentes; residentes alfabetizados e não-alfabetizados; residentes alfabetizados por grupo de idade; informações sobre total de domicílios particulares e permanentes; total de domicílios particulares por forma de abastecimento de água, existência de banheiro ou sanitário, tipo de esgotamento sanitário e destino do lixo, conforme o Censo de 2000 (PREFEITURA DE GOIÂNIA/SEPLAM, 2002).

Sobre a área de posse, constam informações quanto à realidade a que os moradores estão expostos, condições de acesso às casas e qualidade das moradias, convivência com o lixo e a agressão que o meio ambiente sofre pela ação e ocupação indevida por parte dos moradores.

Também neste capítulo encontra-se a descrição da metodologia da pesquisa. Quanto ao resultado da mesma, pode-se afirmar que os moradores demonstraram, por meio de suas respostas, a existência de apego pelo lugar em que moram. Pelo que se pôde perceber, este apego está relacionado à satisfação das necessidades básicas proporcionada pela Vila Monticelli, o que se denomina apego funcional (SCHREYER, JACOB, e WHITE, 1981; STOKOLS e SHUMAKER, 1981; WILLIAMS e ROGGENBUCK, 1989, apud PAYTON, 2003). O outro tipo de apego, o emocional (SCHREYER, *et al.*, 1981; WILLIAMS e ROGGENBUCK, 1989; (WILLIAMS, *et al.*, 1992 apud PAYTON, 2003), está evidenciado na proximidade dos moradores com outros familiares na mesma área e na sua história de vida no bairro, o que também se relaciona à identidade com o lugar. Para esses moradores, portanto, a Vila Monticelli era um espaço que se tornou um lugar de morar.

1 DO ESPAÇO AO LUGAR

As reflexões sobre espaço e lugar fazem parte da preocupação de um vasto campo científico. Pode ser visto nas áreas da Geografia, Sociologia, Psicologia, para citar apenas alguns deles. Como a Psicologia se interessa também pelo estudo do comportamento, para melhor compreender a relação do homem com o ambiente sócio-físico, partindo-se do pressuposto de que o ser humano possui a capacidade de estabelecer vínculos com um lugar, ela oferece conteúdo para subsidiar a compreensão da inter-relação entre homem x ambiente.

A Psicologia, em sua origem, enquanto espaço científico, fazia parte da Filosofia. A separação desses dois campos de estudos aconteceu no decorrer do século XIX, com o objetivo de se constituir a primeira como disciplina científica. Segundo Richelle (1998), foi na Alemanha que ocorreram as primeiras tentativas de submeter ao método científico fenômenos psíquicos que eram subordinados à psicologia filosófica. Além de se difundir por toda a Europa, a Psicologia desenvolveu-se de forma extraordinária nos Estados Unidos no século XX. Com o decorrer dos anos, foi atribuído à Psicologia um novo objeto de estudo, o comportamento. Os campos de atuação do psicólogo avançaram, e o profissional passou a atuar em diversas áreas como em clínicas, na educação, em indústrias, na área social e, também, como psicólogo ambiental.

A Psicologia Ambiental possui uma história recente, porém relevante, exatamente por estudar a relação do homem com o ambiente sócio-físico. Essa relação se dá de forma pacífica ou nociva, podendo causar efeitos desastrosos ou irreparáveis à natureza. Vale ressaltar que a Psicologia Ambiental surgiu a partir das preocupações e da conseqüente conscientização, por parte da sociedade, sobre os riscos e danos que o crescimento demográfico, a poluição e a degradação ambiental podem causar à vida da espécie humana.

Como o homem está em constante interação com o ambiente, seja ele natural ou construído, desenvolve-se uma relação que pode resultar num sentimento afetivo pelo lugar, que Tuan (1980) define como Topofilia. No estudo em questão, esse sentimento está relacionado ao lugar de morar.

À medida que o homem interage com o ambiente, percebendo e apropriando-se dos espaços, tais espaços vão se transformando em lugares que são

dotados de valores e sentimentos, surgindo assim os bairros, onde os moradores estabelecem relações familiares e sociais.

1.1 A Psicologia Ambiental

1.1.1 Como e onde surgiu

A constante interação do homem com o ambiente sócio-físico resultou em diversas mudanças no meio ambiente. Juntamente com a percepção dessas mudanças, surgiram os discursos voltados para a preocupação com a degradação da natureza representada pelo aquecimento global, escassez de recursos naturais, poluição da água e do ar e o crescimento populacional acelerado em países subdesenvolvidos, fatores estes que comprometem a vida do homem na terra. Assim, dirigentes de diversas nações reuniram-se em conferências, dentre elas a de Estocolmo, na Suécia¹, em 1972, denominada Conferência sobre o Meio Ambiente Humano, para discutirem temas relacionados com a sustentabilidade ambiental. Além dessa conferência, em outros momentos aconteceram discussões sobre a temática ambiental, coincidindo com o surgimento da Psicologia Ambiental.

Além das preocupações relacionadas a situações que afligem a vida do homem no curto e longo prazo, também ocorreram reuniões para discussão e tomada de decisões. Dentre elas, ressalte-se o Clube de Roma², que tinha o intuito de levantar problemas e apontar alternativas para minimizá-los ou solucioná-los.

¹ Sobre o tema, ver RIBEIRO, C. W. **A ordem ambiental nacional**. São Paulo: Contexto, 2001.

² “Clube de Roma nasceu da idéia de Aurélio Peccei, industrial italiano que reuniu, em 1968, um grupo de trinta pessoas de dez países – cientistas, educadores, economistas, humanistas, industriais e funcionários públicos de nível nacional e internacional [...] para discutir [...] os dilemas atuais e futuros do homem.” (MEADOWS, 1973: 9-10, apud RIBEIRO, 2001, p 89-90). Ribeiro (p.90) enfatiza que “entre os seus objetivos estava o de produzir um diagnóstico da situação mundial e apontar alternativas para os líderes mundiais”. Souza (2005, p.82) menciona que o “Clube de Roma é uma organização internacional cuja missão é agir como catalisador de mudanças globais, livres de quaisquer interesses políticos, econômicos ou ideológicos. É uma organização não-governamental, sem fins lucrativos” constituída por personalidades de diferentes áreas de atuação e do conhecimento, com o propósito de analisar os problemas que afligem a humanidade. Afirma ainda que o Clube de Roma está fundamentado por três princípios: “a interdependência das nações na resolução de problemas; o pensamento holístico nos problemas de longo prazo, problemas estes às vezes relegados a segundo plano no escopo político de gerenciar questões urgentes; e uma abordagem multidisciplinar na análise de soluções para as futuras gerações.” (SOUZA, 2005, p.82).

Essa organização, juntamente com o *Massachusetts Institute of Technology*, elaborou um relatório que influenciou nas discussões sobre o Meio Ambiente, intitulado “Os Limites para o Crescimento” (MEADOWS, 1973, apud RIBEIRO, 2001). Segundo Tayra (2002), esse relatório alertava para o crescente aumento do consumo mundial que, certamente, provocaria uma crise no ecossistema. Suas preocupações fundamentavam-se em cinco parâmetros: crescimento da indústria, crescimento populacional em elevação, produção de alimentos em quantidade insuficiente para suprir as necessidades da população, colapso dos recursos naturais não renováveis e degradação do meio ambiente de caráter irreversível.

Após várias discussões sobre o aumento populacional, Ribeiro (2001) relata que esse grupo concluiu que seria necessário adotar políticas voltadas para o aspecto demográfico, tendo como alvo o controle do crescimento populacional. Para controlar a taxa de natalidade em países como a Índia, México e Brasil, as alternativas apontadas foram a laqueadura de trompas e a distribuição de medicamentos anticoncepcionais. Ribeiro comenta que outro alvo de preocupação dos dirigentes e importante tema discutido na Conferência sobre o Meio Ambiente Humano foi a qualidade do meio ambiente.

Percebe-se que os problemas ambientais e a ação do homem sobre a natureza foram abordados e discutidos em situações e épocas diferentes, como no Clube de Roma em 1968 e, posteriormente, na Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD)³, da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1983, quando se discutiu acerca dos problemas de natureza ambiental e foram elaboradas propostas de cunho realista que derivaram no Relatório Brundtland, que levou o nome de “Nosso Futuro Comum”, lançado em 1987. Este, por sua vez, criou as bases e a conceituação de desenvolvimento sustentável, que se tornaram a “linha mestra” da Agenda 21⁴. (TAYRA, 2002).

³ A Comissão Mundial Sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento – CMMAD – foi criada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) no ano de 1983 e presidida pela então primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland. Teve como propósito reexaminar as questões relativas ao meio ambiente e de desenvolvimento, com a finalidade de sugerir nova compreensão do problema e apontar propostas de natureza realista. Também caberia a esta Comissão a proposição “de novas normas de cooperação internacional que pudessem orientar políticas e ações internacionais de modo a promover as mudanças que se faziam necessárias.” (WCED, 1987, p. 4, apud TAYRA, 2002).

⁴ Agenda 21 – trata-se de um programa de ação em matéria de meio ambiente e desenvolvimento. Nele constam “tratados em áreas que afetam a relação entre o meio ambiente e a economia, como: atmosfera, energia, desertos, oceanos, água doce, tecnologia, comércio internacional e população”. Foi assinado e aprovado pelos representantes de 175 nações, durante a CNUMAD/1992. Trata-se de

Outro momento de discussão, de acordo com Tayra (2002), aconteceu na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD)⁵, também conhecida como “Rio-92” ou “Eco-92”, quando se buscou o consenso para a operacionalização do que se conceituou “desenvolvimento sustentável”.

Em meio às necessidades de medidas e alternativas para solucionar os problemas ambientais, entra em cena a Psicologia Ambiental como mais um ator para atuar nesse complicado cenário que está em constante evidência. Em todas essas reuniões citadas anteriormente, os participantes evidenciaram a conscientização acerca dos problemas ambientais que impulsionaram a Psicologia Ambiental (ARAGONÉS e AMÉRIGO, 2000, tradução nossa)⁶. Segundo esses autores, o ambiente é tudo que rodeia as pessoas e, para Richelle (1998, p. 51), ambiente é o “conjunto das condições exteriores a um organismo, capazes de influenciá-lo. [...] meio em que o organismo vive e interage”.

Essa nova área da Psicologia, denominada “Psicologia Ambiental”, desenvolveu-se no período que compreende o final dos anos de 1950 e toda a década de 1960, tanto na América como na Europa. Segundo vários autores, o enfoque inicial consistia no interesse pelas características físicas do ambiente que exerciam influência sobre o comportamento humano (PROSHANSKY, et. al., 1979, apud CARRUS, FORNARA e BONNES, 2005, tradução nossa)⁷. Posteriormente, a área de interesse buscou outros pontos de estudos e passou a incluir questões como “a interface entre o comportamento humano e sócio-físico” (STOKOLS, 1978; STOKOLS e ALTMAN, 1987 apud CARRUS, FORNARA e BONNES, 2005, tradução nossa)⁸.

um documento ético, político, firmado por parte daqueles que defendem a despoluição do planeta e um novo modelo sustentável, de forma que o meio ambiente não seja agredido e os recursos, preservados (GADOTTI, 2002).

⁵ A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), realizada no Rio de Janeiro de 03 a 14 de julho de 1992, representou, segundo Gadotti (2002, p. 2), o “maior encontro internacional de cúpula de todos os tempos, com a participação de 175 países e 102 chefes de estado e de governo”.

⁶ [...] desarrollo de la Psicología Ambiental [...] sobre los problemas sociales del momento tales como: la calidad del ambiente físico, las consecuencias ambientales y sobre la salud de la contaminación atmosférica [...] (ARAGONÉS e AMÉRIGO, 2000, p. 32).

⁷ O enfoque inicial desta nova área de investigação residia nas características físicas do ambiente, ou <<contextos físicos>> que influenciam os processos psicológicos e comportamentos humanos (PROSHANSKY, et. al., 1979, apud CARRUS, FORNARA e BONNES, 2005, p.67).

⁸ Mais tarde, esse enfoque alargou-se de modo a incluir questões mais vastas que foram definidas como a <<interface entre o comportamento humano e o ambiente sócio-físico>>. (STOKOLS, 1978; STOKOLS e ALTMAN, 1987 apud CARRUS, FORNARA e BONNES, 2005, p.67).

A Figura 1 demonstra a cronologia que, segundo Carrus, Fornara e Bonnes (2005), aponta os principais acontecimentos que resultaram na Psicologia Ambiental:

Figura 1 - Quadro da cronologia dos principais estádios da psicologia ambiental	
1958	Formação do grupo de investigação de Ittelson & Proshansky na City University de Nova Iorque
1959	Publicação do relatório de Ittelson << Factors Influencing the Design and Function of Psychiatric Facilities>>.
1964	Ittelson usa pela primeira vez a expressão << psicologia ambiental >> na Conferência de Nova Iorque da American Hospital Association sobre o planeamento hospitalar.
1968	Criação da Environmental Design Reserch Association (EDRA).
1968	Abertura da primeira escola de estudos graduados de Psicologia Ambiental na City University de Nova Iorque.
1969	Pimeira Conferência Anual da EDRA.
1969	Início da publicação da primeira revista de psicologia ambiental <i>Environment and Behavior</i> (E & B).
1970	Publicação do primeiro livro com a expressão << Psicologia Ambiental >> no título: <i>Environmental Psychology: Man and His Physical Settings</i> , organizado por Proshansky, Ittelson & Rivlin.
1970	Publicação do capítulo de Craik << Psicologia Ambiental >> na coleção <i>New Directions in Psychology</i> .
1970	Publicação do Artigo de Wohwill << The Emerging Discipline of Envoronmental Psychology >> na revista <i>American Psychologist</i> .
1973	Publicação do primeiro artigo da <i>Annual Review of Psychology</i> dedicado ao campo da psicologia ambiental da autoria de K. Craik.
1973	Criação do primeiro Curso de Mestrado em psicologia ambiental na Europa, na Universidade de Surrey (UK).
1976	Formação da divisão de << Psicologia da População e Ambiental >> na American Psychological Association (APA).
1978	Publicação de um artigo sobre psicologia ambiental na <i>Annual Review of Psychology</i> , da autoria de D. Stokols.
1981	Início da publicação do <i>Journal of Environmental Psychology</i> (JEP).
1981	Fundação da International Association for the Study of People and their Physical Surroundings (IAPS), actualmente designada International Association for People - Environment Studies.
1982	Publicação de um artigo sobre psicologia ambiental na <i>Annual Review os Psychology</i> , da autoria de J. Russell & L. Ward.
1982	Formação da divisão de << Psicologia Ambiental >> na International Association of Applied Psychology (IAAP).
1986	Publicação de um artigo sobre psicologia ambiental na <i>Annual Review of Psychology</i> , da autoria de C. Holahan.
1987	Publicação de <i>Handbook of Environmental Psychology</i> , dirigida por D. Stokols e I. Altman.
1987	Publicação de um artigo sobre psicologia ambiental na <i>Annual Review of Psychology</i> , da autoria de S. Saegert & G. Winkel.
1996	Publicação de um artigo sobre psicologia ambiental da <i>Annual Review of Psychology</i> , da autoria de E. Sundstrom, P. Bell, P. Busby & C. Amus.
2002	Publicação de um novo <i>Handbook of Environmental Psychology</i> , organizado por R. Bechtel e A.Churchman.
Fonte: Carrus, Fornara & Bonnes (2005, p. 69)	

Os Estados Unidos são considerados o berço da Psicologia Ambiental. Lá foram lançados os seus fundamentos e proposta pela primeira vez a expressão Psicologia Ambiental (CARRUS, FORNARA e BONNES, 2005; SOCZKA, 2005, tradução nossa)⁹. O termo foi introduzido por Ittelson, em 1964, na Conferência da American Hospital Association sobre Planejamento Hospitalar, realizada na cidade de Nova Iorque, com a publicação *Psicologia Ambiental e Planejamento Arquitetônico*. Segundo esses autores, a expressão tornou-se inclusiva da “*psicologia arquitetural*”, utilizada para investigar uma área similar¹⁰.

Conforme consta na publicação de Günther e Rozestraten (2004), foi em vários lugares dos EUA, na década de 1970, que a Psicologia Ambiental começou a se firmar. Esses autores mencionam Moore (1987), que afirma ter sido no ano de 1950 que a Psicologia Ambiental mostrou suas raízes, evidências essas também encontradas em estudos de Festinger, Schachter e Bach.

Nova Iorque foi um dos lugares onde a Psicologia Ambiental surgiu, conforme Günther e Rozestraten (2004). Lá, Ittelson e Proshansky começaram a desenvolver estudos no ano de 1958, com o objetivo de investigar o contexto espacial e arquitetônico de um hospital psiquiátrico e sua influência sobre o comportamento de doentes mentais. Günther e Rozestraten (2004) relatam que outro lugar dos Estados Unidos onde a Psicologia Ambiental surgiu, conforme mencionado por Lévy-Leboyer, foi o *Massachusetts Institute of Technology*, lugar onde Lynch, juntamente com sua equipe, estudaram a percepção do espaço urbano, o que resultou na edição do livro “*The image of the city*” (1960/1988) (p.3).

No ano de 1967, a história registra o surgimento, nos EUA, da disciplina Psicologia Ambiental em um outro nível, com a fundação do programa de doutorado nessa área de conhecimento na City University of New York, sob a responsabilidade de Proshansky. Porém, Altman e Christensen (1990, p.1, apud GÜNTHER e ROZESTRATEN, 2004) afirmam que essa disciplina voltada para os problemas

⁹ Consideram-se frequentemente os EUA como o principal berço da PA, devido várias iniciativas sistemáticas aí realizadas com o objectivo de lançar os seus fundamentos e desenvolvimentos, ainda porque foi nos EUA que pela primeira vez foi proposta a expressão de PA. (CARRUS, FORNARA e BONNES, 2005; , p. 67-68).

¹⁰ Ittelson introduziu também a expressão <<psicologia ambiental>> pela primeira vez em 1964 na Conferência da American Hospital Association sobre planejamento hospitalar realizada em Nova Iorque. A comunicação intitulava-se <<Environmental Psychology and Architectural Planning>> (Psicologia Ambiental e Planejamento Arquitetónico) [...] A expressão PA tornou-se então inclusiva da expressão anterior de <<psicologia arquitetural>> que já então era utilizada para investigar uma área de investigação similar. (CARRUS, FORNARA e BONNES, 2005, p. 68).

ambientais surgiu nas décadas de 1960 e 1970, como também foi no ano de 1970 que aconteceu o Dia da Terra¹¹, que culminou em uma atitude pública voltada para as questões ambientais.

Na Alemanha, segundo Pol (1988, tradução nossa)¹², a primeira formulação com o nome específico de Psicologia Ambiental foi em 1924, introduzida por Willy Hellpach logo após a primeira guerra mundial na obra *Psychologie der Umwelt* (Psicologia Ambiental). Nessa obra, o espaço ambiental é dividido em termos de fatores naturais (fatores geopsicológicos), comunitários (fatores psicossociais) e do mundo construído, posteriormente especificado como objeto da tecnopsicologia. Em 1970, o termo Psicologia Ecológica ganha preferência, e Pol (1988, tradução nossa)¹³ menciona que tanto Kaminski (1976) quanto Kruse e Graumann (1984) advertem para uma diferenciação terminológica entre os dois momentos. Durante os anos 1920, houve preferência pelo termo “Psicologia Ambiental” e, durante os anos 1970, “Psicologia Ecológica ou Ecopsicologia”, sendo este último mais abrangente.

De acordo com Kruse e Graumann (apud POL, 1988, tradução nossa)¹⁴, quatro processos favoreceram o surgimento da Psicologia Ambiental na Alemanha: os efeitos da reconstrução das cidades alemãs após a guerra; o crescimento da problemática ambiental; o aumento da insatisfação (validade ecológica) dentro da psicologia experimental, até então predominante, e, por último, o surgimento da Psicologia Ambiental nos Estados Unidos.

Em outros países da Europa, como na França, os estudos começaram a se desenvolver nos anos 1960, mas Jodelet qualifica os trabalhos como

¹¹ Criado em 1970, dia 22 de abril, quando o Senador norte-americano Gaylord Nelson convocou para o primeiro protesto nacional contra a poluição. Esse dia levou à criação da Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos. (ver Mônica Pinto /Ambiente Brasil, 2007).

¹² En 1924, después de la primera guerra mundial, Abderhalden publica um *Manual de métodos biológicos*, cuyo tercer volumen se titulaba *Psychologie der Umwelt* <<Psicologia Ambiental>> editado (compilado) por Willy Hellpach (1877-1955). Divide el entorno em tres círculos, el natural o de los <<Factores geopsicológicos>>, el comunitário o de los <<Factores psicossociales>> y el <<Mundo construído>>, que más adelante especificará como objeto de la <<tecnopsilología>>. (POL, 1988, p. 107).

¹³ Si durante los años veinte se habla explícitamente de Psicología Ambiental (Hellpach, 1924), em los años setenta parece haber preferencia por el término <<Psicología Ecológica>> o <<Ecopsicología>> como más amplio. (POL, 1988, p. 105).

¹⁴ Kruse y Graumann destacan cuatro factores que favorecem este processo: 1) Los efectos de la reconstrucción de la pós-guerra de las ciudades alemanas, 2) el crecimiento de la problemática ambiental, 3) el crecimiento de la inquietud por la <<validade ecológica>> dentro de la psicología experimental predominante, 4) el surgimiento de la Psicología Ambiental em los EEUU. (POL, 1988, p. 108).

multidisciplinares, pois não foram desenvolvidos diretamente pela Psicologia Ambiental, mas em caráter interdisciplinar com outras áreas compostas por arquitetos, urbanistas, geógrafos (POL, 1988, tradução nossa¹⁵; GÜNTHER e ROZESTRATEN, 2004).

Mais adiantados foram os estudos realizados na Suécia. Küller (1987) afirma esse pioneirismo no ano 1940. Na Holanda, porém, segundo Stringer e Kremer (1987), chegou bem depois, no ano de 1962. Posteriormente surgiu na Austrália, na década de 1970, conforme Thorne e Hall (1987) (apud GÜNTHER e ROZESTRATEN, 2004). Na República da Estônia, na antiga União Soviética, apareceu em estudos elaborados por Toomas Niit, do Departamento de Sociologia, e por Jüori Kruusvall e Matic Heidmets, ambos da Unidade de Estudos Ambientais do Instituto Pedagógico, publicados em 1981 no *Journal of Environment Psychology*.¹⁶ Na Espanha, a Psicologia Ambiental surgiu no princípio dos anos 1960, impulsionada pela arquitetura, urbanismo e geografia, todas sensíveis às questões ambientais nessa ocasião. (POL, 1988, tradução nossa)¹⁷.

Bem distante da Europa, no Japão, a relação entre clima e indivíduo é tema do livro Watsuji no ano de 1935. Posteriormente, nos anos de 1950 e 1960, são introduzidos estudos sobre ambiente e personalidade, segundo citações de Hagino, Mochizuki e Yamamoto (1987, apud GÜNTHER e ROZESTRATEN, 2004).

Na América Latina, Sácnhez, Wiesenfeld e Cronick (1987, apud GÜNTHER e ROZESTRATEN, 2004) mencionam a existência de pesquisas referentes à área da Psicologia Ambiental na Argentina, Brasil, Colômbia, República Dominicana e México. No Brasil, segundo Pinheiro, Günther e Guzzo (2004), essa área de conhecimento está inserida nos interesses de estudiosos da área desde 1970, mas em iniciativas que não estão diretamente ligadas à formação profissional dos envolvidos ou a pesquisas institucionalizadas. Esses autores também

¹⁵ En Francia tiene un rápido desarrollo durante os años sesenta, que Jodelet (*pre-print*) no duda em calificarlo de multidisciplinario [...]. Si es cierto que em algún momento se da una colaboración interdisciplinaria y/o contacto entre arquitectos, urbanistas, psicólogos, sociólogos, geógrafos, antropólogos, etc.. (POL, 1988, p. 88-89).

¹⁶ [...] em la Unión Soviética nuestro trabajo deberá basar-se, [...] sobre el informe elaborado por Toomas Niit, del Departamento de Sociologia, Jüori Kruusvall e Matic Heidmets de la Unidad de Estudios Ambientales del Instituto Pedagógico, publicado en 1981 em el *Journal of Environment Psychology* (POL, 1988, p. 115).

¹⁷ [...] a principios de los sesenta, impulsionada desde la arquitectura, el urbanismo y la geografia, muy sensibles em estos momentos a las custiones ambientales debido , como en toda Europa, a la concentración urbana [...]. (POL, 1988, p. 133).

asseguram que esse ramo da Psicologia tomou força no Brasil nos anos 1980 e 1990.

1.1.2 Definição e aplicação da Psicologia ambiental

Segundo Pinheiro (2004), embora a Psicologia Ambiental esteja presente em nosso meio acadêmico, ainda se discute sobre a definição dentro da Psicologia de um campo que seja específico e independente, para o estudo das inter-relações humano ambientais. Há defensores da idéia de que este tema deveria fazer parte de todas as subáreas existentes na psicologia; outros sugerem que melhor seria se estivesse acomodado em algum campo interdisciplinar de conhecimentos como “ambiente-comportamento, percepção ambiental, estudos do lugar, ecologia social, ecologia humana”, mas não especificamente em uma ou outra área do conhecimento.

Pinheiro (2004) afirma que, no Brasil, existem dificuldades para se mapear as atividades e produções de diversos profissionais dedicados à Psicologia Ambiental, devido à dimensão territorial e à ausência de mecanismos adequados para a troca de informações científicas. Ressalta, entretanto, que tais dificuldades estão sendo contornadas no meio acadêmico, por meio de investimentos de recursos na comunicação eletrônica, associados à base de dados informatizados.

Para muitos psicólogos, a definição do que vem a ser Psicologia Ambiental tem sido feita com cautela, pois os profissionais da área entendem que definir consiste em delimitar, decidir até onde alcança a matéria definida. Aragonés e Américo, (2000, p. 26) apresentam algumas definições de Psicologia Ambiental, segundo a concepção de certos autores¹⁸:

¹⁸ A intenção de estabelecer relações empíricas e teóricas sobre a conduta e a experiência da pessoa e seu ambiente construído (PROSHANSKY, 1976, p.303 – tradução nossa)

O estudo científico da relação entre o homem e seu meio ambiente (LEE, 1976, p. 9 – tradução nossa).

Uma disciplina que se ocupa das relações entre a conduta humana e o ambiente físico e a conduta e o meio físico (HEIMSTRA Y MC FARLING, 1978, p. 2 – tradução nossa).

Uma área da psicologia cujo centro de investigação é a inter-relação entre o ambiente físico e a conduta e experiência humana (HOLAHAN, 1982, p. 3 – tradução nossa).

Está preocupada com as influências interativas e recíprocas que têm lugar entre os pensamentos e condutas de um organismo e o ambiente que rodeia esse organismo (DARLEY Y GILBERT, 1985, p. 949 – tradução nossa).

É o estudo das transações entre os indivíduos e seus ambientes físicos (GIFFORD, 1987, p. 2 – tradução nossa).

El intento de establecer relaciones empíricas y teóricas sobre la conducta y la experiencia de la persona y su ambiente construido (PROSHANSKY, 1976, p.303).

El estudio científico de la relación entre el hombre y su medio ambiente (LEE, 1976, p. 9).

Una disciplina que se ocupa de las relaciones entre la conducta humana y el ambiente físico y la conducta y el medio físico. (HEIMSTRA Y MC FARLING, 1978, p. 2).

Un área de la psicología cuyo centro de investigación es la interrelación entre el ambiente físico y la conducta y experiencia humana (HOLAHAN, 1982, p. 3).

Está preocupada con las influencias interactivas y recíprocas que tienen lugar entre los pensamientos y conductas de un organismo y el ambiente que rodea a ese organismo. (DARLEY Y GILBERT, 1985, p. 949).

Es el estudio de las transacciones entre los individuos y sus ambientes físicos (GIFFORD, 1987, p. 2).

Es el estudio de la conducta y el bienestar humano en relación con el ambiente sociofísico. (STOKOLS Y ALTMAN, 1987a, p. 1).

Ciência de la conducta multidisciplinar, com orientação básica y aplicada, cuyo enfoque son las relaciones sistêmicas entre el ambiente físico y social y la conducta individual humana y experiencia (VEITCH Y ARKKLEIN, 1995, p. 5).

Es el estudio molar de las relaciones entre la conducta e la experiência y los ambientes natural y construido (BELL, FISHER, BAUM Y GREENE, 1996, p. 6).

Aquella disciplina que se ocupa de analizar las relaciones que, a nivel psicológico, se establecen entre las personas y sus entornos (VALERA, 1996, p.1).

Pelas definições, pode-se notar que quase todas enfatizam a relação do indivíduo com o meio ambiente, e, como abordado anteriormente, esse ambiente pode ser natural ou construído, conforme afirmam Fischer, Bell e Baum (1984, apud GÜNTHER e ROZESTRATEN, 2004). Também segundo Aragonés e Amérigo (2000, tradução nossa)¹⁹, a Psicologia Ambiental preocupa-se em analisar a conduta das pessoas em cenários como habitações, escritórios, hospitais, espaços públicos, meios de transportes ou qualquer outro lugar que elas ocupem.

É o estudo da conduta e bem estar humano em relação com o ambiente sócio-físico (STOKOLS Y ALTMAN, 1987a, p. 1 – tradução nossa).

Ciência de conduta multidisciplinar, com orientação básica e aplicada, cujo enfoque são as relações sistêmicas entre ambiente físico e social e a conduta individual humana e experiência (VEITCH Y ARKKLEIN, 1995, p. 5 – tradução nossa).

Aquella disciplina que se ocupa de analizar as relações que, no nível psicológico, se estabelecem entre as pessoas e seu entorno. (VALERA, 1996, p.1 – tradução nossa).

¹⁹ La Psicología Ambiental [...] trata, de analizar la conducta em los escenarios en donde tiene lugar: habitaciones, edificios, despahos, hospitales, calles, medio de transporte o cualquier otro lugar que las personas ocupen. (ARAGONÉS e AMÉRIGO, 2000, p. 25).

Essa ciência que se ocupa de estudar a relação do homem com o ambiente sócio-físico, denominada Psicologia Ambiental, consolidou-se na década de 1970 e possui uma abrangência bastante diversificada:

[...] desde a percepção e cognição do ambiente; efeito do ambiente no comportamento; ambientes diferenciados (de crianças, jovens, adultos, trabalhadores etc.); ambientes específicos (como cidades); construção de determinados ambientes para obter determinados efeitos sobre o comportamento; mudanças de atitudes; percepções e comportamento frente ao ambiente; até mudanças e planejamento do ambiente e preservação do meio ambiente. (GÜNTHER e ROZESTRATEN, 2004, p. 4).

Castello (2004) menciona que a percepção ambiental inicia-se com a resposta sensorial da pessoa frente aos estímulos externos que, por sua vez, a fazem adotar comportamentos que se relacionam com o fenômeno exposto em sua experiência ambiental, cotidianamente. Como exemplo, o autor refere-se aos parques temáticos e aos *Shoppings*, onde serviços e produtos passam a ser comercializados e consumidos como entretenimento. Em Goiânia, pode-se fazer referência aos parques ambientais que estão sendo incorporados pelo mercado imobiliário, como *commodities*, vistos como alternativas para despertar no consumidor o desejo pela aquisição de um imóvel.

Outra caracterização da Psicologia Ambiental é dada por Corral-Verdugo (2005). Ele sustenta que a Psicologia Ambiental preocupa-se com a maneira como os aspectos sociais e físicos do ambiente influenciam o comportamento das pessoas, e como as ações das pessoas afetam o ambiente que as cerca. Segundo o autor, a Psicologia Ambiental surgiu como uma área cujo objetivo é buscar soluções para os problemas relativos às interações ambiente-comportamento. Menciona que duas abordagens dominam a área.

Uma dessas abordagens enfatiza os efeitos do ambiente sobre o comportamento das pessoas, detectados pelos seguintes estudos:

Percepção ambiental, mapas cognitivos, preferências ambientais, efeito da estimulação ambiental sobre o desempenho humano, as relações entre o projeto e uso de espaços construídos e avaliações pós-ocupações (EVANS e COHEN, 1987; KAPLAN, 1987; LYNCH, 1960; VEITCH e ARKKELIN, 1995; ZIMRING e REIZENSTEIN, 1980 apud CORRAL-VERDUGO, 2005). Conclui-se que esta pesquisa pode ser identificada como a abordagem *ambiente* → *comportamento* (a→c).

A Psicologia Ambiental, segundo essa abordagem, pode ser útil para verificar como as pessoas percebem e se apropriam do espaço urbano e quais comportamentos humanos podem ser esperados a partir da relação ambiente x sujeito.

Segundo Castello (2004), a percepção ambiental pode ser considerada como ferramenta importante para o planejamento urbano, pois é através dela que se evidenciam as características mais importantes que um ambiente é capaz de proporcionar aos seus usuários. De acordo com o autor, a percepção do ambiente é uma experiência cumulativa que se inicia por meio da apreensão dos estímulos sensoriais que, por sua vez, são levados ao cérebro por meio dos cinco sentidos. Assim, o ser humano é capaz de projetar no papel uma imagem que ele abstrai do meio ambiente. Segundo Kashiwagi (2004), a partir da década de 1960 o arquiteto americano Kevin Lynch, preocupado em desvendar essas imagens, tornou-se pioneiro por associar a percepção ambiental ao comportamento e à ação humana, através dos mapas mentais.

Lynch (2006) menciona que, no processo de orientação no contexto urbano, a imagem ambiental pode tornar-se instrumento importante de orientação, por permitir uma locomoção mais fácil e rápida. Afirma que essa imagem é resultado tanto da sensação imediata quanto da lembrança de experiências passadas e pode orientar uma ação. Além disso, uma boa imagem oferece a seu possuidor um importante sentimento de segurança emocional. Para Lynch, as imagens ambientais resultam de um processo que envolve observador e ambiente, cabendo ao primeiro organizar e dar um significado às especificidades que o ambiente lhe oferece.

As imagens projetadas podem ser denominadas Mapas Mentais que, segundo Krause (1977/78, apud KASHIWAGI, 2004), são “cartas subjetivas” derivadas da expressão dos valores visuais da cidade, conforme são mentalizados por quem desenha o mapa. Kashiwagi utilizou esses recursos em uma pesquisa que tratou da percepção e apropriação do espaço, realizada com moradores da Favela de Parolim – Curitiba/PR.

A outra abordagem, segundo Corral-Verdugo, destaca os estudos relativos a “como e por que o comportamento humano afeta o ambiente”. As pesquisas referem-se à:

Conservação e comportamento sustentável, estudo de crenças ambientais, valores, personalidade e capacidades [...] e investigação da associação entre variáveis demográficas e comportamento ambientalmente relevante. [...] relação entre educação ambiental e comunicação, fatores situacionais (tanto normativos quanto físicos) e conservação ambiental (DE YOUNG, 1996; DUNLAP e VAN LIERE, 1978; HINES, HUNGERFORD e TOMERA, 1987; SCOTT, 1999; ZELEZNY, 1999 apud CORRAL-VERDUGO, 2005). Para Verdugo, esta abordagem pode ser identificada como a abordagem *comportamento* → *ambiente* (c→a).

Trabalhos que envolvem a educação ambiental com o intuito de resolver os problemas de contaminação do ar por poluentes, como ocorreu no Chile e publicado por Jara e Díaz (2004 – Tradução nossa)²⁰, podem exemplificar o que foi colocado nessa segunda abordagem.

Segundo esses autores, existe uma preocupação com o alto índice de poluição ambiental na região metropolitana de Santiago, no Chile, tema de uma reunião da Comissão Nacional de Meio Ambiente ocorrida no ano de 2000, com a presença de representantes de Organizações Não Governamentais (ONGs), universidades, profissionais, voluntários do âmbito da educação ambiental e a participação da comunidade. Essa reunião foi considerada um marco no processo participativo para a reformulação 2000/2001 do Plano de Prevenção e Descontaminação Atmosférica da Região Metropolitana de Santiago, visando impulsionar um conjunto de ações que permitam incorporar a comunidade na tarefa da descontaminação atmosférica. Dentro do conjunto de medidas propostas está a participação do psicólogo ambiental.

Conforme esses autores, o psicólogo ambiental pode atuar na aplicação de estratégias de intervenção em comunicação social que permitam ajustar ou, pelo menos, reduzir a lacuna que existe entre a percepção e a avaliação negativa dos resultados e dos esforços de descontaminação, com os dados objetivos que evidenciam uma real redução da contaminação e melhoramento da qualidade do ar na cidade. Essa tarefa pode ser desenvolvida, aproveitando-se a existência de expectativas positivas que as medidas propostas podem vir a concretizar, caso sejam colocadas em prática.

Outra tarefa proposta ao psicólogo ambiental visa gerar ou aproveitar espaços institucionalizados, para que a comunidade interiorize os valores e

²⁰ El desarrollo de una conciencia ambiental ha sido uno de los objetivos más frecuentes de los programas de participación y educación ambiental (JARA e DIAZ, 2004, p. 104-105).

princípios ligados ao cuidado e à proteção do meio ambiente, reforçando-se o compromisso manifesto com esses princípios por meio de condutas explícitas de recuperação e cuidado do seu entorno.

Vale ressaltar que Corral-Verdugo (2005) coloca claramente como podem ocorrer as relações do homem com o ambiente. Segundo essa abordagem, o comportamento humano em relação à natureza é determinante para a degradação ou a conservação dos recursos naturais. O processo de educação ambiental, por exemplo, pode levar a comportamentos pró-ambientais, como a simples tarefa de separar e reciclar o lixo.

A partir do que foi colocado por Günther e Rozestraten (2004), pode-se afirmar que eles confirmam o que foi posto por Corral-Verdugo (2005) sobre as abordagens da Psicologia Ambiental. Segundo a colocação dos primeiros, a abrangência dessa ciência resulta da relação do ambiente→comportamento (a→c) e do comportamento→ambiente (c→a).

Partindo das afirmações e colocações anteriores, pode-se presumir que o planejamento urbano deve ser pensado não somente sob os aspectos físicos, territoriais e ambientais, mas levando-se também em conta os aspectos comportamentais, a ação e interação do homem com a natureza, a sua relação com o ambiente construído e no espaço urbano, enfim, a sua relação com a cidade. Pode-se perceber, pela história da Psicologia Ambiental, que o profissional dessa área tem buscado seu espaço, pois estudos realizados por interessados em temas relacionados ao ambiente urbano, como Peluso (2003), reforçam a necessidade de reconhecimento da importância do psicólogo na composição de equipes que trabalham no contexto do planejamento urbano.

Para Proshansky, Ittelson e Rivlin (1970, apud GÜNTHER e ROZESTRATEN, 2004), a diferença entre a Psicologia Ambiental e as outras ciências é que ela prioriza a inter-relação entre o indivíduo e o ambiente. Assinalam também quatro aspectos que são relevantes para a sua existência: seu ambiente de estudo é determinado e limitado pelo próprio indivíduo; seus problemas de investigação científica estão relacionados a problemas sociais emergentes; possui natureza multidisciplinar e estuda o sujeito como parte integrante da situação problema.

Pesquisa realizada, tendo como objeto empírico as periferias do Distrito Federal, enfoca a interdisciplinaridade entre a Psicologia Ambiental e a Geografia.

Peluso (2003) argumenta que a afinidade entre as duas se estabelece quando se entende o espaço e o ambiente como atores sociais. Segundo Peluso (2003, p.7), a hipótese que norteou esse trabalho “ressalta que as relações indivíduo-ambiente urbano podem ser compreendidas pelas representações sociais da casa própria”. A partir de um dos pressupostos apontados pela autora, que considera pequena a fronteira entre as duas ciências, pois ambas estudam as construções sociais, embora reconheça a especificidade de cada uma, é possível estabelecer um núcleo comum entre elas para a produção de conhecimento, com a preocupação voltada para os problemas socialmente relevantes e a busca de soluções coletivas para os mesmos.

Essa idéia defendida por Peluso, a interdisciplinaridade entre as duas ciências, também foi apontada por Burillo (1991, p. 25-26, tradução nossa)²¹, que destaca algumas das características da Psicologia Ambiental, de acordo com determinados estudiosos (ITTELSON et al., 1974, p. 5-6; ALTMAN, 1976, *passim*; STOKOLS, 1976 y 1978, *passim*; KAMINSKY et al., 1979, p. 13-14). Ele enfatiza o caráter multidisciplinar e a importância do psicólogo ambiental estar atuando em conjunto com profissionais de outras áreas, como a arquitetura, a sociologia e a geografia, dentre outras, confirmando o que foi posto por Günther e Rozestraten (2004) sobre as contribuições que a Psicologia Ambiental tem recebido de outras ciências para se consolidar.

Burillo (1991, tradução nossa)²² menciona que outra característica da Psicologia Ambiental, destacada pelos autores acima citados, é a relação de reciprocidade entre o homem e o meio ambiente. Isto equivale a dizer que o homem atua sobre a natureza, modificando-a, e a natureza, em constante mudança, interfere no comportamento humano de maneira defensiva e, às vezes, agressiva, diante dos constantes ataques e agressões das quais tem sido vítima.

Conforme já mencionado, e aqui reiterado por Günther e Rozestraten (2004, p.4), quando a Psicologia Ambiental surgiu, sua origem foi atribuída a um crescimento dos problemas de ordem ambiental e, também, à inabilidade da

²¹ [...] se han limitado a describir algunas de sus características. He aqui las más representativas (ITTELSON *et al.*, 1974, p. 5-6; ALTMAN, 1976, *passim*; STOKOLS, 1976 y 1978, *passim*; KAMINSKY *et al.*, 1979, pp. 13-14): - Naturaleza interdisciplinar, confluyendo la Ecología Humana, la Sociología, la Arquitectura y la Geografía, entre otras. (apud BURILLO, 1991, p.25).

²² No determinista: el hombre no es considerado producto pasivo del ambiente, sino que mantiene un intercambio dinámico con él. (BURILLO, 1991, p.26).

psicologia tradicional em trabalhar com os mesmos. Esses autores afirmam que a Psicologia Ambiental não se originou somente da psicologia tradicional, mas recebeu contribuições de outras áreas do conhecimento, a saber: “ergonomia, arquitetura, urbanismo, paisagismo, geografia social, sociologia urbana, biologia e meteorologia”. Asseguram que a Psicologia Ambiental possui um atributo que a diferencia das demais ciências que lhe deram origem, “a atenção ao lugar e à localização do indivíduo diante de elementos do seu ambiente”, ou seja, diante dos cenários construídos ou naturais, reforçando o que foi colocado por Aragonés e Américo (2000). Percebe-se que a participação da Psicologia Ambiental é recente no que se refere aos problemas ambientais, mas antiga no que se refere à colaboração no planejamento de ambientes construídos.

Segundo Ferreira (2004), essa motivação pode ter relação com o pós-guerra, quando se acentuou a participação dos psicólogos, solicitados pelos engenheiros e arquitetos durante a reconstrução, em diversos países, de espaços de habitação e convivência social, cabendo a esses profissionais a função de dar materialidade aos espaços, ou seja, deveria haver uma compatibilidade entre as características das edificações e as finalidades às quais se destinavam. Essa prática iniciou-se no Canadá, mas foi na Universidade da Cidade de Nova Iorque que ganhou corpo e institucionalidade.

De acordo com Ferreira, o responsável pela introdução e institucionalização dessa prática foi Proshanky (1983), ressaltando-se que o interesse não era apenas produzir projetos arquitetônicos. Os primeiros estudos determinavam quais características das construções poderiam ser mais adequadas ao processo terapêutico a que as pessoas seriam submetidas, enfatizando que esse é o papel da Psicologia, de contribuir para a dignidade humana.

Observa-se que, embora a Psicologia Ambiental tenha origem em outras áreas do conhecimento como a geografia e a arquitetura, e alguns psicólogos tenham participado na reconstrução, avaliação de ambientes construídos e mudanças de comportamento em busca da sustentabilidade ambiental, em Goiás não existem registros de envolvimento do psicólogo com assuntos dessa natureza. No âmbito do planejamento urbano no município de Goiânia, esse profissional não integra a equipe de técnicos que trabalha nesta área, não estando também inserido na equipe responsável pela transferência de famílias que vivem em situação de risco

ou em áreas de posse, para outros lugares mais apropriados e destinados à moradia.

Segundo Lamas (2004), no momento da reconstrução dos países da Europa após o término das grandes guerras, a atenção voltava-se para uma emergência, ou seja, a construção de moradias para milhares de famílias que tiveram suas casas destruídas durante o conflito bélico. A preocupação era, portanto, construir rapidamente e a custos baixos o máximo de alojamentos, como forma de não somente abrigar os desalojados, mas também como uma alternativa para minimizar o trauma e os efeitos da guerra e, assim, poder recuperar a esperança no futuro.

Os traumas causados pela destruição das casas nos períodos de guerra certamente romperam os laços afetivos que as pessoas tinham pelos seus lugares de morar e afetaram também sua identidade com o lugar. Esses rompimentos certamente causam sofrimento às pessoas, pois os lugares de habitação podem estar relacionados com a sua história de vida, conforme Tuan (1980) ilustra a partir da Topofilia.

1.2 Topofilia

O ser humano possui a capacidade de formar vínculos não somente com as pessoas, mas, em conformidade com a Geografia Humanista representada pelo geógrafo Yi-Fu-Tuan (1980), essa afetividade pode estar relacionada também ao espaço geográfico. Esse elo afetivo que existe entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico é denominado Topofilia. Acrescente-se que esse sentimento não é a emoção mais forte que o ser humano experimenta, mas, quando ocorre, é porque o lugar ou o meio ambiente conduz a emoções fortes ou é percebido como um símbolo pela pessoa.

Esse autor relata que o contato físico das pessoas com o meio ambiente tem se tornado cada vez mais escasso, como consequência da vida moderna, e para esse novo homem o contato tem sido mais por recreação do que por vocação. Ele também defende que, para o homem do campo, que está em constante interação com a natureza, esse sentimento se estabelece de forma mais profunda, pois ele conhece a natureza e dela sobrevive. Essa relação, diz Tuan (1980),

personifica o homem do campo, pode ser intensa e deixar marcas de contato através dos músculos e cicatrizes. A terra passa a ser um lugar de intimidade física, de dependência material, depósito de lembranças e onde se mantém a esperança. O autor afirma que o afeto pode emergir da experiência com a severidade da natureza, onde se tem que lutar, por exemplo, contra a ameaça da seca. Mesmo sabendo que pode ser melhor em outra região, muitos moradores de lugares afetados pela seca lá permanecem, porque amam a terra e assumem o desafio de fazê-la produzir.

Para Tuan (1980), a topofilia pode ser despertada pela familiaridade. Assim como somos capazes de nos afeiçoar aos nossos pertences pessoais, que podem ser entendidos como uma extensão da nossa personalidade, com o decorrer do tempo a pessoa deposita parte de sua vida não somente no seu lar, mas também no seu bairro. Ser despejado, portanto, pode significar despir-se de um envoltório que protege o ser humano das perturbações do mundo que o cerca. De acordo com Tuan (1980), da mesma forma que as pessoas relutam em desfazer-se de objetos pessoais, resistem também em deixar seus bairros ou casas. Esse autor relata que, em uma pesquisa realizada na cidade de Boston, moradores do subúrbio, quando indagados sobre uma possível mudança, disseram que concordariam com ela desde que pudessem ir todos os moradores juntos, para manterem os laços e o clima social.

O autor ainda afirma que as pessoas geralmente estão satisfeitas com a área onde residem. Um dos motivos que leva à satisfação é o fato de viver muitos anos no mesmo lugar, já que a familiaridade causa aceitação e, até mesmo, afeição. Ele relata que as pessoas de maior renda estão satisfeitas com o lugar em que moram, porque estão onde escolheram e podem dispor de recursos para melhorar o bairro. Já os de menor renda podem demonstrar maior importância ao bairro pela sua localização do que pela casa em si mesma. Isto reforça a colocação de Corrêa (1995), quando diz que a escolha do lugar de morar, para algumas pessoas, pode não estar relacionada ao desejo de morar naquele lugar, mas à sua situação financeira.

Moreira e Frattolillo (2004) realizaram um estudo sobre a percepção ambiental de moradores em área de risco localizadas na cidade de Vitória-ES. Eles investigaram três níveis do processo perceptivo, sendo um deles o formador da topofilia, de acordo com Tuan (1980). Ficou evidenciado que a afetividade dos

moradores com o lugar tem relação direta com a satisfação de suas necessidades básicas, tais como moradia, assistência médica, educação, proximidade com o local de trabalho e com o centro comercial da cidade.

Segundo Tuan (1980), os elementos do meio ambiente representados pelos recursos naturais podem não ser causa direta da topofilia. Ele afirma, porém, que tais elementos despertam sentimento pelo lugar, através das imagens percebidas por meio do estímulo sensorial que o meio ambiente fornece. As pessoas sonham com lugares ideais, e os ambientes naturais têm atraído fortemente a imaginação humana. A praia, por exemplo, exerce forte atração sobre o homem. Ao mesmo tempo em que desperta um sentimento de segurança, a imensidão do mar aberto pode trazer a sensação de liberdade, além de proporcionar o contato com a água e a areia. Para o autor, as pessoas que sobrevivem da pesca geralmente suportam seu modo de vida não por recompensa financeira, mas certamente pela satisfação com o estilo de vida.

Os relatos de Tuan (1980) corroboram a relação de reciprocidade entre o homem e a natureza, a ligação entre o homem e os recursos naturais, e esta é uma área de interesse da Psicologia Ambiental, ou seja, estudar os efeitos do comportamento humano na natureza. Da afirmação de Günther (1991, apud FERREIRA, 2004), segundo a qual a Psicologia surgiu para abranger os problemas que afetam o ser humano no seu cotidiano, pode-se entender que um desses problemas seja a fixação em um determinado espaço, com o objetivo de conquistar e apropriar-se definitivamente dele, transformando-o num lugar. Disso pode resultar a formação de laços afetivos com o lugar.

O afeto, segundo a Psicologia, é definido:

Como a subjetividade de um estado psíquico elementar inalisável, vago ou qualificado, penoso ou agradável, que pode exprimir-se massivamente ou como uma nuance, uma tonalidade. Diferentemente do sentimento, que é dirigido para um objeto, o afeto centra-se no que é primariamente sentido. A psicanálise lhe dá um sentido diferente. Segundo S. Freud, toda pulsão se exprime nos dois registros do afeto e da representação. Em sentido estrito, o afeto corresponde à quantidade de energia pulsional investida na representação. Contudo, de um ponto de vista descritivo, considerar-se-á a expressão subjetiva em relação à quantidade de investimento (JOUVENT, 1998, p.35).

Essa relação afetiva com o lugar tem aspecto positivo e se trata de uma fonte primária de prazer, mas também pode estar presente na vida das pessoas de outra forma, conforme consta em estudos realizados por Fried (1963 apud GIULIANI, 2004) sobre a relação afetiva do indivíduo com o lugar. Ele investigou que a mudança ou deslocamento de uma população para outro bairro no subúrbio de Boston, para atender a programas urbanos, causou efeitos psicológicos aos moradores equivalentes à perda de um ente querido, devido ao rompimento da identidade com o espaço e com o grupo.

Esse vínculo do indivíduo com o lugar também foi objeto de interesse de Certeau, Giare e Mayol (1998). Esses autores referem-se ao bairro como o espaço onde as pessoas estabelecem relações entre o mundo físico e o social, como o sair de casa e o andar pela Rua Rivet²³. Comentam que a prática do bairro, desde a infância, permite o reconhecimento do espaço enquanto social.

Ressaltam que a relação do morador com a rua, após as transformações ocorridas em decorrências de fatores econômicos, como as elevadas taxas tributárias, concorrência e monopolização de atividades, trouxeram mudanças no cenário. De um lado, a rua passou a ser apenas um lugar de passagem para transeuntes, que passaram a conviver com imóveis abandonados, escuro, uma parte fria que apenas na memória de quem viveu e conheceu pode ser trazida de volta à realidade, como relatado por Madame Marie²⁴:

Os estabelecimentos comerciais, pequenos ou grandes, pulavam na sua rua e nas ruas vizinhas [...]. Recita como que uma ladainha de lojas que desapareceram: uma leiteria na esquina da rue Pierre-Blanc: “agora, acabou-se!”; havia um *Bon lait* [...] “agora, acabou-se!”; o Père Durand, da rue de Flesselles desapareceu, e um padeiro, um açougueiro e um dono de mercearia fecharam suas portas. [...]. Aqui se abre o registro do *antigamente*²⁵, palavra que assume função mítica ao insistir no desaparecimento de um passado que não volta mais, carregado de referências simbólicas. (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 1998, p. 117).

Pelo lado oposto, encontram-se nesta mesma rua lojas comerciais variadas, vitrines bem iluminadas e decoradas em épocas de festas, bares, vida social e o comerciante (Robert) que resistiu às mudanças e é dotado de valor

²³ Rivet é uma rua do Bairro da Croix-Rousse, da cidade de Lião - França. (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 1998, p. 115).

²⁴ Madame Marie – moradora do Bairro da Croix-Rousse e integrante da família R. (Ibid. p. 74).

²⁵ Grifo do autor.

simbólico pelos moradores, sendo seu armazém um ponto de encontro aprovado por quase todos os residentes no bairro (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 1998).

Percebe-se que o mesmo lugar, neste caso uma rua, desperta sentimentos ligados ao passado, isto porque a familiaridade e hábitos cotidianos proporcionaram a formação de um vínculo afetivo. Nota-se, também, a permanência deste sentimento, relatada pelos autores, na satisfação dos moradores que freqüentam os comércios locais, dentre eles o armazém, importante referencial simbólico no bairro. Experiências relacionadas com o bairro, entretanto, nem sempre estão relacionadas com sentimentos positivos. Existem aquelas que marcam a vida de seus moradores por estarem carregadas de saudosismo e sentimentos de tristeza.

Tuan (1983) exemplifica esse sentimento de sofrimento em relação ao lugar, citando o caso de Santo Agostinho em relação à sua cidade natal, Tagaste. O autor ressalta que o sentimento se transformou após a morte de um amigo de infância. Para ele, os lugares familiares haviam se tornado cenários de tortura, e seu próprio lar tornara-se um lugar de sofrimento. O valor do lugar, nesse caso, estava relacionado à intimidade de uma relação humana em particular. Pelas palavras de Santo Agostinho (2007, p. 84), pode-se ter a idéia de como o lugar se modificara:

[...] Tudo o que via era morte para mim. A pátria me era um suplício, e a casa paterna tormento insuportável, e tudo o que o lembrava transformava-se para mim em cruelíssimo martírio. Buscavam-no por toda parte meus olhos e o mundo não mo devolvia. Cheguei a odiar todas as coisas, porque nada o continha [...].

A partir do que foi relatado, pode-se inferir que as relações sócio-físicas que as pessoas desenvolvem com o ambiente podem ser facilitadoras para transformar espaços em lugares.

1.3 Do espaço ao lugar

Antes de se definir os termos espaço e lugar, faz-se necessário compreender o que vem a ser território. Para Haesbaert (2006), os conceitos de

território e territorialidade ligados à espacialidade humana, além da Geografia, têm enfoque em áreas distintas, conforme a especificidade de cada uma. A Geografia enfatiza a materialidade do território; a Ciência Política ressalta as questões relacionadas ao poder; quanto à Economia, prefere o conceito de espaço e o apreende como fator locacional ou como uma das bases da produção; para a Antropologia, está relacionado à dimensão simbólica, enquanto na Sociologia o enfoque está voltado para as relações sociais; por último, a Psicologia “incorpora-o no debate sobre a construção da subjetividade ou da identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo” (HAESBAERT, 2006 p. 37).

Conforme relata Haesbaert (2006), o conceito de território é amplo e, atualmente, vem sendo trabalhado da perspectiva etológica (relativa ao comportamento animal) à psicológica:

Um “território” no sentido etológico é entendido como o ambiente [environment] de um grupo [...] que não pode por si mesmo ser objetivamente localizado, mas que é constituído por padrões de interação através dos quais o grupo ou bando assegura uma certa estabilidade ou localização. Exatamente do mesmo modo o ambiente de uma única pessoa (seu ambiente social, seu espaço pessoal de vida ou seus hábitos) pode ser visto como um “território” no sentido psicológico, no qual a pessoa age ou ao qual recorre (GUNZEL, s/d apud HAESBAERT, 2006, p. 38).

No dicionário titulado *Les mots de Géographie*, organizado por Roger Brunet e outros (1993:480-481 apud HAESBAERT, 2006, p. 39), constam algumas definições de território, a saber:

[...] “malha de gestão do espaço”, de apropriação ainda não plenamente realizada; [...] “espaço apropriado, com sentimento ou consciência de sua apropriação”, [...] noção ao mesmo tempo “jurídica, social e cultural, e mesmo afetiva”, aludindo ainda a um caráter inato ou “natural” da territorialidade humana; [...] um sentido figurado, metafórico, e um sentido “fraco” como sinônimo de espaço qualquer.

Para a Psicologia, a definição do que vem a ser espaço não se reduz ao espaço físico onde os organismos vivos podem atuar. Engloba também o espaço psicológico, e este resulta da percepção que o indivíduo extrai do ambiente, a partir das habilidades sensoriais e dos órgãos receptores. A Psicologia usa a palavra

espaço num sentido simbólico, com relação à organização das representações cognitivas (RICHELLE, 1998).

Para o geógrafo Santos (1994, p. 26-27), o espaço pode ser definido como:

[...] um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e, de outro, a vida que os preenche e anima, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo da sociedade não é independente da forma (os objetos geográficos) e cada forma encerra uma fração de conteúdo. O espaço é um conjunto de formas, contendo cada qual frações da sociedade em movimento.

Os valores e idéias a respeito do espaço vão sofrendo modificações e tornam-se mais específicas e geográficas na proporção do desenvolvimento da criança. As localizações tornam-se mais precisas, o interesse por distâncias também aumenta, assim como a consciência relativa. Tuan (1983, p. 34) assegura que entre três e quatro anos de idade a criança já é capaz de usar expressões “lá longe, lá pra baixo”. No que se refere aos adultos, comenta que o lugar pode despertar algum significado, devido ao constante sentimento que lhe é acrescido ao longo dos anos. Isso confirma que, quanto mais tempo no lugar, maior a possibilidade de se desenvolver algum tipo de sentimento em relação a ele, maior a possibilidade de se estabelecer um vínculo.

Partindo da afirmação de Santos (1994) e de Castells (2000) de que o espaço é um produto que sofre alteração na forma, função e significado, a partir da relação com outros objetos, sejam eles geográficos, naturais ou sociais, tudo isso pode resultar na demarcação de território. Para o geógrafo Tuan (1983), a ação de demarcar território não é exclusiva do homem, pois outros animais que não são da espécie humana também possuem o mesmo hábito. Segundo o autor, a partir de estudos etológicos, pode-se afirmar que também “os animais não humanos têm sentido de território e lugar” (TUAN, 1983 p. 4). Conclui que o significado de demarcar o território está relacionado à defesa contra invasores.

Torna-se importante enfatizar que, tanto para Aragonés e Amérigo (2000) quanto para Richelle (1998), o ambiente tem relação com o mundo externo da pessoa, podendo ser identificado como a casa, praças, hospitais, ambientes naturais ou construídos. Richelle, porém, nos remete a pensar sobre o ambiente/espaço sob

o ponto de vista psicológico, ou seja, da captação de estímulos externos através da percepção proporcionada pelos órgãos sensoriais. É exatamente isto que desperta o interesse da Psicologia Ambiental, pois, a partir da percepção ambiental, pode-se apropriar ou afastar de determinado lugar.

Os lugares, portanto, marcam a história de cada pessoa. Segundo Giuliani (2004), os laços com os lugares são características que surgem com a permanência neles por muito tempo. Por isso, a pessoa geralmente se apega ao local de moradia. Esta é, pois, uma área de investigação de interesse da Psicologia Ambiental, que trata das inter-relações do indivíduo com o meio ambiente.

Segundo Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983, apud GÜNTHER, NEPOMUCENO, SPEHAR e GÜNTHER, 2003, p.1), o lugar está ligado a uma identidade, que é o resultado da ligação da pessoa com o lugar geográfico. Afirmam que a identidade de lugar é “uma estrutura constituída de atitudes, valores, crenças e significados referentes à relação psicológica que estabelecemos com os lugares físicos” cuja particularidade consiste na descrição e socialização da pessoa com o ambiente físico e resulta na preferência por um lugar em detrimento do outro. Assim, o espaço físico ganha identidade por meio do significado e da maneira como é percebido.

Castells (2006, p. 22) entende a identidade como sendo “a fonte de significado e experiência de um povo”. Afirma que a identidade social acontece em decorrência de relações de poder e propõe a distinção entre três formas e origens de construção da identidade:

Identidade legitimadora: introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais;

Identidade de resistência: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo assim trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos;

Identidade de projeto: constituída por atores sociais que, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, criam uma nova identidade, capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social.

Resultados de pesquisas apontam a existência de identidade com o lugar. Estudiosos como Günther, Nepomuceno, Spehar e Günther (2003) realizaram na

cidade de Brasília uma pesquisa com adolescentes de idade entre 13 e 19 anos, com a finalidade de conhecer quais eram seus lugares favoritos na cidade. Os resultados apontaram os ambientes construídos como os de preferência dos jovens, nesta ordem: a própria casa, shoppings e bares/boates/festas.

Embora os shoppings e bares/boates/festas tenham sido considerados como lugares favoritos dos jovens, e a Psicologia Ambiental os reconheça como lugares, Augé (2005) considera que os lugares opostos aos espaços personalizados, tais como espaços públicos de rápida circulação e meios de transporte, não podem ser definidos como lugares. Em sua obra, Augé (2005, p. 43) considera como exemplo de lugar o “lugar antropológico”, comum ao etnólogo como:

[...] aquele que ocupam os indígenas que nele vivem, nele trabalham, que o defendem, que marcam nele seus pontos, que guardam suas fronteiras mas nele detectam, também, os vestígios dos poderes ctônicos ou celestes, dos ancestrais ou dos espíritos que o povoam e que animam sua geografia íntima, como se o pedacinho de humanidade que lhes dedica nesse lugar oferendas e sacrifícios fosse também sua quintessência, como se não houvesse humanidade digna desse nome a não ser no próprio lugar do culto que lhes é consagrado.

Ressalte-se que a definição de lugar, para Augé (2005), se aproxima do que foi posto por Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983, apud GÜNTHER, NEPOMUCENO, SPEHAR e GÜNTHER, 2004) sobre a identidade com o lugar. Em todos eles acham-se presentes as crenças e os valores que o indivíduo traz consigo em relação aos lugares e os significados que estes passam para as pessoas. A Psicologia Ambiental, portanto, tem interesse por ambientes construídos ou naturais, desde que o ser humano esteja inserido no seu contexto.

Para Tuan (1983), lugar é um local ao qual se atribui valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas relacionadas à alimentação, água, descanso e procriação. Os significados e organização atribuídos pelo homem ao espaço e ao lugar têm relação com fatores culturais, e estes são próprios da espécie humana. Na mesma obra, enfatizam-se as relações entre espaço e lugar. Segundo o autor, o espaço é mais abstrato e se torna lugar à medida que se conhece melhor e se atribui valor a ele. Afirma que o espaço e o lugar têm sentidos diferentes para a criança e para o adulto.

O conceito de lugar não é novo. “Lugar ou topos”, de acordo com Aristóteles, é a dimensão da relação entre a pessoa e o ambiente físico que conduz à evocação de sentimentos de pertença” (VAN der VEN, 1978; SIME, 1986, apud SPELLER, 2005, p. 133). Segundo Sime (1986, apud SPELLER, 2005 – tradução nossa)²⁶, o conceito de lugar está relacionado ao significado que o espaço ou ambiente físico tem para seus utilizadores, o que se aproxima do pensamento de Tuan (1983).

Esses conceitos podem emergir em momentos de ampla discussão entre pessoas de diferentes formações intelectuais, profissionais de segmentos diversos e entre representantes da comunidade, dentre outros que buscam solução para problemas de natureza comum em diferentes escalas territoriais, seja nacional, regional, municipal e, em escala menor, o bairro.

Spink (2000, p. 4) relata que, durante os anos de 1998 e 1999, foram realizadas quatro oficinas do Programa Gestão Pública e Cidadania, da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, com o apoio da Fundação Ford. O objetivo era a análise e reflexão de estratégias para combater a pobreza. Os encontros foram fechados, de dois dias cada, com a participação de grupos de 30 a 40 pessoas de diversos segmentos da sociedade, como “pesquisa acadêmica, organizações comunitárias, ONGs, secretarias de governo municipal e estadual, bancos de desenvolvimento e instituições multilaterais”, para debater sobre o espaço de ação.

Spink (2000) menciona que 146 pessoas estiveram envolvidas nos trabalhos, que foram de escuta, debate e confrontações. Mais de vinte projetos foram focos das discussões, enriquecidas pelas contribuições dos participantes, com experiências trazidas por eles.

Segundo o autor, nos encontros realizados o tema “lugar” também foi objeto de discussão. Comenta que “lugar” foi considerado pelos membros do encontro como sendo “referência a um horizonte de ações e ligações, de produção de sentido e de lutas. [...] em termos práticos, é o ‘lugar da gente’ (SPINK, 2000, p.4). Sustenta que surgiu uma diversidade de comentários acerca do conceito de

²⁶ De acordo com Sime (1986), uma das formas de conferir sentido ao discurso multidisciplinar acerca do lugar é através da distinção entre “espaço” e “lugar”, utilizando-se o primeiro para fazer menção ao ambiente físico, e o último para sublinhar o significado que o espaço físico tem para seus utilizadores. (apud SPELLER, 2005, p. 134).

“lugar” e, a partir do documento elaborado, uma diversidade de sentidos surgiu. Spink (2000, p. 4-5) assim sintetiza:

[...] a cara da gente, uma arena de demandas, conflitos e reivindicações para a melhoria na qualidade de vida; [...] denso, é a vida das pessoas em espaço e tempo que dependendo das circunstâncias pode ser o bairro, o município ou a região; [...] é onde se enraízam as experiências; territorialidade e identidade – o lugar, as raízes históricas e culturais; [...] o ponto de partida para a intersectorialidade; [...] uma concepção do local visto como lugar, onde a lógica da proximidade, do encontro e do confronto é possível; [...] que não é dado, mas se define e redefine a partir das ações, remetendo a um contexto de relações que não é somente local; [...] o motor de arranque no enfrentamento da pobreza e a base da discussão sobre desenvolvimento; [...] um processo gradual de aproveitamento de oportunidades, de aprendizagem e de luta.

É nos lugares, portanto, que as relações acontecem. Inserido neles, o ser humano, que possui a capacidade de formar vínculos com outras pessoas, pode vir também a se vincular com o próprio espaço geográfico, como defende Tuan (1980). Assim, é capaz de experimentar uma necessidade humana de grande relevância que é o apego ao lugar (RELPH, 1976, apud GIULIANI, 2004, p. 92). Este, porém, é um fenômeno que tem ocorrido cada vez menos, em virtude da grande mobilidade humana, podendo resultar apenas numa relação funcional com o lugar.

O conceito de apego surgiu na literatura na década de 1980, mas foi na década seguinte que os pesquisadores voltaram a atenção para os aspectos afetivos do relacionamento do indivíduo com o ambiente.

A Psicologia define o apego como:

Relação entre indivíduos, fundada em qualidades essencialmente apetitivas. Esta característica, com termos ou descrições variados, encontrada muito além dos primatas, nos mamíferos, nos pássaros, em numerosos vertebrados, deve ser estendida às relações interespecies e pode deslocar-se para objetos ou símbolos. Esta relação é um dos fundamentos sociais. A força e a natureza dessa relação são muitas vezes reveladas por sua perda ou desestabilização e o aparecimento de reações afetivas fortes ou violentas que testemunham o poder dessa ligação: ansiedade e angústia, tristeza, depressão; reciprocamente, a relação estável é fonte de alegria, de equilíbrio, de adaptação.

[...] as observações de J. Bowlby a respeito do bebê humano levou a afirmar que para a espécie humana o apego seria a forma primária de ligação social, exprimindo-se como uma necessidade inata de manter a proximidade com o parceiro materno e independentemente, relativamente, da busca de satisfação alimentar. (JALLEY e MOAL, 1998, p.73).

Assim, o apego pode ser definido, segundo Giuliani (2004, p.94-95), como o “laço afetivo entre o indivíduo e o lugar e o desejo de estar próximo a esse local”. Conforme a literatura, pelo menos três processos diferentes podem resultar em um sentimento de apego:

- a) o apego deriva de uma avaliação positiva da qualidade do local ante as necessidades do indivíduo; a base é mais cognitiva e ele será mais forte dependendo do número e da importância das necessidades que são satisfeitas;
- b) o apego deriva do significado que o lugar tem para a identidade da pessoa (TWIGGER-Ross e UZZELL, 1996, apud GIULIANI, 2004), pode estar ligado ao valor simbólico, a correspondência pode ser entre o significado do lugar e o que contribui para a identidade do indivíduo na ocasião;
- c) o apego deriva de um longo período de residência e familiaridade – o laço deriva de base emocional, a relação se deve ao sentimento de segurança e bem estar que proporciona ao indivíduo, se torna mais evidente em momentos de maior fragilidade, refere-se ao prazer do contato e à tristeza da separação.

Temas dessa natureza, com o intuito de investigar a relação que o morador desenvolve com o lugar de morar, têm sido objeto de estudo de pesquisadores no Brasil. Com esta finalidade, Kashiwagi (2004, p.166) realizou pesquisa com moradores de uma favela em Curitiba. A autora refletiu que, mesmo havendo oportunidade deles se mudarem para outro local urbanizado, não o fariam, pois a permanência em um lugar central lhes permite mais facilmente a sobrevivência, já que a fonte de renda dos moradores é a coleta de papel. Também disseram que o lugar está relacionado à sua história de vida.

Segundo Reginensi (2003), uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro em 2002 propôs uma discussão sobre os espaços residenciais cariocas. Destacou-se a questão da violência e da mobilidade no cotidiano, a partir de observações e entrevistas com moradores representados por um grupo de residentes em condomínios fechados e outro, por moradores de favelas.

A autora menciona que, a partir das entrevistas, pôde-se constatar que o sentimento de apego ao bairro foi ressaltado pelos moradores das favelas. Para eles, a situação financeira é determinante para a permanência no local, pois dificulta o processo ou possibilidade de mudança para outro bairro. Segundo a autora, uma moradora da Rocinha valoriza o bairro e o descreve como um lugar “amigável” (p.09). Reforça que a vantagem de se morar ali são as amizades.

Segundo a mesma pesquisa, residentes em um outro bairro chamado Sapucaia relatam que são os próprios moradores que criam as condições para se “viver bem” (p.09). Pelo testemunho de uma moradora, fica evidente como o lugar tem significado para ela:

Esse local aqui, essa comunidade pra mim, é ótima, é maravilhosa. Você sabe porque eu falo isso, eu sou realista. Porque eu sou fundadora daqui e quem faz o lugar não é ninguém, nada não é o morador que mora no local. Esse lugar é maravilhoso. O que faz o local é a gente (Neinha) (SIC!).

Reginensi (2003) relata que, mesmo com a ausência de infra-estrutura, alguns moradores de ocupações recentes manifestam um sentido de apego ao lugar. Segundo a pesquisadora, isto acontece por falta de um lugar melhor, ou porque eles têm casa e trabalho.

Já os moradores dos condomínios fechados colocaram em evidência a qualidade de vida, o conforto e a comodidade oferecidos nesses lugares, com uma oferta de lazer que ultrapassa o apego ao lugar em particular.

Pelos resultados das entrevistas, Reginensi pôde concluir que o apego do morador ao bairro ou o desejo de se mudar para outro local, no caso dos condomínios, está condicionado à qualidade dos serviços oferecidos e à segurança, o que lhe permite ficar separado ou isolado do restante da cidade. Para os moradores das favelas, o apego está relacionado à falta de oportunidade de mudança, mas, em contrapartida, o bairro possibilita a criação de vínculos no cotidiano.

Giuliani (2004) afirma que os laços afetivos que tendem a ser mais fortes, relacionados a lugares, são aqueles ligados à infância. Após estudos realizados com uma população de grande mobilidade, concluiu-se que, para a maioria das pessoas, o local de maior afeição estava relacionado ao local de nascimento. Para as pessoas que se mudaram após os 12 anos de idade, havia fortes laços nostálgicos e nenhuma intenção de voltar a viver no antigo lugar. Para os que haviam se mudado mais novos, restavam apenas lembranças agradáveis registradas na memória.

Em estudo realizado por Tassara e Rabinovich no ano de 2001 no bairro da Barra Funda, na cidade de São Paulo, buscou-se considerar a presença de conteúdos que haviam marcado a trajetória do indivíduo no seu território, no caso o

bairro e a casa. Ao delimitar o bairro como o território de estudo, o objetivo foi “apreender as modificações intergeracionais das percepções e os comportamentos dos seus habitantes em suas inter-relações com as transformações do bairro” (TASSARA; RABINOVICH e GOUBERT, 2004, p. 335).

O bairro sofreu fragmentação do seu território para a execução da pesquisa, devido ao fato da população ser claramente diferenciada: o bairro histórico da Barra Funda Alta, a Vila dos Ferroviários e a Vila Santa Marina. A pesquisa constatou a existência de apego do morador pelo bairro. Segundo os autores, esse apego deriva das raízes de seus habitantes, independentemente da classe social a que pertencem, de sua trajetória de vida, formação, profissão, sexo ou idade. Todos, portanto, exprimiram sentimentos de apego pelo espaço.

Nessa mesma pesquisa, um ex-morador do bairro da Barra Funda Alta, arquiteto de 37 anos, se situa no passado ligado à infância e assim exprime suas lembranças:

[...] era um bairro muito residencial, que não tinha muitos prédios; as pessoas, os vizinhos, tinham então uma vida de vizinhança, que era muito interessante, muito antiga. Havia então um compartilhar; nós sentíamos então que o bairro era realmente nosso (TASSARA; RABINOVICH e GOUBERT, 2004, p. 339-340).

Uma representante do bairro Vila dos Ferroviários, professora, mãe de família separada, reporta-se ao antigo bairro como sendo um lugar que significava “brincadeira, amizade e família”. Como o arquiteto, ela ressalta a importância da vida em comunidade e das relações que se estabelecem no bairro. Acrescenta também a importância da vida familiar intensa, familiares compartilhando o mesmo bairro, os almoços que ocorriam aos domingos e as festas de rua.

Uma outra moradora, representante da Vila Santa Marina, dona-de-casa, 74 anos de idade, disse que tinha vivido praticamente para a família e as lidas do lar, tamanha a severidade dos pais na criação. Sua vida se limitara à sua casa - o seu mundo. Afirmou que se sentia feliz lá, em qualquer circunstância, fosse sozinha ou na companhia de alguém.

Segundo os autores, concluiu-se que, nos três depoimentos, o apego ao território estava presente. No primeiro, a família extensa; no segundo, a comunidade; e no terceiro, a família como núcleo central. Esse sentimento que pode

influenciar o indivíduo nesse apego ao lugar, favorecendo a formação de laços afetivos e emocionais, tem sido objeto de estudo de profissionais da Geografia Humana, da Psicologia Ambiental e dos arquitetos que trabalham com a paisagem (PAYTON, 2003, tradução nossa)²⁷.

Payton salienta que muitas foram as sugestões para os modelos de apego ao lugar, conforme defendem Schumaker e Taylor (1983). Assegura, entretanto, que dois conceitos de apego ao lugar foram destacados por Brown (1987), ou seja, o apego funcional e o apego emocional (PAYTON, 2003, tradução nossa)²⁸.

O apego funcional resulta da dependência, da funcionalidade ou da habilidade dos recursos disponíveis irem ao encontro das necessidades e objetivos das pessoas (SCHREYER, JACOB, e WHITE, 1981; STOKOLS e SHUMAKER, 1981; WILLIAMS e ROGGENBUCK, 1989, apud PAYTON, 2003, tradução nossa)²⁹. Relph (1976, apud GIULIANI, 2004) também colocou que esse tipo de apego pode estar presente nas pessoas que não se fixam por muito tempo no mesmo lugar. PAYTON menciona que, para Shumaker e Taylor (1983 – tradução nossa)³⁰, o apego ao lugar é afetado por dois fatores: o primeiro, que é a qualidade do lugar, é determinado pela satisfação das necessidades do indivíduo; o segundo fator, também relacionado à qualidade do lugar, depende de como o sujeito o compara a outros lugares.

Quanto ao apego emocional, ele está relacionado à identidade que o indivíduo estabelece com o lugar (SCHREYER, *et al.*, 1981; WILLIAMS e ROGGENBUCK, 1989 apud PAYTON, 2003). O lugar não fornece somente as oportunidades para as pessoas suprirem as suas necessidades e alcançarem seus objetivos, mas é também uma parte da identidade da pessoa. Assim, criam-se fortes

²⁷ More recently, this connection between people and locations has been examined in the fields of human geography, environmental psychology, and landscape architecture. Research in these disciplines has led to many different definitions for place, sense of place and place attachment. (PAYTON, 2003, p. 7).

²⁸ Many models of place attachment have been suggested (SHUMAKER e TAYLOR, 1983), however, two main concepts have been prevalent in the literature: functional place attachment and emotional place attachment (BROWN, 1987, apud PAYTON, 2003, p.7).

²⁹ Functional place attachment, or place dependence, refers to functionality or the ability of the resources to meet the needs or goals of individuals (SCHREYER, JACOB e WHITE, 1981; STOKOLS e SHUMAKER, 1981; WILLIAMS e ROGGENBUCK, 1989, apud PAYTON, 2003, p. 8).

³⁰ Functional place attachment is affected by two factors: 1) the quality of the place is determined by how well it satisfies user needs and 2) the quality of the place depends on how it compares to other available places (SHUMAKER e TAYLOR, 1983, PAYTON, 2003, 8).

ligações emocionais entre uma pessoa e alguns lugares em particular (WILLIAMS, *et al.*, 1992, apud PAYTON, 2003, tradução nossa)³¹.

Esse apego ao lugar pode criar um sentimento de pertencimento ao local de moradia, resultar numa ação positiva e motivar as pessoas ou grupos de pessoas a estabelecerem objetivos e interesses comuns, como promover políticas voltadas para a preservação ambiental. Pode-se presumir, diante do exposto, que uma consequência desse sentimento pelo lugar é o aumento dos comportamentos pró-ambientais.

O apego emocional ligado ao local pode ser exemplificado pelos moradores da cidade de Nova Ponte, interior de Minas Gerais, que teve parte de sua área rural e toda a sede do município inundada para produzir energia elétrica em nome do progresso, conforme acompanhado por Vilela (1993, apud AMORIM Filho, 1999). Esse aniquilamento denomina-se topocídio.

A população viu-se diante de uma situação contra a qual não poderiam lutar. O que lhe restou foi conviver não somente com o desaparecimento da cidade, das casas, do comércio, mas de lugares e paisagens que traziam consigo valores e significados. Para muitos moradores foi dolorosa a perda do referencial topofílico e, para outros, a preocupação estava relacionada à construção de suas casas na nova cidade, distante apenas três quilômetros do antigo lugar. Segundo Amorim Filho, existiam tensões tanto no nível individual quanto familiar. Além disso, havia “a perda da personalidade histórico-cultural”, pois dela faz parte sua base territorial, formada pelos lugares e paisagens valorizadas.

Para Orr (2006), o vínculo a um lugar desenvolve-se de forma que as fronteiras entre a pessoa e o lugar podem se tornar quase imperceptíveis. Acredita que as pessoas não planejam se vincular a um determinado lugar ou centrar-se nele, porém, se isto ocorre, pode ser pela necessidade. Argumenta que pessoas podem morrer rapidamente quando suas raízes, seus laços com os antepassados são rompidos, e conclui que um dos maiores castigos ou agressão que uma pessoa pode infligir a outra é romper esses laços. Para esse autor, o vínculo certamente não ocorre com lugares onde se passa um período de férias, por exemplo, sendo

³¹ Emotional place attachment, or place identity, refers to the emotional aspects of a person-place relationship and how place contributes to an individual's self-identity (SCHREYER, *et al.*, 1981; WILLIAMS e ROGGENBUCK, 1989 apud PAYTON, 2003. p.9). [...] place not only provides opportunity to meet needs and achieve goals, but it is also a part of a person's identity, thereby creating strong emotional bonds between a person and particular places (WILLIAMS, *et al.*, 1992, apud PAYTON, 2003. p.9).

possível apenas uma paixão passageira pelo lugar nesses casos. Além do elo afetivo com o lugar, pessoas que moram em casas, como os residentes na Vila Monticelli, objeto de estudo deste trabalho, estabelecem vínculos sociais com mais facilidade do que os moradores de apartamentos. Por isso, essas relações são significativas nos processos de remanejamento de famílias.

Nas pesquisas de Kashiwagi (2004) e Reginensi (2003) realizadas com moradores de áreas de risco e de favelas, em cidades distintas, detectou-se a existência de apego funcional do morador pelo lugar, uma vez que eram satisfeitas as suas necessidades básicas.

Quanto ao apego emocional, o mesmo foi detectado tanto nas pesquisa de Tassara e Rabinovich (2001) realizadas num bairro da cidade de São Paulo, quanto na investigação de Amorim Filho (1999) na cidade mineira de Nova Ponte. Esse apego está relacionado à história de vida dos moradores, ou seja, à sua relação com o local, aos laços familiares e à identidade com o lugar.

É importante ressaltar que temas que envolvem o sentimento da pessoa pelo lugar despertam interesses em um conjunto de pesquisadores e estudiosos por todo o mundo, inclusive no Brasil, conforme relatos de pesquisas anteriormente mencionados. Pode-se, então, constatar o avanço da Psicologia Ambiental no que se refere ao estudo do comportamento humano no contexto sócio-físico e, assim, apontar problemas e propor soluções, tanto para as questões ambientais quanto sociais, como as que envolvem o tema desta pesquisa.

A partir dos conceitos e definições acerca dos termos espaço e lugar, pode-se inferir a constante interação que existe entre o homem e o meio ambiente ou natureza, ou, simplesmente, o espaço físico. Essa interação acontece tanto em territórios amplos como as cidades quanto em unidades territoriais menores como os bairros.

De acordo com Leão (2004, p. 4), na maioria dos dicionários a definição de bairro incide sobre “a divisão territorial de uma cidade”. Destaca, porém, que em uma pesquisa feita pelo sociólogo Antônio Cândido (apud LEÃO 2004, p. 5) no interior de São Paulo e vizinhança, foi utilizada uma definição que relaciona o recorte físico a laços afetivos:

[...] além de determinado território, o bairro se caracteriza por um segundo elemento, o sentimento de localidade existente nos seus moradores, e cuja

formação depende não apenas da posição geográfica, mas também do intercâmbio entre as famílias e as pessoas, vestindo por assim dizer o esqueleto topográfico: - O que é bairro? – perguntei certa vez a um velho caipira, cuja resposta pronta exprime numa frase o que se vem expondo aqui: - Bairro é uma naçãozinha. Entenda-se: a porção de terra a que os moradores têm consciência de pertencer, formando uma certa unidade diferente das outras”.

Do ponto de vista morfológico dimensional, de acordo com Leão (2004), o bairro exprime uma forma física, uma parte do espaço urbano que aumenta em conformidade com os eixos ou direção, cujo traçado obedece a uma lógica espacial social. Para Aldo Rossi (apud LAMAS, 2004), a escala bairro é intermediária entre as três escalas que compõem a cidade: a escala rua, a escala de bairro e a escala de cidade.

Lamas (2004, p. 74) denomina de Dimensão o que Rossi chama de Escala e, para a “Dimensão Urbana – a escala do Bairro” faz a seguinte descrição:

É a partir desta dimensão, ou escala, que existe verdadeiramente a área urbana, a cidade ou parte dela. Pressupõe uma estrutura de ruas, praças e formas de escalas inferiores. Corresponde numa cidade aos bairros, às partes homogêneas identificáveis, e pode englobar a totalidade da vila, aldeia, ou da própria cidade. A esta dimensão, os elementos morfológicos terão de ser identificados com as formas à escala inferior e a análise da forma necessita do movimento e de vários percursos.

Nos bairros, os moradores relacionam-se e estabelecem relações sociais e de vizinhança, e a proximidade entre as pessoas permite o seu convívio e, possivelmente, a formação de vínculos. Ressalte-se que a Psicologia Ambiental estuda a relação entre o ambiente físico e o comportamento das pessoas, dentre eles o comportamento que as pessoas têm em relação às outras do mesmo bairro.

Conforme relatado por Yázigi (2001), “há um campo da identidade que não pode ser objeto do planejamento territorial: não se conservam ou se estabelecem relações sociais por leis de uso e ocupação do solo” (p. 21), mas este instrumento pode facilitar as relações entre os vizinhos.

Os primeiros estudos realizados com o intuito de verificar a influência das proximidades espaciais no estabelecimento de vínculos afetivos e laços funcionais concluíram que a vizinhança, por si mesma, é um elemento decisivo na constituição de redes sociais urbanas (DAVIS e REEVES, 1939; FESTINGER *et al.*, 1950;

YOUNG e WILLMOTT, 1957 e GANS, 1962 apud SOCZKA , 2005, tradução nossa)³².

Speller (2005) comenta a pesquisa realizada por Festinger *et. al.* (1950), para “descobrir como e por que os grupos sociais são formados, qual é o processo de comunicação e quais são os padrões de grupo” (p. 152). Verificou-se que é de suma importância a disposição física das casas para a formação de amizade, sendo este sentimento mais forte entre os moradores mais próximos³³. Ainda segundo Speller (2000, apud SPELLER, 2005, tradução nossa)³⁴, os resultados dessa pesquisa sugerem que a distância física e funcional das casas é o determinante das relações de amizade, concluindo-se que esses padrões podem desintegrar-se quando houver alteração da distância física e funcional.

Para Agache (apud LAMAS, 2004, p. 278), a unidade de vizinhança ultrapassa a noção de bairro e é definida como a:

Associação de famílias ou indivíduos criadas por ligações de vizinhança, sem as quais não é possível subtrair as relações econômicas, como a troca de produtos, a prestação de trabalho e de serviços, as relações indispensáveis em certas circunstâncias tristes ou alegres da vida, ou por servidões que são obrigatórias em vista do bem comum.

Lamas (p. 318), na mesma obra, menciona que, para Queen Carpenter e Ruth Glass, a unidade de vizinhança é um conceito sociológico que se aproxima do que foi colocado por Agache:

É uma área na qual os residentes se conhecem pessoalmente e têm o hábito de visitar, trocar objetos ou serviços e realizar coisas em conjunto. É um grupo territorial no qual os membros se encontram em terreno

³² Os primeiros estudos realizados sobre a influência das proximidades espaciais no estabelecimento de vinculações afetivas e laços funcionais apontavam no sentido de a vizinhança ser, por si, um elemento determinante da constituição das redes sociais urbanas, nomeadamente os estudos de Davis e Reeves (1939), Festinger, *et. al.* (1950); Young e Willmott (1957); Gans (1962). (apud SOCZKA, 2005, p. 110).

³³ Festinger, *et al.* (1950), verificaram que <<o elemento mais surpreendente era a dependência da formação de amizade com base na mera disposição física das casas. As pessoas que viviam perto umas das outras tornavam-se amigáveis umas em relação às outras o que não se passava com as pessoas que viviam afastadas>> (p.10). (apud SPELLER, 2005, p. 152).

³⁴ Speller (2000) encontrou um suporte claro para os resultados de Festinger, *et. al.* que apontam que os padrões de amizade na nova habitação dependem da distância física e funcional; além disso, a autora descobriu que padrões estabelecidos de amizade podem desintegrar-se quando as distâncias física e funcional são alteradas (apud SPELLER, 2005, p. 152).

conhecido, no seio da sua área própria, para desenvolver atividades sociais primárias e contatos sociais espontâneos ou organizados.

Em um estudo, Young e Willmott (1957, apud SOCZKA, 2005, tradução nossa)³⁵ investigaram a influência dos laços de parentesco relacionada às preferências residenciais dos casais de um bairro de operários. Concluíram que o peso dos vínculos familiares na escolha do local de preferência das residências, no meio estudado, é altamente relevante, fato que se tornou objeto de estudo de terapeutas familiares. Afirmam os autores que qualquer alteração precipitada do equilíbrio transgeracional, como a reestruturação do bairro, acarretaria pesadas conseqüências para a dinâmica e a manutenção da homeostasia familiar dos residentes que, por sua vez, são fortemente ligados ao seu bairro, muitas vezes deficitário do ponto de vista residencial e cultural, mas rico e complexo do ponto de vista dos afetos e dos vínculos.

Nepomuceno (1999) realizou um estudo em Brasília, com o objetivo de analisar a relação entre dois tipos de moradores da zona urbana: os que moram em conjuntos habitacionais de apartamentos e os residentes em conjuntos habitacionais individuais – casas. A fim de analisar o relacionamento social que os sujeitos têm com seus vizinhos, o autor verificou se a moradia – casa ou apartamento - tem influência sobre os moradores, no que diz respeito à capacidade de relacionarem entre si. No resultado da pesquisa, apurou-se que, entre os entrevistados que moram em casa, 58,3% dos respondentes revelaram que possuem vínculos com um ou mais vizinhos; para os moradores de apartamentos, o percentual foi de 50,0%.

Sendo assim, os vínculos que são formados entre os habitantes de um bairro são um importante aspecto que vale ser ressaltado, especialmente entre os moradores vizinhos. Esses laços são significantes na vida em comunidade, pois são constituídos entre pessoas que compartilham um espaço comum, o bairro, e, muitas vezes, os mesmos problemas e necessidades.

³⁵ [...] Young e Willmott (1957) [...] constataram que os laços de parentesco actuavam de maneira significativa nas preferências residenciais. [...] O peso das vinculações residenciais nas preferências residenciais e a prevalência nas redes de afiliação social locais [...] é analisada do ponto de vista clínico pelos especialistas da terapia familiar [...] qualquer alteração brusca do equilíbrio transgeracional provocada, por exemplo, por uma imponderada reestruturação de Bethnal Green, acarretaria pesadas conseqüências para a dinâmica e a homeostasia familiar dos residentes [...]. (apud SOCZKA, 2005, p. 111).

Os bairros são fragmentos do espaço urbano que constituem as cidades. Existem aqueles que não são aprovados pelo poder público, conhecidos como “*cidade ilegal*”³⁶, e podem sofrer a intervenção do poder público, como, por exemplo, a desocupação da área. Nos casos de desocupação, a terra poderá ter outro uso, quando pertencente ao patrimônio público, ou ser devolvida ao proprietário privado. A existência de áreas de posse ou favelas afeta o mercado imobiliário, com a desvalorização dos imóveis localizados nas áreas mais próximas a elas, conforme salienta Rodrigues (1990, p. 41). Afirma, também, que a remoção implica levar para locais cada vez mais distantes os seus moradores e sua pobreza.

Outro aspecto importante, que pode ser justificativa para a remoção das famílias, é a ilegalidade da ocupação e da propriedade, pois famílias que moram em favelas, segundo a concepção de Rodrigues, possuem apenas as “casas” (grifo do autor) ou edificações, porque juridicamente o espaço habitado é ilegal.

Nos casos de remoção de famílias em situação de risco, ou simplesmente para se desocupar uma área como meio de devolvê-la ao seu verdadeiro proprietário, principalmente quando se trata de pessoas que estão no local por um espaço de tempo mais prolongado, a resolução da questão envolve não somente a remoção dessas famílias. Nessas situações um novo componente deve ser analisado, ou seja, a relação dos moradores com o local e com os demais membros da comunidade. Os vínculos formados entre as pessoas e os lugares podem ser um fator que dificulta a remoção de famílias, seja para locais mais adequados ou simplesmente para a desocupação da área.

Torna-se importante mencionar que os moradores que se encontram nessa situação encaixam-se no perfil de pessoas que não pertencem ao grupo de compradores a quem o mercado imobiliário destina seus terrenos ou imóveis de melhor localização. Assim, os terrenos urbanos de locais privilegiados são destinados aos consumidores da “demanda solvável” (CORRÊA, 1995, p. 63)³⁷.

A opção por “*onde*” morar tem relação com a localização espacial das residências, escolha normalmente feita em termos de conforto e qualidade. Também está relacionada ao preço da terra, que varia de acordo com a acessibilidade e as amenidades, conclui Corrêa.

³⁶ “*Cidade ilegal*” são os bairros clandestinos ou irregulares, surgidos sem legislação e planejamento urbanístico, com a presença de edificações ilegais (MOYSÉS, 2004, grifo do autor).

³⁷ São os consumidores que podem adquirir imóveis de luxo, incluindo residências em locais destinados ao lazer (CORRÊA, 1995).

Para a população que não dispõe de recursos financeiros suficientes para fixar moradia, tal opção não está diretamente relacionada à sua vontade de morar em um determinado local. Para Corrêa (1995), as pessoas que estão mais distantes da realidade de obter uma casa ou terreno para erguerem sua própria moradia, em razão do desemprego e dos baixos salários, ocupam lugares improvisados que podem tornar-se definitivos para residência, justamente por estarem próximos das oportunidades e do mercado de trabalho. Geralmente são áreas de encostas e alagadiças cuja ocupação, muitas vezes, coloca em risco determinados locais que são importantes para o equilíbrio ambiental (MOYSÉS, 1996). Essas áreas de posse são, para essa população, uma estratégia de sobrevivência, uma saída para o seguinte problema - a segregação espacial urbana.

Esse tipo de ação que visa promover a desocupação do lugar torna-se parecido com o que Lamas (2004) denomina de “planejamento burocrático”. Segundo esse autor, a direção passa a ser conduzida de forma que as soluções para os problemas sejam mais rápidas. Nesse contexto, surgiram os numerosos tipos de edificações habitacionais coletivas, em blocos, nos países da Europa, na reconstrução após a guerra.

O que se pode perceber é que esse tipo de planejamento está presente no nosso meio, como no caso das famílias que residem na área de preservação ambiental da Vila Monticelli. Para solucionar o problema da desocupação da área e promover o assentamento das famílias que estão em situação de risco, a administração pública pretende transferir todas elas para um mesmo bairro, o Residencial Santa Fé I. De acordo com informações da assistente social da COMOB, envolvida com o processo de remoção dessas famílias, as proximidades, a vizinhança e as relações pessoais (afetos e desafetos) não são levadas em conta para o critério da locação do morador. O critério a ser adotado deve ser o sorteio.

Esta é uma preocupação do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), ao financiar projetos para a remoção de famílias como as que moram na Vila Monticelli e serão transferidas para o Residencial Santa Fé I. Consta no manual de orientação do BID as seguintes exigências para remanejamento e ou reassentamento de famílias: “Na impossibilidade de se manter as famílias no assentamento original, deverá ser preparado um plano de assentamento que assegure que as famílias afetadas sejam indenizadas e reassentadas de maneira eqüitativa e adequada” (p. 33)

Isto está também fundamentado nos conceitos, pressupostos, princípios e diretrizes da Política Nacional de Habitação, que estabelece, de acordo com o mesmo manual (p. 33):

O cidadão deve participar da escolha da melhor alternativa de produção e de acesso à moradia [...]

Nas ações envolvendo a necessidade de remoção de moradores de habitações ou áreas que apresentem impossibilidade de permanência dos habitantes no local, deve assegurar-se o respeito aos direitos humanos, tendo em conta que as pessoas sem moradia não devem ser penalizadas por sua condição [...]

As transferências devem compreender a disponibilidade de alternativas apropriadas para realocação em áreas próximas às moradias anteriores [...]

Ainda no mesmo documento, constam as seguintes exigências (p. 34):

É indispensável que as famílias a serem remanejadas e/ou reassentadas participem de todo o processo de elaboração e aprovação da proposta e que expressem sua concordância formal através do Termo de Adesão Compromissos e Obrigações;

O local de reassentamento deverá ser próximo à área original, em respeito aos laços de vizinhança e amizade já estabelecidos;

Quando o proponente, por razões que deverá justificar, tiver que reassentar famílias em locais mais distantes, mesmo assim não estará desobrigado de estudar a melhor forma de respeitar os laços de amizade e vizinhança existentes na área de origem, bem como deverá contar com a concordância expressa dessas famílias.

Tais exigências, portanto, deveriam ser seguidas em todos os processos de remoções e reassentamentos de famílias, uma vez que, muito mais do que a simples desocupação da área, deve ser respeitado o bem estar das pessoas envolvidas. Ressalte-se que o espaço físico vai sendo apropriado pela ação do homem, transformado e dotado de sentido e significado para quem dele se utiliza, como no caso dos bairros. Eles podem surgir de forma diferenciada, como aqueles que resultam dos movimentos populares constituídos por famílias que reivindicam moradia e ocupam terras ociosas ou, também, por intermédio de cooperativas habitacionais.

2 MOMENTOS DE LUTA PELA MORADIA EM GOIÂNIA

A conquista do espaço para construir uma casa pode motivar as pessoas que não dispõem de recursos financeiros a se organizarem em busca de moradia e ocuparem propriedades particulares. Processo que resulta em conflitos entre as partes interessadas. De um lado, ficam os que defendem o direito de propriedade e, do outro, as que defendem o direito de ter um lugar para morar. Mesmo em meio ao conflito, surge um novo bairro, para muitos certamente uma Nova Esperança³⁸.

Em meio a essas lutas podem surgir movimentos mais organizados, como as cooperativas, que adquirem a terra e constroem as casas. Para os moradores, isto significa não só conquistar um novo lugar para morar, mas sim tornar um Vale dos Sonhos³⁹.

Essa busca pela moradia pode ainda ocorrer de forma isolada, através da ocupação de terrenos privados urbanos ou de natureza pública, que vão sendo ocupados aos poucos até formar uma comunidade dentro de um bairro consolidado. Esse processo geralmente gera agressões ao meio ambiente e constitui um problema de difícil solução para a gestão pública. Existe um elevado número de famílias em áreas de posse no município de Goiânia, como o caso da Vila Monticelli.

2.1 Da Esperança à Realização do Sonho

A questão do déficit habitacional afeta milhares de famílias. Esse problema foi e continua sendo alvo da preocupação de líderes e de movimentos sociais organizados que defendem o direito do cidadão, dentre eles o de ter uma casa para morar. Isso, infelizmente, não tem sido suficientemente eficaz para impedir que pessoas continuem morando em áreas de posse, de risco e em loteamentos clandestinos ou irregulares. É um problema que afeta as cidades e tem suscitado medidas ao longo dos anos.

³⁸ Nova Esperança - bairro localizado na região noroeste de Goiânia, surgiu no ano de 1979 (MOYSÉS, 2004) com a ocupação de parte da fazenda Caveiras, por um grupo de famílias de “sem tetos”.

³⁹ Vale dos Sonhos – bairro localizado na região norte de Goiânia, implantado no ano de 1998 (FREITAS, 2004), através de cooperativa habitacional.

O tema sobre a moradia foi um dos assuntos abordado em reunião realizada em 1963 num hotel em Petrópolis – RJ, ainda na época do Governo João Goulart (1961-1964), da qual participaram políticos, técnicos e intelectuais, mas a discussão não levou adiante a concretização de medidas para solucionar o problema, embora a população já se organizasse nesse sentido, segundo relatado por Coelho (1993) e Guimarães (1997, apud SOUZA, 2004).

Nessa época, a prefeitura municipal de Goiânia já estava atenta a essa necessidade da população. Como alternativa para oferecer moradias e abrigar famílias que todos os dias chegavam a Goiânia, foram tomadas iniciativas para a resolução do problema, O surgimento do Banco Nacional de Habitação no ano de 1964 possibilitou a construção de conjuntos habitacionais, sendo o primeiro deles a Vila Redenção, seguido pela Vila Alvorada, Vila União, Conjunto Alfa e Beta, Novo Horizonte e Caiçara, compostos por habitações populares (IPLAN, 1992). Consta que, nessa época, Goiânia possuía uma população de 372 mil habitantes, sendo que um terço residia em bairros clandestinos e invasões.

Essas habitações, entretanto, não foram suficientes para resolver o problema da baixa oferta de moradia para a população, pois o povo clamava por uma reforma urbana mas, em meio ao regime militar, ficou adormecida até o início dos anos 1980, quando se iniciou a abertura política. Houve, então, o fortalecimento da luta pela reforma urbana, e a mobilização popular resultou na constituição do Movimento Nacional de Reforma Urbana (MNRU), conforme afirma Souza (2004).

A década de 1980 foi marcada por experiências políticas sociais, dentre elas as lutas por eleições livre e diretas para cargos majoritários, redução de mandato, processo Constituinte, origem de Centrais Sindicais, criação de entidades organizadas e surgimento de movimentos sociais em todo território que envolviam temas relacionados com mulheres, negros, crianças, meio ambiente, transporte, saúde, moradia, dentre outros (GOHN, 1995). De acordo com a autora, foi neste período que surgiram os movimentos de invasões de terras em áreas rurais e urbanas.

As reivindicações por direito à moradia ocorridas no Distrito Federal, também nos anos de 1980, foram destacadas por Gonçalves (1998) e ilustra a presença deles em segmentos sociais diferenciados, tais como os inquilinos de fundo de quintal, os moradores de acampamentos e de favelas. Segundo a autora, para esses moradores a perspectiva de ser proprietário também está relacionada

com a questão da segurança do imóvel e pode vir entrelaçada em meio à resistência para a sua conquista, mas são movimentos que certamente buscam o resgate da cidadania e dignidade humana e pode-se constatar o seu fortalecimento através dos movimentos que se sucederam, como a luta por reforma urbana citada anteriormente.

Após anos de lutas e reivindicações por parte da sociedade organizada, na ocasião da elaboração da Constituição Federal foram apresentadas emendas populares que contemplavam tal assunto. Nem todas elas, entretanto, foram aprovadas. O esforço e a persistência da classe excluída do direito de possuir uma moradia, porém, não foram em vão.

Em 05 de outubro de 1988, o Congresso aprovou, e o Presidente da República sancionou a nova Lei (BRASIL, 1988). O poder público passou a dispor de um importante instrumento de política urbana de arrecadação fiscal, previsto pela nova Constituição da República Federativa do Brasil, que é o IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) – progressivo, com “caráter social”, visando evitar a especulação e a ocupação dos vazios urbanos e fazer cumprir a função social da terra, garantindo, assim, o direito de todo cidadão ter a sua moradia.

No entanto, a homologação da Constituição Federal em 1988, não foi suficiente para a aplicabilidade da lei, pois, segundo a leitura de alguns juristas brasileiros (Eros Grau, Miguel Baldez) instrumento seria auto-aplicável. Mas, após constantes batalhas entre os prefeitos municipais e o poder judiciário, iniciadas “no governo de Luiza Erundina em São Paulo, em 1992, sua aplicação foi considerada inconstitucional, dependendo de regulamentação dos artigos constitucionais 182 e 183” (MARICATO, 2002, p.176).

Conforme descrito a seguir, o Artigo 182 trata-se da política urbana, (SOUZA, 2004, p. 159-160).

Art. 182 - A política de desenvolvimento urbano, executada pelo Poder Público Municipal, conforme diretrizes gerais fixadas em lei, tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes.

§ 1º O plano diretor, aprovado pela Câmara Municipal, obrigatório para cidades com mais de vinte mil habitantes, é o instrumento básico da política de desenvolvimento e de expansão urbana.

§ 2º A propriedade urbana cumpre sua função social quando atende as exigências fundamentais de ordenação da cidade expressas no plano diretor.

§ 3º As desapropriações de imóveis urbanos serão feitas com prévia e justa indenização.

§ 4º É facultado ao Poder Público municipal, mediante lei específica para área incluída no plano diretor, exigir, nos termos da lei federal, do proprietário do solo urbano não edificado, subutilizado ou não utilizado, que promova seu adequado aproveitamento, sob pena, sucessivamente de:

I – parcelamento ou edificação compulsórios.

II – imposto sobre a propriedade predial e territorial urbana progressivo no tempo.

III – desapropriação com pagamento mediante títulos da dívida pública de emissão previamente aprovada pelo Senado Federal, com prazo de resgate de até dez anos, em parcelas anuais, iguais e sucessivas, assegurados o valor real da indenização e os juros legais.

O Artigo 183 é o instrumento que prevê a Regularização Fundiária no perímetro urbano, (SOUZA, 2004, p. 160):

Art. 183. Aquele que possuir como sua área urbana de até duzentos e cinquenta metros quadrados, por cinco anos, ininterruptamente e sem oposição, utilizando-a para sua moradia ou de sua família, adquirir-lhe-á o domínio, desde que não seja proprietário de outro imóvel urbano ou rural.

§ 1º O título de domínio e a concessão de uso serão conferidos ao homem ou à mulher, ou a ambos, independentemente do estado civil.

§ 2º Esse direito não será reconhecido ao mesmo possuidor mais de uma vez.

§ 3º Os imóveis públicos não serão adquiridos por usucapião (SOUZA, 2004, p. 159-160).

Enquanto os Artigos Constitucionais 182 e 183 não eram regulamentados, o direito à moradia foi incluído na Constituição Federal por força da emenda Constitucional nº. 26 de 2000:

Art.1o O art. 6o da Constituição Federal passa a vigorar com a seguinte redação:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (NR) (BRASIL, 2000).

A promulgação da Constituição de 1988 e as emendas constitucionais, entretanto, não garantiram a sua aplicabilidade. Novamente a sociedade entra em cena para mais uma longa batalha. Finalmente, através da Lei nº. 10.257, de 10 de julho de 2001, foi aprovado o Estatuto da Cidade, que regulamentou os artigos 182 e 183 da Constituição Federal. Em seu Capítulo I – Diretrizes Gerais, Art. 2º, inciso VI, que trata da ordenação e ocupação do solo, ressalta-se a necessidade de se evitar: “e) a retenção especulativa de imóvel urbano, que resulte na sua subutilização ou não utilização” (SAULE JÚNIOR, 2001, p.38).

Assim está previsto no Capítulo II – Dos Instrumentos da Política Urbana, Seção III dessa lei:

Art. 7º - Em caso de descumprimento das condições e dos prazos previstos na forma do caput do art. 5º desta Lei, ou não sendo cumpridas as etapas previstas no § 5º do art. 5º desta Lei, o Município procederá à aplicação do imposto sobre a propriedade predial territorial urbana (IPTU) progressivo no tempo, mediante a majoração da alíquota pelo prazo de anos consecutivos.

§ 1º O valor da alíquota a ser aplicado a cada ano será fixado na Lei específica a que se refere o caput do art. 5º desta Lei e não excederá a duas vezes o valor referente ao ano anterior, respeitada a alíquota máxima de quinze por cento.

§ 2º Caso a obrigação de parcelar, edificar ou utilizar não esteja atendida em cinco anos, o Município manterá a cobrança pela alíquota máxima, até que se cumpra a referida obrigação, garantida a prerrogativa prevista no art. 8º.

§ 3º É vedada a concessão de isenções ou de anistia relativas à tributação progressiva de que trata este artigo (SAULE JÚNIOR, 2001, p. 42).

Após anos de lutas, que tiveram início na década de 1980, o Estatuto da Cidade é lei e completou seis anos em 10 de julho de 2007. Falta, entretanto, “alguma coisa” para a efetivação desse importante instrumento de política pública. A aplicabilidade dele, embora não resolva de todo o problema da moradia, com certeza contribuiria para diminuir a especulação imobiliária. Isso contrariaria interesses de uma minoria da sociedade, mas teria uma grande influência sobre o poder político e de gestão local.

Enquanto essas medidas não são aplicadas, as expectativas de encontrar na cidade um lugar para oportunidades e melhores condições de sobrevivência podem ser frustradas, principalmente em relação às pessoas que não dispõem de recursos para adquirir sua moradia. Tal frustração acontece principalmente nas grandes cidades, onde o preço da terra tem valor mais elevado.

Esta é uma realidade destacada por Maricato (2006), segundo estudos realizados pela Fundação João Pinheiro a pedido do Ministério das Cidades, a partir dos dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD) sobre o *Déficit Habitacional no Brasil* (grifo do autor). Ela relata que existem no Brasil cerca de 13,2 % do total de domicílios ou 11,2% dos domicílios urbanos necessitando ser repostos, devido às características rústicas e improvisadas.

Esse fato pode ser comprovado em Goiânia, conforme relatório de autoria dos técnicos da prefeitura, componentes da Comissão Especial de Estudos para Regularização Fundiária das Áreas de Posse e Loteamentos Irregulares e Clandestinos do Município de Goiânia (COMOB, 2002). De acordo com esse relatório, no ano de 2002 havia 44.081 domicílios em 239 áreas subnormais, onde se encontravam 173.349 pessoas, equivalente a 15,85% da população goianiense. Nas 178 áreas de posse 57.789 pessoas, corresponde a 5,39 % da população, residindo em 15.074 domicílios. Nota-se que houve pouco avanço em relação à situação de moradia nestas circunstâncias. Consta em levantamento realizado por técnicos da prefeitura (SMO/COMOB, 2006) que trabalham com a regularização urbana, o total de imóveis em áreas de risco, loteamento clandestino e em áreas de posse alcançaram a soma de 34.614 domicílios.

Percebe-se que dificuldades para a aquisição de moradia fazem parte da realidade de muitas famílias de Goiânia que almejam um lugar para morar e, certamente, muitas delas pertencem ao contingente de população que se deslocou da zona rural para a zona urbana.

Pode-se afirmar, a partir de dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que a imigração contribui para o crescimento demográfico. A população urbana de Goiânia, por exemplo, somava 53.389 pessoas em 1950, saltando para 380.773 em 1970 e para 717.526 habitantes no ano de 1980 (IPLAN, 1992). Aliado a esse crescimento e expansão da cidade, que não está preparada para receber um aumento constante da população nem oferecer serviços públicos e equipamentos que proporcionem qualidade de vida e cidadania aos seus moradores, um dos maiores problemas persiste - o déficit habitacional (PLANO DIRETOR, 2006, p.30, 238).

Em meio a esse crescimento e com dificuldades para se obter um lote, um grupo de famílias buscam alternativa para resolver seus problemas de moradia.

Como exemplo desse modelo de ocupação, Moysés (1996; 2004) destaca o caso da Fazenda Caveiras. A invasão dessa terra, fruto da motivação e organização da população, aconteceu em meio a um ambiente de conflito existente na década de 1980, marcado pelas mudanças políticas que aconteciam no cenário nacional.

Segundo Moysés (1996; 2004), esta ocasião foi marcada pelos confrontos entre o governo e a população de baixa renda que se organizava em busca da moradia. A ocupação de 130 hectares da fazenda Caveiras iniciou-se em julho de 1979, com aproximadamente 100 (cem) famílias, e representou um marco na luta coletiva pela direito e posse da terra no município de Goiânia, dando origem ao bairro Jardim Nova Esperança. O autor ressalta que a consolidação do bairro é o resultado da resistência das pessoas (homens, mulheres, velhos, jovens e crianças) no embate com as forças que se opunham à ocupação da área, pois acreditavam que esta seria a alternativa para resolver o seu problema de moradia.

Duas outras tentativas por parte das famílias que ficaram de fora no primeiro momento foram frustradas e não se efetivaram. Uma foi em abril de 1981, quando cerca de 300 (trezentas) famílias se mobilizaram e tentaram se instalar na mesma propriedade, numa área de 10 hectares que receberia o nome de Jardim Boa Sorte. De acordo com Moysés (1996), uma ação rápida por parte da prefeitura impediu a consolidação da ocupação.

Esse mesmo autor (1996; 2004) menciona que outra tentativa de ocupação da mesma Fazenda Caveiras, que também não se efetivou, ocorreu em junho de 1982. Esta contou com a participação de mais de quatro mil famílias, cuja área pretendida correspondia a 126 hectares que formaria o bairro com o nome de Jardim Boa Vista. A ação violenta por parte da polícia impediu a consolidação do bairro e resultou em uma morte. Dos invasores, mais de 3.000 (três) mil foram assentados em outro local próximo dali.

A reivindicação de terra para moradia foi assim destacada por Oliveira (2002, p. 20-21):

A principal ação que caracterizou a organização dos movimentos sociais em Goiânia foi a ocupação/"invasão" territorial, fruto da luta pela moradia. De fato, de todas as carências imediatas, a falta da segurança de um teto era a que mais gerava identidade entre os trabalhadores.

O Jardim Nova Esperança foi o primeiro bairro de ocupação/"invasão" organizada e coletiva em Goiânia. A ação que originou o bairro foi a primeira e a mais consistente manifestação da práxis sócio-espacial construída da interação entre intelectuais e meio popular. Foi o movimento

que serviu de modelo e de referência para os outros movimentos de luta pela moradia em Goiânia. Foi também destaque nacional enquanto movimento social popular urbano. As pessoas que participaram do movimento – num total de aproximadamente 10 mil pessoas – tiveram suas vidas transformadas na formação do bairro.

Passados quase vinte anos desse fato, a cidade continua recebendo imigrantes, e o déficit habitacional persiste. A luta pelo direito à moradia continuou, e a efetivação dessa conquista tornou-se realidade em outra parte da cidade. Desta vez foi o bairro Vale dos Sonhos, localizado na Região Norte da cidade.

Segundo Freitas (2004, p. 30), o bairro surgiu de modo diferente:

É um movimento popular atípico na luta pela ocupação do solo urbano em Goiânia. Atípico porque se organiza em forma de associativismo, com um caráter de autogestão na sua luta e objetivos bem definidos, mas ao mesmo tempo contraditórios, pelo fato de no seio desse movimento existir uma negação das formas tradicionais de luta, como a ocupação de propriedades, em que a perspectiva passa ser a da aquisição do terreno para moradia de forma coletiva.

Esse movimento específico gerou um conflito com a legislação em vigor, porque no assentamento não houve de início a preocupação em atender aos parâmetros urbanísticos definidos pela Legislação Municipal. Esse conflito atingiu o Estado, enquanto poder constituído, e também o capital imobiliário, que vê essa forma de associação como uma constante ameaça a seus interesses no movimento de expansão urbana na capital.

De acordo com o autor, o bairro não surgiu com a invasão da terra, mas como alternativa na luta pela moradia. É o resultado da luta da população pobre que, de forma organizada, fundou uma cooperativa para concretizar o direito à moradia. Foi essa iniciativa, portanto, que propiciou as condições necessárias junto ao mercado formal de habitação.

De acordo com Freitas, o Residencial Vale dos Sonhos foi implantado no ano de 1998 na Região Norte de Goiânia, às margens da BR 153, no KM 8, saída para a cidade de Anápolis. Na ocasião do surgimento do bairro, a área em que ele se situa não fazia parte da zona de expansão urbana da cidade, motivo da demora da aprovação e regularização do bairro. Relata ainda que, embora a Câmara Municipal de Goiânia tenha aprovado a ampliação da zona de expansão urbana, incluindo o perímetro onde o bairro se localiza, resta fazer algumas adequações para o cumprimento de algumas exigências pertinentes à legislação do solo.

Em relação ao tamanho do bairro, o mesmo foi implantado numa área correspondente a 26 alqueires de terra que foram adquiridos pela Sociedade Habitacional Cooperativa (SHC). Freitas, (2004, p. 19) descreve a atuação da cooperativa da seguinte forma:

Essa entidade administra a distribuição dos lotes pelo sistema denominado “poupança solidária”, que funciona da seguinte forma: os interessados em adquirir um lote de 250m² participam de uma primeira reunião, quando são informados sobre as regras para se tornar um cooperado, as quais consistem basicamente no seguinte: aquisição de uma cota de R\$ 500,00 e recebimento do lote depois de um sorteio. Os custos com a implantação da infra-estrutura são rateados entre todos os cooperados, o que coincide com o nível de renda da população assentada.

A presença de áreas vazias no perímetro urbano, servidas de infra-estrutura, pode motivar quem necessita de lugar para ocupar a terra ociosa. Como foi descrito anteriormente, as ocupações não ocorrem de forma isolada, pois geralmente as pessoas se organizam em blocos de famílias. Elas ocupam a mesma área, exemplo recente aconteceu em Goiânia no ano de 2004 (JORNAL O POPULAR, 2005), com a ocupação de uma área bem localizada e de propriedade privada, localizada no bairro Parque Oeste Industrial, por centenas de famílias que reivindicavam a terra para morar.

Nesse caso os invasores foram retirados do local, porém a desocupação da área culminou em conflito entre ocupantes e policiais, e a resistência resultou na morte de duas pessoas (JORNAL O POPULAR, 2005). Essas remoções, portanto, devem ser criteriosas, já que os ocupantes devem ser levados para locais apropriados para a construção de casas, devendo ser planejadas pelo poder público de maneira que atendam todas as famílias realmente necessitadas.

Um aspecto importante que “pode” ser facilitador para a remoção das famílias é a ilegalidade da ocupação e da propriedade de quem está ocupando a terra, pois famílias que moram em favelas, segundo a concepção de Rodrigues (1990), possuem apenas as “casas” ou edificações, porque juridicamente o espaço habitado é ilegal. Essa remoção para a desocupação de áreas, entretanto, não deve ser executada somente sob o aspecto legal da posse, mas levar em conta que as pessoas formam vínculos com os lugares e com os moradores, e a perda ou rompimento desses vínculos pode ser causa de sofrimento para muitas delas.

Um fator que pode ter contribuído para a efetivação e a consolidação das ocupações irregulares ocorridas em Goiânia pode ter sido a ausência ou ineficiência de fiscalização por parte do poder público, não conseguindo inibir ou impedir a ocupação de áreas, muitas delas ocupadas com a construção de habitações.

Após a efetivação das ocupações em lugares impróprios, que podem causar danos às famílias ou ao meio ambiente, resta a intervenção do próprio gestor público para solucionar ou minimizar essas situações de risco a que os moradores são expostos. Para buscar alternativas para as famílias que estão nessa situação, equipes de funcionários da Prefeitura de Goiânia, compostas por técnicos do Departamento de Ordenação Físico-Territorial da Secretaria Municipal de Planejamento (SEPLAM), da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMA) e da Companhia de Obras e Habitação do Município de Goiânia (COMOB), trabalham no levantamento do número de famílias, a fim de propor soluções, como é o caso dos moradores da Vila Monticelli.

As ocupações de áreas públicas foram uma constante em Goiânia, e muitas delas permanecem ainda ocupadas, conforme registrado em levantamento da Assessoria Técnica de Regularização Urbana (ASTRU), da Secretaria Municipal de Planejamento (COMOB, 2002). Em relatório mais recente elaborado por uma equipe de técnicos da prefeitura (SMO/COMOB, 2006) percebe-se que esta realidade ainda vai fazer parte dos cenários da cidade de Goiânia, pois a existência não refere-se somente às que são ocupadas por famílias de baixa renda como também encontram-se localizadas em áreas diferentes espalhadas pelas regiões da cidade, nos bairros Jardim América, Jardim Guanabara, Jardim Goiás, Parque Amazônia, Vila João Vaz, Jardim Planalto, Setor Sul, entre outros, podendo-se perceber o perfil diferenciado das edificações em alguns casos. Quando ocorrem em área particular, a ação por parte das autoridades tem sido mais eficaz, podendo impedir a sua consolidação, como aconteceu nas invasões abortadas na Fazenda Caveiras.

Diante dessa situação, não resta alternativa para as autoridades competentes senão a atenção para com as políticas habitacionais, que mesmo insuficientes têm sido alvo dos gestores no município de Goiânia e, ocorrem de forma isolada ou em parceria entre as esferas públicas.

2.2 Política Habitacional 1994-2007

O crescimento populacional, que tem sido tema de discussões em reuniões de dirigentes de diversos países, pode afetar a qualidade do meio ambiente e comprometer a sustentabilidade ambiental, através da presença de pessoas morando em áreas de preservação ambiental, como ocorre em Goiânia.

As políticas voltadas para a solução do déficit habitacional em Goiânia e também como alternativa para remover e abrigar famílias que residem em áreas consideradas impróprias para morar, não ocorrem na mesma proporção da demanda, que cresce com o aumento da população urbana. Vale ressaltar, que no município de Goiânia (esfera municipal e estadual), gestores públicos tem buscado implantar algumas dessas políticas, num ritmo constante. Eles contam com recursos próprios ou em parceria com as outras esferas de governo. Abaixo se apresentam algumas dessas políticas:

2.2.1 Política Habitacional no Âmbito Estadual

O primeiro recorte proposto neste trabalho foi levantar as políticas habitacionais efetivadas no município de Goiânia, pelo poder público estadual, no período compreendido entre os anos de 1994 a 2007. Porém, mesmo após contato pessoal e telefônico com técnicos da Agência Goiana de Habitação (AGEHAB), órgão que pertence à esfera estadual e atual responsável pela habitação em Goiás, não foi possível obter maiores informações sobre a política habitacional no período que antecede o primeiro mandato do ex-governo Marconi Ferreira Perillo Júnior, ou seja, de 1998 para trás.

A única informação⁴⁰ obtida foi que o governo eleito no ano de 1998, para o mandato de 1999-2002, deparou-se com a Companhia de Habitação de Goiás (COHAB) desativada e em processo de liquidação. A iniciativa do governador Marconi Ferreira Perillo Júnior, então, foi sancionar a Lei nº. 13.532, de 15 de outubro de 1999, que “Dispõe sobre a transformação da Companhia de Habitação

⁴⁰ Informação repassada por técnico da Agehab, obtida por meio de telefone

de Goiás em Agência Goiana de Habitação e dá outras providências”, estabelecendo o seguinte:

Art. 1º - A Companhia de Habitação de Goiás – COHAB é excluída do rol das entidades paraestatais submetidas a processo de liquidação por força do disposto no inciso II do art. 1 da Lei nº. 12.858, de 30 de abril de 1996.

Parágrafo único – Em decorrência do disposto neste artigo, a COHAB fica reativada.

Art. 2º - A Companhia de Habitação de Goiás – COHAB é transformada em Agência Goiana de Habitação – AGH, mantida a sua natureza de sociedade de economia mista, dotada de personalidade jurídica de direito privado, com patrimônio próprio e autonomia administrativa e financeira.

As informações sobre políticas habitacionais no âmbito do Estado constam em um relatório utilizado na elaboração da proposta para o Plano Diretor de Goiânia (SEPLAM, 2006). São informações fornecidas pela Agência Goiana de Habitação (AGEHAB) sobre o Programa de Habitação do Governo do Estado de Goiás, denominado Programa Morada Nova, cuja prática é de responsabilidade dessa mesma agência. Sua implementação acontece através da concessão do Cheque Moradia, que tem por objetivo a redução do déficit habitacional, com a construção de habitações, reformas ou melhoria das casas existentes.

O Governo do Estado, por meio da AGEHAB, utiliza-se de parcerias com o Governo Federal, para captar recursos do Orçamento Geral da União (OGU) e do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), de responsabilidade da Caixa Econômica Federal, a fim de concretizar os projetos.

Além desses recursos, o Programa de Habitação é beneficiado com lotes urbanos que são doados pelas prefeituras para o assentamento de famílias. Nesse projeto, cabe ao Governo de Goiás a implantação de serviços de infra-estrutura, como energia e saneamento básico, e à AGEHAB, junto com as famílias a serem beneficiadas, por meio da Associação dos Beneficiários, a construção das casas.

Para as famílias serem contempladas, devem estar inscritas junto à AGEHAB e possuir renda do grupo familiar entre 0 e 2 salários mínimos. Já as famílias cuja faixa de renda compreende até 3 salários mínimos são beneficiadas pelo Tesouro Estadual.

O recurso concedido por meio do “cheque moradia” consiste num crédito outorgado, concedido ao comerciante, autorizando-o a repassar materiais de construção aos beneficiários do programa Morada Nova.

Para aqueles que se enquadram numa faixa de renda entre 3 a 12 salários, os recursos são originados do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e repassados pela Caixa Econômica Federal (CEF) através do Programa de Arrendamento Residencial (PAR), coordenado pela Agência de Habitação.

Para a concretização do projeto, o governo concede cheques com valores de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) para serem utilizados na construção de habitações e de até R\$ 1.500,00 (hum mil e quinhentos reais) para benefícios nos imóveis, como reformas e ampliações.

Encontra-se definido na Lei Estadual nº. 14.542, de 30 de setembro de 2003, a relação de materiais que poderão ser adquiridos com o crédito. As famílias, para se beneficiarem do Programa, devem atender aos seguintes requisitos:

- Renda familiar mensal de até 3 (três) salários mínimos;
- Residir no município, antes de 31/12/2000;
- Não possuir outro imóvel;
- Ter família constituída com pelo menos um dependente;
- Não ter sido beneficiado com doação de moradia em outro programa estadual, municipal ou federal;
- Ser maior de 18 anos ou emancipado;
- Fornecer a mão de obra necessária, até o final da obra.

Fica sob a responsabilidade dos demais órgãos do governo implantar os benefícios de competência de cada um deles, como equipamentos de educação, saúde, transportes e lazer.

No município de Goiânia, iniciou-se em 2006 e ainda está sendo viabilizado o loteamento João Paulo II, com a construção de 822 novas habitações. Para o Conjunto Vera Cruz, planeja-se a construção de conjuntos habitacionais, num total de 4.320 apartamentos.

De acordo com entrevista do presidente da AGEHAB (AGEHAB, 2006) o grande desafio no momento é a conclusão do Real Conquista, para assentar famílias oriundas da área de posse do Parque Oeste Industrial, com 2.500 moradias. Segundo o Presidente da AGEHAB, abrigará 15.000 pessoas, o equivalente a uma cidade do porte de Hidrolândia, município goiano, próximo à capital do Estado.

O Presidente da AGEHAB afirma ainda que está prevista no programa habitacional do governo a construção de casas no Residencial Triunfo, para mais de 500 famílias. Também está em andamento, junto à prefeitura de Goiânia, a aprovação de aproximadamente 14.000 lotes que atenderão a população de baixa renda, sendo as despesas com a regularização fundiária totalmente de responsabilidade do governo. Os bairros contemplados por essa iniciativa são Jardim Curitiba 1, 2, 3 e 4; Jardim Primavera; Bairro da Vitória; Vila Isaura e algumas famílias do Setor Leste Universitário.

2.2.2 Política Habitacional no Âmbito Municipal

O crescente aumento da população no município de Goiânia gera demanda por saneamento, saúde, escola, transporte público e, também, por habitação. A administração pública municipal não tem se omitido nas tentativas de atender a essas prioridades. Nos últimos anos, entre o período de 1994 a 2007, tem implementado ações para erradicar invasões e suprir a necessidade habitacional da população, principalmente a de baixa renda, que tem dificuldade de adquirir seu imóvel e, muitas vezes, fixa suas casas em lugares impróprios para a habitação. Embora ações dessa natureza venham acontecendo, não têm sido suficientes para resolver o problema daqueles que necessitam da ação do poder público para terem acesso à moradia.

Em relatório técnico (SEPLAM, 2006), levantamento de dados para a elaboração do Plano Diretor, consta a informação da Fundação João Pinheiro de que em 2002 o déficit habitacional estimado em Goiânia seria de 30.000 unidades habitacionais. Consta também que de acordo com a proposta elaborada para um programa habitacional da Companhia de Obras e Habitação do Município de Goiânia (COMOB) em 2005, este número seria de 58.000 unidades, sendo que, deste total, 7.000 famílias encontravam-se em áreas de risco. Pode-se deduzir, então, que o número de habitações edificadas no período 1994 -2007 estão aquém da necessidade.

Os programas habitacionais implantados no município de Goiânia, conforme relatório de levantamento de dados para a elaboração do Plano Diretor (SEPLAM, 2006), são os seguintes:

1 RESIDENCIAL GOIÂNIA VIVA: o bairro foi criado no ano de 1993, está localizado na região Oeste da cidade, próximo à BR-060, à margem esquerda do Córrego Taquaral. Foi implantado com recursos do Tesouro Municipal, com o objetivo de parcelar a área, urbanizar e assentar 2.392 famílias oriundas de posses urbanas localizadas no Jardim Conquista, Recanto das Minas Gerais, Morro do Aranha (margens do córrego Capim Puba) e Ciclovía (margens do Córrego Botafogo). Após essa etapa, outras famílias foram transferidas para esse mesmo bairro, obedecendo a um cronograma diferenciado e com recursos de origens e programas diversos:

1.1 Programa Habitat, assinado em fevereiro de 2005 e iniciado em setembro do mesmo ano, com recursos originados de convênio com a ONG norte-americana – Associação Habitat para a Humanidade. Foram atendidas 130 famílias de baixa renda.

1.2 Programa Renascer, assinado em fevereiro de 2005 e iniciado em setembro do mesmo ano, os recursos vieram da Comunidade Comum Européia, através da ONG religiosa de origem alemã, MISEREOR, com a finalidade de atender 100 famílias, ressaltando a parceria com a Universidade Católica de Goiás e da Federação Goiana dos Inquilinos e Posseiros Urbanos (FEGIP).

1.3 Cooperativa Habitacional Popular de Goiânia (COHPOG), assinado em 11 de maio de 1994. Com recurso proveniente da contribuição dos cooperados, foram construídas 659 casas através da auto-gestão, com o objetivo de atender os setores sociais de menor poder aquisitivo e, também, incentivar o associativismo.

1.4 Morro do Aranha – Capim Puba, ano de 1996. Com recursos do Tesouro Municipal, foram construídas 498 casas, para assentar as famílias da área de risco localizada no Morro do Aranha/Capim Puba.

1.5 Ciclovía – Córrego Botafogo, em 1996. Foram transferidas para o Residencial Goiânia Viva, especificamente para o assentamento denominado Nova Vida, 54 famílias que moravam na área de risco denominada ciclovía, e todas as casas foram construídas com recursos do Tesouro Municipal.

1.6 Parceria com o Governo do Estado, em 1996, para transferir 100 famílias que ocupavam áreas de risco dos córregos Cascavel, Areião e Botafogo, Jardim Aroeira e faixa de proteção da BR-153 e sob a linha de alta tensão.

1.7 No ano de 1996, a prefeitura, com recursos oriundos do Tesouro Municipal e parcerias, distribuiu kits para a construção de 38 casas, para atender

famílias desabrigadas pelas enchentes na Alameda Emílio Póvoa, Ciclovía e Setor Norte Ferroviário.

2 PRÓ-MORADIA 1996: Também no ano de 1996 a Prefeitura assina contrato com a Caixa Econômica Federal, recursos do FGTS, e no ano seguinte, em 1997, deu início à construção de casas localizadas nos bairros Santo Hilário, Setor Perim, Jardim Conquista, Bairro São Judas Tadeu e Jardim Pompéia. Além de atender 1.275 famílias, o programa teve como objetivo recuperar ambientalmente as áreas de posse e áreas degradadas, com a execução de infra-estrutura urbana.

3 PROGRAMA HABITAR BRASIL (Figura 2): Com recursos oriundos do Orçamento Geral da União, beneficiou 732 famílias que moravam nas áreas de risco às margens do Córrego Botafogo, Ciclovía, Jardim Botânico II e III, Jardim Goiás III e IV, Vila Redenção, Vila Maria José, Emílio Póvoa, Setor Norte Ferroviário, Jardim das Aroeiras e Parque dos Eucaliptos, proporcionou aos beneficiados moradias de qualidade, para as famílias com renda de até 03 (três) salários mínimos. No Parque Atheneu foram construídas 432 casas em terrenos adquiridos pela prefeitura, 300 no Setor Brisas da Mata e 02 centros de convivência, além da infra-estrutura.



Figura 2 - Casas do Programa Habitar Brasil - OGU/1998
Fonte: Prefeitura de Goiânia. in: www.goiania.go.gov.br/html/obras/habitacao/fotos/htm

4 PRÓ-MORADIA – CIDADE LEGAL (Figura 3): O programa foi assinado em junho de 1998 e iniciado em fevereiro do ano seguinte, com recursos da Caixa

Econômica Federal/FGTS, para atender 2.449 famílias das áreas de posse do Jardim Planalto, Jardim Goiás II, III e IV, Jardim Vitória, Bairro Capuava, Jardim Botânico I e II, Ciclovía, Vila Redenção, Vila Maria José, Vila São João, Areião III e Dom Fernando I. O objetivo do projeto foi também a urbanização de 15 áreas de posse em situação de risco, além da construção de 512 apartamentos, cinco centros comunitários e o benefício de 56 famílias com a melhoria das habitações, execução de obras de infra-estrutura viária, saneamento, rede de energia e iluminação pública.

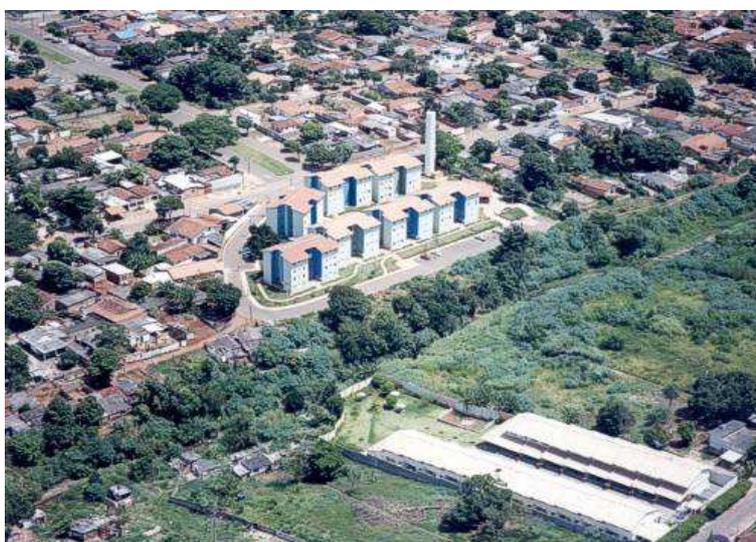


Figura 3 - Programa Pró-Moradia/97 - Cidade Legal
Fonte: Prefeitura de Goiânia. in www.goiania.go.gov.br/html/obras/habitacao/fotos/htm

5 PRÓ-MORADIA/97 – JARDIM GOIÁS I: Assinado em junho de 1998, teve sua execução iniciada em fevereiro de 1999. Os recursos foram da Caixa Econômica Federal/FGTS, para atender 560 famílias da área de posse do Jardim Goiás, próxima ao estádio Serra Dourada. O objetivo foi reurbanizar a área do Jardim Goiás I, implantar serviços de infra-estrutura básica, no tocante a galerias de água pluvial, rede de água e esgoto, energia elétrica, iluminação pública e pavimentação das ruas, além da construção de 80 unidades de apartamentos na Quadra B-1, construção de creche e melhorias de outras 38 habitações (Figura 4).



Figura 4 - Programa Pró-Moradia/97 - Jardim Goiás
Fonte: Prefeitura de Goiânia. in www.goiania.go.gov.br/html/obras/habitacao/fotos/htm

6 Outro projeto, HABITAR-BRASIL/BID: Projeto Dom Fernando, assinado em dezembro de 2001, iniciado em julho de 2002. Recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e Caixa Econômica Federal atendeu 934 famílias cujas habitações estavam localizadas às margens do Córrego Cascavel e do Ribeirão Anicuns, sendo 331 beneficiadas diretamente pelo projeto e 603, indiretamente. O objetivo foi o de remanejar as famílias das áreas de risco, com a implantação de um conjunto habitacional com infra-estrutura, equipamentos comunitários e praças, com 236 unidades de habitação, além da reurbanização das áreas às margens do Córrego Cascavel e Ribeirão Anicuns (Figura 5).



Figura 5 - Programa Habitar Brasil/BID - Projeto Dom Fernando
Fonte: Prefeitura de Goiânia. in www.goiania.go.gov.br/html/obras/habitacao/fotos/htm

7 Através do programa **MORAR MELHOR 2000**: Iniciado em 2002, com recursos do Orçamento Geral da União, foram construídas 11 unidades habitacionais no Setor Recanto do Bosque, para atender famílias originadas do Jardim Goiás I. Pode-se observar, pela Figura 6, que as casas foram construídas em local com a presença de vegetação nativa e, conseqüentemente, melhor qualidade de vida.



Figura 6 - Programa Morar Melhor - OGU/2000
Fonte: Prefeitura de Goiânia. in www.goiania.go.gov.br/html/obras/habitacao/fotos/htm

8 Com o projeto Fundação Nacional de Saúde (FUNASA): Ainda em 2002, com recursos do Ministério da Saúde/Fundação Nacional de Saúde, com a construção de 12 habitações no setor São Leopoldo, para assentar famílias da área de risco denominada Buracão.

9 Programa de Subsídio Habitacional: levou o nome de PSH e foi implantado em 2002, contou com recursos originados da Caixa Econômica Federal/Ministério das Cidades. A prefeitura participou com a doação dos terrenos, e foram atendidas 305 famílias, com a construção de 110 habitações no Recanto do Bosque, 50 no Residencial Itamaracá e 145 no Residencial Eldorado Oeste Extensão (Figura 7)



Figura 7 - Construção das Casas/ Programa PSH
Fonte: Prefeitura de Goiânia. in www.goiania.go.gov.br/html/obras/habitacao/fotos/htm

10 Programa Construindo com Você – no setor Estrela D’alva e Eldorado Oeste: também no ano de 2002. Foi implantado com recursos do Tesouro Municipal e do Governo de Goiás, e, também, com a oferta de cheque moradia para 25 unidades. Dentro desse programa, o número de famílias beneficiadas alcançou 305. Foram construídas 74 unidades habitacionais para atender famílias das áreas do Buracão, Emílio Póvoa, Norte Ferroviário e Residencial Goiânia Viva. Com esses recursos, houve ainda a produção de lotes e regularização dos assentamentos (Figuras 8 e 9).



Figura 8 – Construindo com você – Setor Eldorado Oeste
Fonte: Prefeitura de Goiânia. in www.goiania.go.gov.br/html/obras/habitacao/fotos/htm

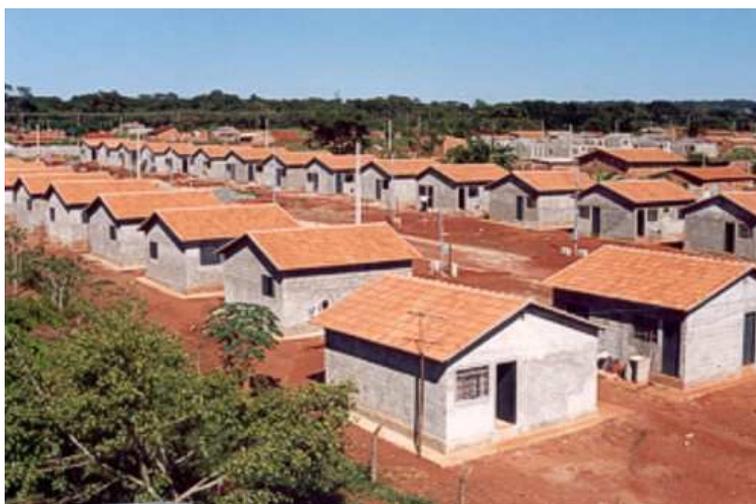


Figura 9 - Programa Construindo com Você - Setor Estrela D'Alva
Fonte: Prefeitura de Goiânia. In:
www.goiania.go.gov.br/html/obras/habitacao/fotos/htm

Outra iniciativa da gestão pública municipal, iniciada no ano de 2003 e concluída pela atual administração (informação verbal)⁴¹, conforme consta no Processo de nº. 23555654, de 17/12/2003, foi a que deu origem ao processo de aprovação de um bairro para fins de remoção de 83 famílias da área de posse localizada na faixa de proteção ambiental do Bairro Água Branca, às margens do Córrego Água Branca, para a Vila Martins, distante do local de origem aproximadamente 2 km. Ressalta-se que o reassentamento das famílias em bairro próximo atende a recomendação contida no Manual do Programa Habitar Brasil Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) (BRASIL- Ministério das Cidades, s/d, p. 34).

Conforme relatório elaborado em 2002 por técnicos da Companhia de Obras e Habitação (COMOB) do município de Goiânia, da Secretaria Municipal de Obras e da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMA) para o ano de 2007, encontra-se em andamento projeto de construção de habitação para as 200 famílias que serão remanejadas da área de posse e em situação de risco, localizada na Vila Monticelli. Os recursos para investimento no projeto são de origem do Governo Federal/Caixa Econômica Federal. Consta, ainda, que dentro deste mesmo projeto as famílias que serão mantidas na área de posse receberão benefícios para as suas habitações, conforme a necessidade de cada moradia. Também serão

⁴¹ Informação repassada pelo Assessor Técnico de Regularização Urbana da Secretaria Municipal de Planejamento (julho, 2007).

contempladas por este projeto as famílias da área de posse incorporada na faixa de proteção do Córrego Botafogo nos bairros Vila Fróes, Vila Megale e Criméia Leste.

O bairro Residencial Santa Fé I foi aprovado pelo Decreto Municipal nº 059 de 14/01/2008. Consta no referido decreto que os lotes destinados à Prefeitura Municipal de Goiânia fazem parte de um convênio firmado entre município e loteador e serão utilizados para:

Promoção de um estoque emergencial de Lotes Urbanos e Públicos para o desenvolvimento de programas municipais de habitação de interesse social e execução de projetos habitacionais de assentamento de família de baixa renda e geração de emprego e renda, tudo em conformidade com o disposto nas Leis /complementares Municipais nº 031, de 29 de dezembro de 1994, 048 de 23 de maio de 1996, Lei Municipal nº 7.222, de 20 de setembro de 1993 e Lei Municipal nº 8.534, de 31 de maio de 2007 (PREFEITURA de Goiânia, 2007).

As figuras 10 a 12 são ilustrações das casas do Residencial Santa Fé I, para onde planeja-se transferir as 200 famílias.



Figura 10 - Ilustração das casas I
Fonte: Secretaria Municipal de Obras de Goiânia/Dez-2007



Figura 11 - Ilustração das casas II
 Fonte: Secretaria Municipal de Obras de Goiânia/Dez-2007



Figura 12 - Ilustração das casas III
 Fonte: Secretaria Municipal de Obras de Goiânia/Dez-2007

Na Assessoria Técnica de Regularização Urbana (ASTRU) da Secretaria Municipal de Planejamento da prefeitura de Goiânia, sete processos encontram-se em andamento (Reloteamento Parcial do Goiânia Viva, Jardim Alfaville Extensão, Parque dos Eucaliptos, Jardim Caravelas, Setor Sevene e Quadras 74 e 46 do Jardim Guanabara). Visam a regularização fundiária de áreas de posse e de bairros irregulares que se encontram consolidados há mais de 10 anos (informação verbal)⁴², providos quase todos de infra-estrutura urbana,

⁴²Informação repassada pelo Assessor Técnico de Regularização Urbana da Secretaria Municipal de Planejamento (julho, 2007).

localizados junto à malha urbana consolidada e próximos aos serviços públicos e aos grandes eixos viários.

Em matéria publicada recentemente pela Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Goiânia, no site oficial do município (02/08/2007), destaca-se a assinatura de convênio entre o município e o Governo Federal, para a liberação de recursos provenientes do Programa de Aceleração e Crescimento (PAC) na ordem de R\$ 88.000.000,00 (oitenta e oito milhões) de reais, a serem destinados para a construção de casas para moradores de baixa renda. O projeto prevê a construção de 2.500 a 3.000 unidades habitacionais populares, contemplando quatro regiões de Goiânia nos seguintes bairros: Residencial Buena Vista, Orlando Moraes, Antônio Carlos Pires e Rosal. Na mesma reportagem, o Secretário de Obras do município anuncia para setembro de 2007 o início da construção de 500 casas no Residencial Santa Fé I, destinadas aos moradores das áreas de posse (invasões), áreas de risco e de proteção ambiental.

Nesse mesmo site da prefeitura (02/08/07), aparece outro projeto de relevância para o município - o Projeto Macambira/Anicuns. Visa à recuperação dos vales do Córrego Macambira e do Ribeirão Anicuns, inseridos no projeto de recuperação do Rio Meia Ponte; recuperação e revitalização das faixas de preservação permanente ao longo do córrego e do ribeirão, construção de equipamentos urbanos, remoção de famílias assentadas nas faixas de proteção ambiental e construção de 226 edifícios multifamiliares para o assentamento desses moradores. Esse projeto, além de desocupar importantes áreas ambientais e recuperá-las, irá evitar futuramente uma ocupação indevida e, conseqüentemente, melhorar a qualidade de vida na cidade. Trata-se, também, de um importante projeto que contribuirá para a resolução do problema habitacional em Goiânia.

Pode-se perceber que a conquista do lugar para morar, apesar de ser direito do cidadão, no município de Goiânia as ações governamentais citadas pelos programas habitacionais para combater o problema não contemplam todos que necessitam de moradia. Pode-se notar que a localização das novas casas construídas pelo poder público, nem sempre estão na mesma região onde as pessoas moram e podem ser motivo para as mesmas se recusarem a mudar ou retornarem à origem.

Vale ressaltar que nos programas habitacionais implantados no ano de 1997, as habitações construídas, localizadas no Setor Pedro Ludovico, foram

destinadas para famílias que moravam em área de posse de domínio público ou em área de risco, imprópria para moradia, localizadas próximas à este setor: Jardim Goiás II, III e IV, Jardim Botânico I e II, Ciclovía, Vila Redenção, Vila Maria José, Vila São João, Areião III e Dom Fernando I, atendidas no PROGRAMA PRÓ MORADIA CIDADE LEGAL e para as famílias que moravam nos na área de posse do Jardim Goiás o PRÓ-MORADIA 97 – Jardim Goiás.

Pode-se inferir que muitos deles preservam suas casas pois, foram mantidas mais próximas às origens, o que se pode relacionar com o apego funcional pelo lugar, facilidade de acesso para trabalho, escola, lazer e serviços de saúde. Diferente do atual planejamento para remoção das famílias da área de posse da Vila Monticelli para o bairro Residencial Santa Fé I, onde o planejamento não levou em conta a situação atual com a planejada, irá romper com o apego emocional e apego funcional existente entre os moradores que vão sair e a Vila Monticelli, podendo ser fator de resistência à mudança ou retorno para o bairro ou local mais próximo, que atenda suas necessidades.

3 A VILA MONTICELLI COMO UM LUGAR DE MORAR

3.1 A Vila Monticelli

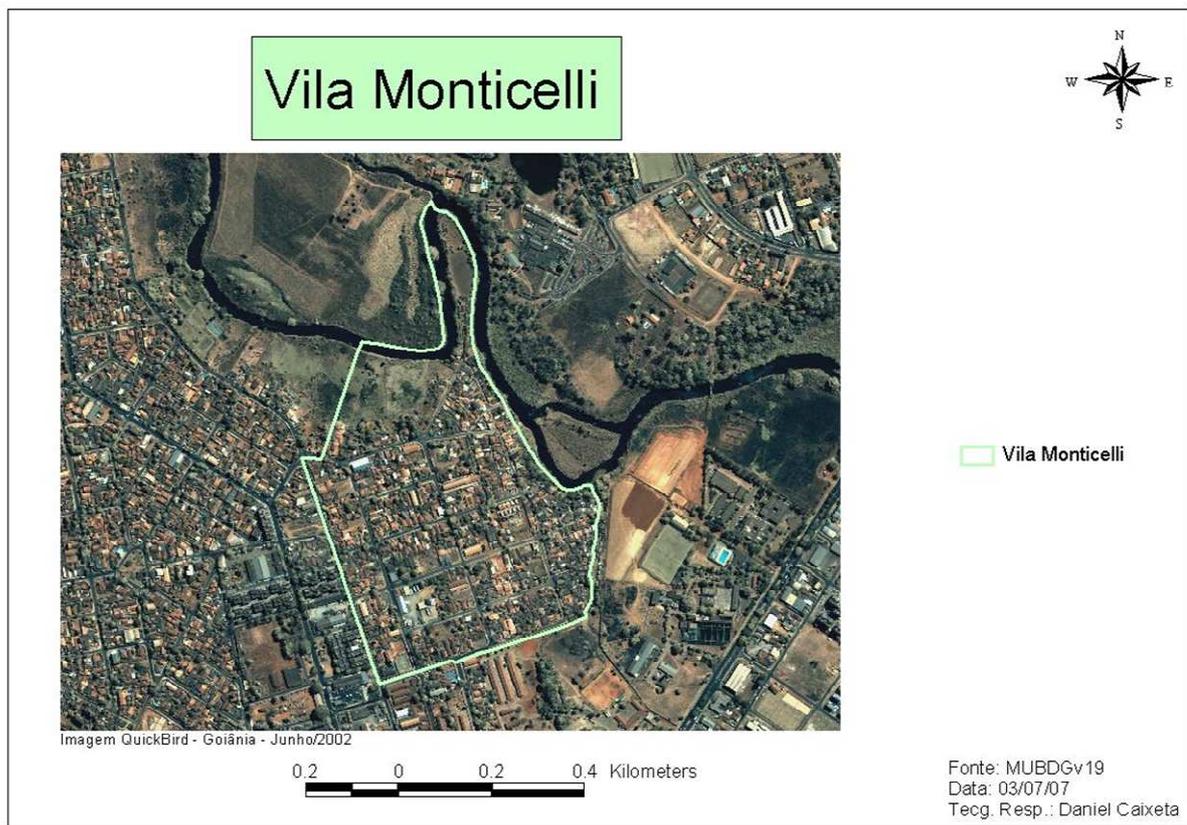


Figura 13 - Foto aérea do bairro/área de posse/2002
Fonte: Prefeitura de Goiânia/Acervo- Divisão de Biblioteca e Documentação/SEPLAM

Trata-se de um bairro do município de Goiânia, aprovado pelo Decreto nº. 26, de 27 de janeiro de 1951, localizado na região central (Figura 14), a uma distância aproximada de 3 Km do centro da cidade. Fica próxima a grandes equipamentos urbanos, dentre eles o Parque de Exposição Agropecuário, o Terminal Rodoviário de transportes de passageiros e a feira Hippie, considerada a maior feira aberta da América Latina. Também não estão muito distante do Aeroporto Santa Genoveva, hospitais públicos e particulares, clubes e do Parque Mutirama, além de avenidas de grande circulação de veículos e importantes para o sistema viário, como a Avenida Independência, Avenida José Gomes Monteiro e o Eixo Leste-Oeste.

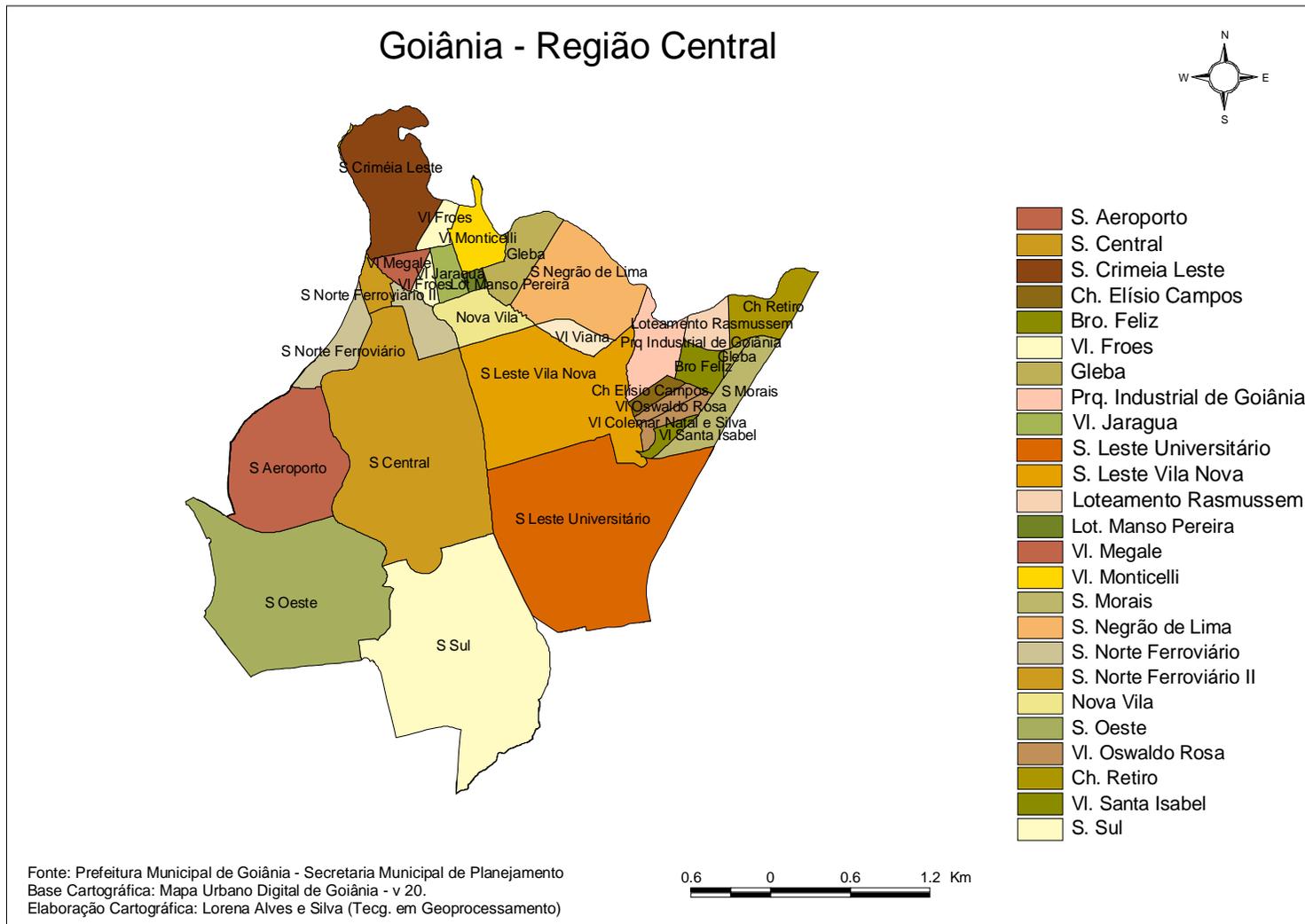


Figura 14 – Mapa da Região Central de Goiânia

A figura 15 destaca o contorno do bairro, hidrografia e limites com os bairros vizinhos.



Figura 15 - Mapa do Contorno do bairro e limites de bairros vizinhos

A caracterização da Vila Monticelli consta em informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Censo Demográfico de 2000.

No que se refere aos aspectos demográficos, a Tabela 1 registra o número de habitantes por sexo, observando-se o equilíbrio entre o número de moradores dos dois gêneros. Em relação ao número de habitantes da região Central, num total de 145.960 pessoas, segundo o mesmo censo (2000), a participação da Vila Monticelli corresponde a 1,84%.

Tabela 1 - Quantitativo de pessoas residentes, por sexo na Vila Monticelli - Goiânia em 2000

Bairro	População Residente		
	Total	Homens	Mulheres
Vila Monticelli	2.688	1.349	1.339

Fonte: Prefeitura de Goiânia - SEPLAM/DPSE/DVPE/DVSE

Elaboração: Carla C. A. Gomes

No que se refere à classificação da população por grupo de idade, pela Tabela 2 pode-se constatar que a população na faixa compreendida entre 0-9 anos equivale a 18,34% dos moradores, e o grupo que corresponde à população adulta, com idade acima de 20 anos, equivale a 61,2% dos moradores do bairro. O que se pode constatar é que, em relação ao número de crianças, a população adulta é bem superior. O número de pessoas com idade de 60 anos ou mais também é significativa, pois chega a 7,3% dos habitantes da Vila Monticelli.

Tabela 2 - Quantitativo de pessoas residentes, por grupo de idade na Vila Monticelli - Goiânia em 2000

Bairro	População Residente								
	Total	Grupos de Idade (em anos)							
		0 - 4	5 - 9	10 - 19	20 - 29	30 - 39	40 - 49	50 - 59	60 ou mais
Vila Monticelli	2.688	248	245	550	567	412	293	179	195

Fonte: Prefeitura de Goiânia - SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Com relação à alfabetização da população na faixa etária de cinco anos de idade ou mais, a Tabela 3 demonstra que é elevado o índice de pessoas alfabetizadas, pois no universo de 2442 moradores, 2200 são alfabetizados, isto é, 90,0%. Observa-se, também, que o número de residentes homens alfabetizados é maior do que o número de mulheres na mesma situação.

Tabela 3 - Quantitativo de pessoas residentes alfabetizadas e não alfabetizadas de cinco anos de idade ou mais, por sexo na Vila Monticelli - Goiânia em 2000

Bairro	Pessoas Residentes de Cinco Anos de Idade ou Mais						
	Total	Alfabetizadas			Não Alfabetizadas		
		Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Vila Monticelli	2.442	2.200	1.108	1.092	242	113	129

Fonte: Prefeitura de Goiânia - SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Ainda em relação à alfabetização segundo o grupo de idade (Tabela 4), percebe-se que o grupo de pessoas com idade compreendida entre 20-29 anos é o

mais significativo, pois entre 2200 pessoas alfabetizadas, eles somam 555, o que equivale a 25,2% da população alfabetizada do bairro.

O número de crianças com idade entre 5-9 anos, conforme a Tabela 1, é de 245 pessoas. Se compararmos esse dado com os da Tabela 4, apenas 158 (64,5%) delas são alfabetizadas. Isto pode significar que 87 (35,5%) crianças em idade escolar estavam fora da sala de aula na ocasião do censo de 2000. Entre as demais faixas etárias, estão bem próximos os números de residentes com relação aos alfabetizados.

Tabela 4 - Quantitativo de pessoas residentes alfabetizadas de cinco anos de idade ou mais, por grupos de idade na Vila Monticelli - Goiânia em 2000

Bairro	Pessoas Residentes Alfabetizadas de Cinco Anos de Idade ou Mais								
	Total	Grupo de Idade (em anos)							
		5 - 9	10 - 14	15 - 19	20 - 29	30 - 39	40 - 49	50 - 59	60 ou mais
Vila Monticelli	2.200	158	240	299	555	396	267	149	136

Fonte: Prefeitura de Goiânia - SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Do total de 742 domicílios particulares no bairro, 737 ou 99,3% são domicílios permanentes, conforme registra a Tabela 5. Nesses domicílios particulares permanentes, o número de casas é predominante, correspondendo a 98,9% (Tabela 6).

Tabela 5 - Quantitativo de domicílios particulares e coletivos na Vila Monticelli - Goiânia em 2000

Bairro	Domicílios Total	Particulares			Coletivos
		Total	Permanentes	Improvisados	
Vila Monticelli	742	741	737	4	1

Fonte: Prefeitura de Goiânia - SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Tabela 6 - Quantitativo de domicílios particulares permanentes por tipos na Vila Monticelli - Goiânia em 2000

Bairro	Tipos			
	Total	Casa	Apartamento	Cômodo
Vila Monticelli	737	729	6	2

Fonte: Prefeitura de Goiânia - SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Quanto à renda, as informações do Censo de 2000 são relativas ao chefe da família e não ao grupo familiar. Sendo assim, na Tabela 7 pode-se perceber que o maior número deles declara ter renda compreendida entre a faixa “mais de um a dois salários mínimos”, pois dos 737 responsáveis por domicílios particulares permanentes 199 estão nessa situação. Três responsáveis percebem renda de até $\frac{1}{2}$ (meio) salário mínimo, e 48 declaram que não têm rendimento. A mesma tabela ainda permite concluir que 58,7% dos responsáveis ou chefes de domicílios da Vila Monticelli têm renda de até três salários mínimos.

Tabela 7 - Quantitativo de pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes segundo a faixa de renda na Vila Monticelli - Goiânia em 2000

Renda (Salário Mínimo)	Número de Pessoas
Até 1/2	3
Mais de 1/2 a 1	115
Mais de 1 a 2	199
Mais de 2 a 3	116
Mais de 3 a 5	123
Mais de 5 a 10	94
Mais de 10 a 15	15
Mais de 15 a 20	11
Mais de 20	13
Sem rendimento	48
TOTAL	737

Fonte: Prefeitura de Goiânia - SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Quanto ao número de moradores por domicílio (Tabela 8), vale ressaltar que 87 residências (11,8%) possuem apenas um morador, enquanto 187 domicílios, representando 25,3% do total, possuem 4 moradores. Pode-se perceber que o número de domicílios diminui, à medida que aumenta o número de moradores.

Tabela 8 - Quantitativo de domicílios particulares permanentes, por número de moradores na Vila Monticelli - Goiânia em 2000

Bairro	Domicílios Particulares Permanentes								
	Total	Número de Moradores							
		1	2	3	4	5	6	7	8 ou mais
Vila Monticelli	737	87	111	150	187	119	46	19	18

Fonte: Prefeitura de Goiânia - SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Ainda de acordo com o Censo de 2000, no que concerne à Vila Monticelli, dos 737 domicílios particulares permanentes, apenas 14 (1,9%) possuem nascente ou poço, e 723 (98,1%) usufruem do abastecimento de água por rede, conforme consta na Tabela 9. Quanto à existência de banheiro ou sanitário, constata-se a existência desses equipamentos em 731 domicílios, e 513 estão ligados à rede geral de esgoto. Vale ressaltar que 06 domicílios não possuem banheiro ou sanitário. Sobre o destino do lixo, a coleta domiciliar atende 717 deles, ao passo que em 20 domicílios o lixo tem outro destino, sendo possivelmente depositados inadequadamente.

Tabela 9 - Quantitativo de domicílios particulares permanentes, por forma de abastecimento de água, existência de banheiro ou sanitário, tipo de esgotamento sanitário e destino do lixo na Vila Monticelli - Goiânia em 2000

Bairro	Domicílios Particulares Permanentes								
	Total	Forma de Abastecimento de Água			Existência de Banheiro ou Sanitário			Destino do Lixo	
		Rede Geral	Poço ou Nascente	Outra	Tinham		Não Tinham	Coletado	Outro Destino
					Total	Rede Geral			
Vila Monticelli	737	723	14	0	731	513	6	717	20

Fonte: Prefeitura de Goiânia - SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Na Vila Monticelli, as atividades predominantes são de profissionais autônomos, seguidas pelo comércio e prestadores de serviço. De acordo com o cadastro da Prefeitura de Goiânia/ Companhia de Processamento de Dados do Município (2006), havia somente 04 indústrias instaladas no bairro (Tabela 10).

Tabela 10 - Quantitativo de estabelecimentos por setor de atividade na Vila Monticelli - Goiânia em 2006(1)

Bairro	Prestacional	Autônomos	Sociedade Civil	Comércio	Indústria	Setor Primário
Vila Monticelli	23	38	0	28	4	0

Fonte: Prefeitura de Goiânia/ SEPLAM/ DPSE/ DVSE/ DVPE

Elaboração: Carla C. A. Gomes

(1) Até o dia 17 de Janeiro de 2006

Em vistoria no local, constatou-se que o único equipamento público de educação existente, uma escola estadual que atende da 5ª a 8ª série e EJA II (Educação para Jovens e Adultos), está localizado em bairros vizinhos. Os moradores que necessitam de escola da 1ª fase do Ensino Fundamental, de responsabilidade municipal, também freqüentam escolas nos bairros vizinhos, que são bem próximos. O Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), que ali existia, foi transferido com toda a infra-estrutura, juntamente com as crianças matriculadas, para um bairro vizinho (Criméia Leste). A rede particular de ensino também está presente: das três unidades educacionais existentes, uma oferece ensino da Pré-Escola e Fundamental de 1ª a 4ª série, e duas outras disponibilizam Ensino Fundamental nas duas fases.

Dentro da Vila Monticelli, não há equipamentos públicos de saúde, mas pode-se constatar a presença deles nos bairros vizinhos, como um hospital e maternidade. Talvez por isso os moradores os reconheçam, graças a sua importância e proximidade. Existe comércio local, como supermercado, bares, lanchonetes, lan-houses, oficinas, salão de beleza, marcenaria, serralheria, empresa de ônibus, etc., que certamente absorve parte da mão de obra local. Nota-se, também, a presença de igrejas católicas e evangélicas,

Pelo mapa, representado na Figura 16 pode-se perceber a distribuição espacial dos equipamentos de saúde, educação, lazer e igrejas, localizados no entorno e na Vila Monticelli. Na seqüência, a Figura 17 contém o mapa da distribuição dos estabelecimentos comerciais localizados no entorno e na Vila Monticelli. Percebe-se, também, que os moradores do bairro estão próximos às linhas de transporte coletivo urbano, que facilitam o deslocamento para outros lugares, conforme mapa representado pela Figura 18.

Distribuição Espacial de Equipamentos de Saúde, Educação, Lazer e Igrejas Localizados no Entorno e na Vila Monticelli

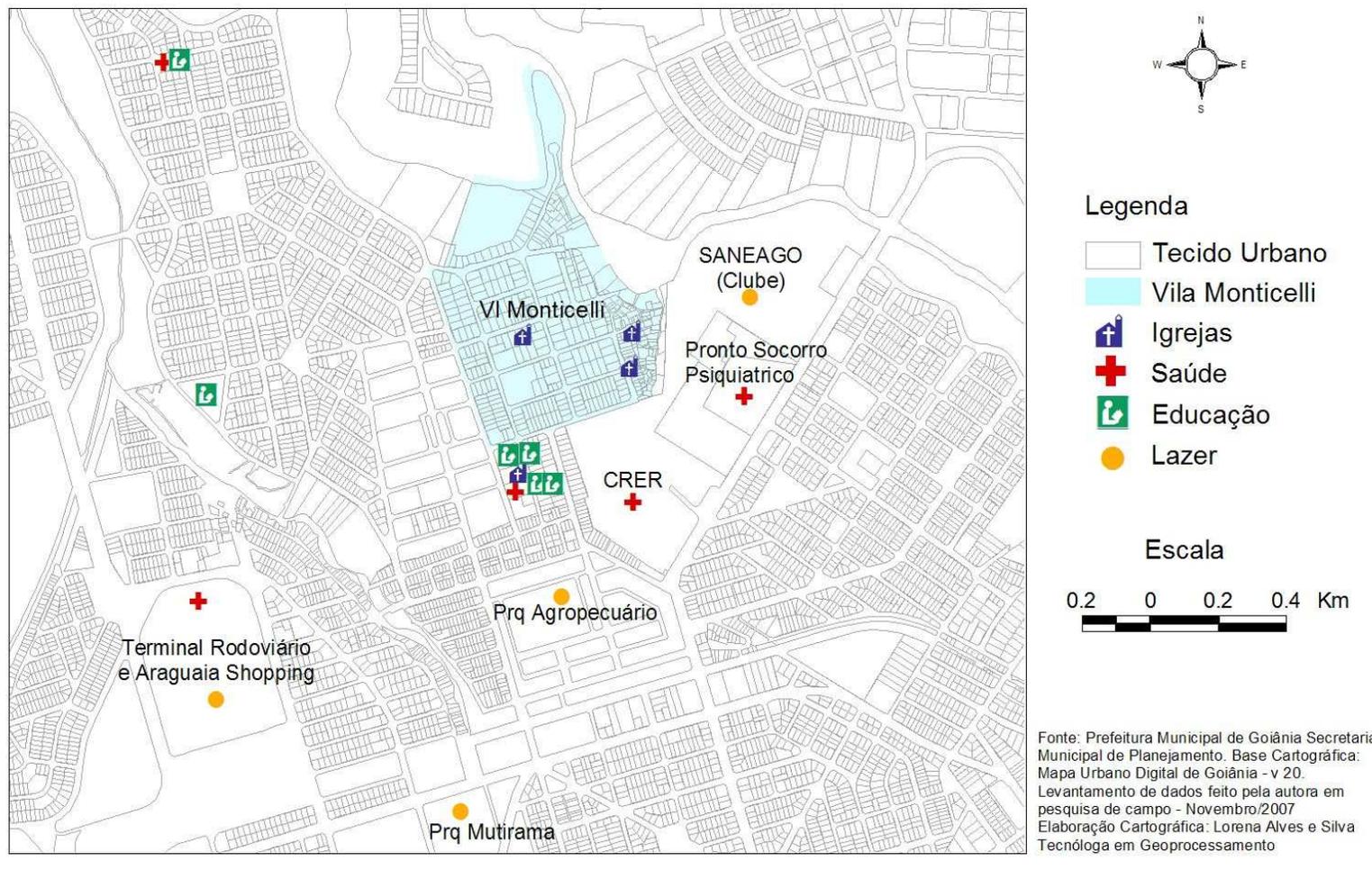


Figura 16 - Distribuição Espacial de Equipamentos de Saúde, Educação, Lazer e Igrejas localizadas no entorno e na Vila Monticelli

Distribuição Espacial dos Estabelecimentos Comerciais e Feira, Localizados no Entorno e na Vila Monticelli

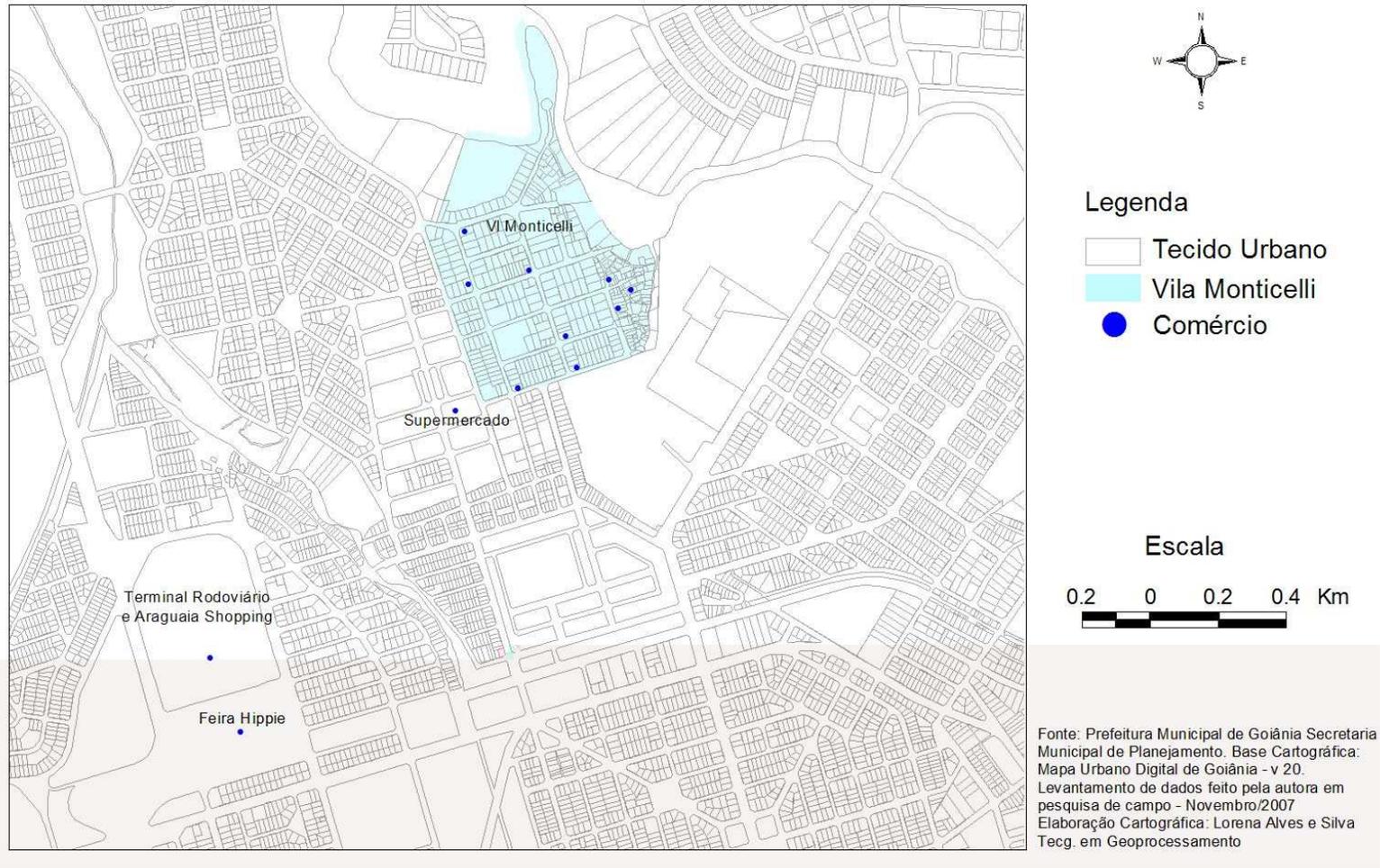


Figura 17 - Distribuição Espacial dos Estabelecimentos Comerciais e Feira, localizados no Entorno e na Vila Monticelli

Linhas de Transporte Coletivo Urbano do Entorno da Vila Monticelli

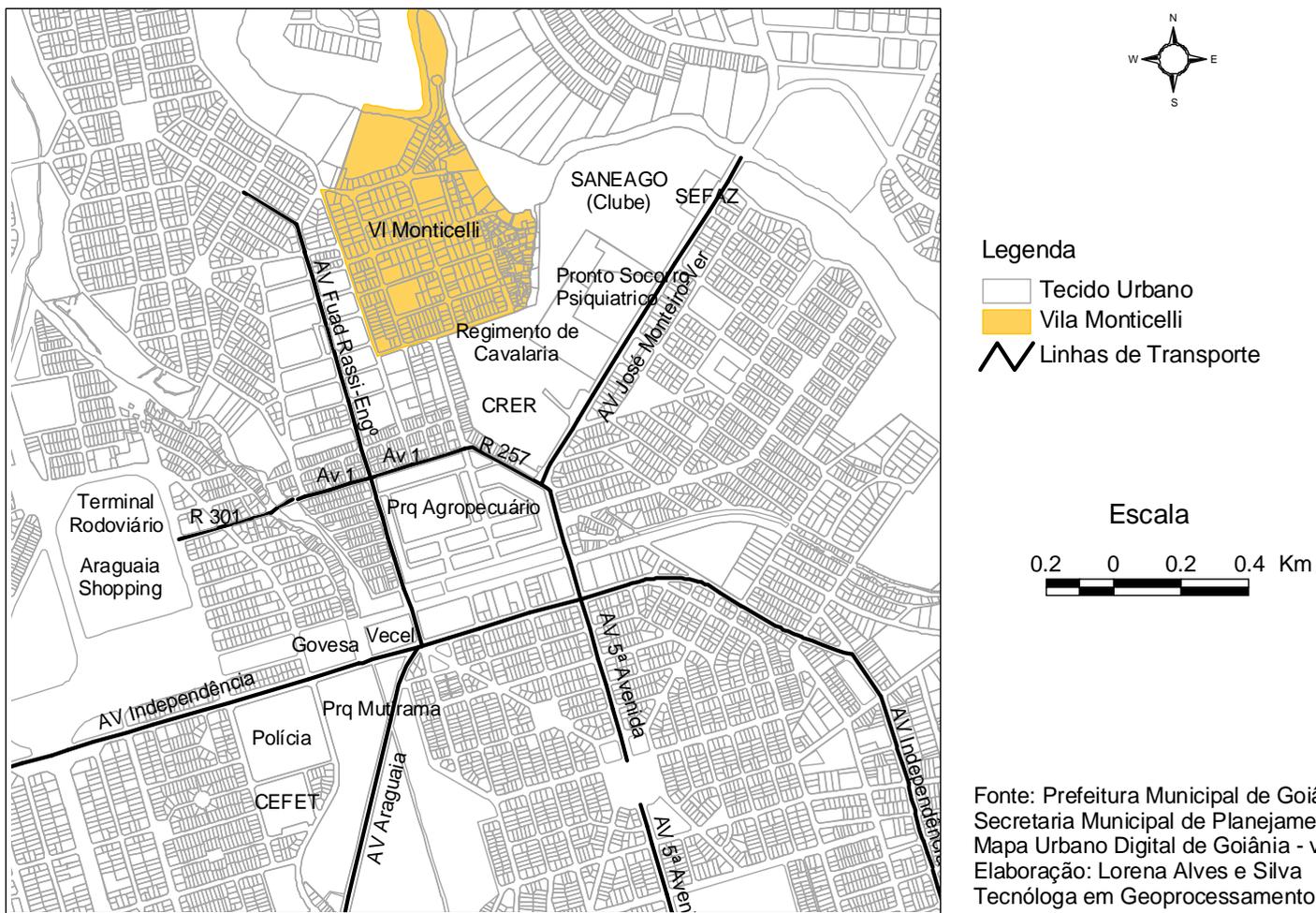
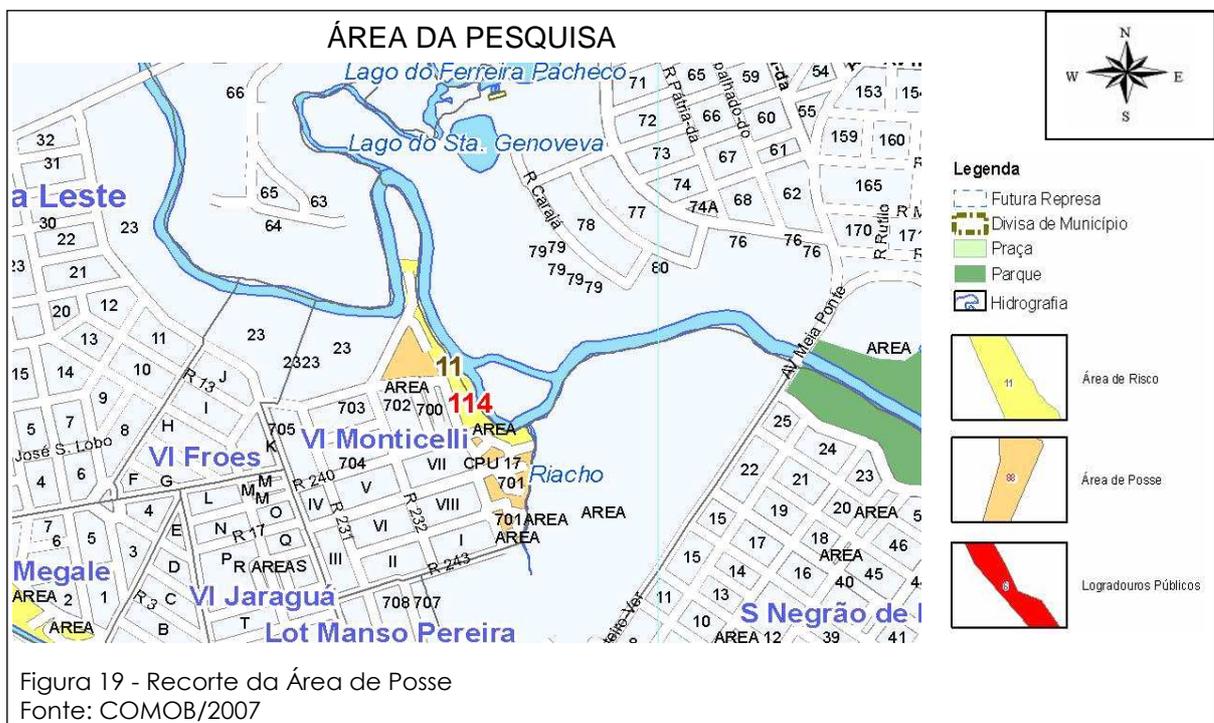


Figura 18 - Linhas de Transporte Coletivo Urbano do Entorno da Vila Monticelli

3.2 A Área de Posse

O mapa abaixo (Figura 19) identifica a extensão da área de posse, que representa apenas parte da Vila Monticelli e, está localizada em uma área situada na faixa de proteção ambiental do Rio Meia Ponte.

Partindo-se da divisa com o Regimento de Cavalaria Montada sentido norte pela Rua Perimetral, até a margem direita do Rio Meia Ponte; deste segue-se no sentido oeste até a divisa da SANEAGO; deste ponto segue-se no sentido sul confrontando com o muro da SANEAGO até o ponto de partida (SMO/COMOB/SEMMA, 2002, p.13).



No mapa da Figura 19, pode-se observar a área de posse do bairro destacada em colorido. A tonalidade rosa corresponde à área que será beneficiada com o projeto, e a área caracterizada como de risco e de onde as famílias serão removidas pode ser visualizada na tonalidade amarela, localizada na proximidade com o Rio Meia Ponte.

Em uma visita ao local, pode-se facilmente constatar os problemas detectados e apontados pelos técnicos da prefeitura, na ocasião da elaboração do

relatório para subsidiar o projeto de remoção das famílias: esgoto lançado inadequadamente, lixo acumulado, habitações precárias, ligações de energia clandestinas e dificuldade de acesso, conforme representados nas fotografias do local.

Os serviços de infra-estrutura, como o asfalto, melhoram a qualidade de vida e o acesso da circulação viária, mas contribuem para a impermeabilização do solo. Assim, os lixos jogados nos leitos dos córregos e rio que cortam a cidade de Goiânia colaboram com a dificuldade no escoamento da água pluvial, refletindo-se nos locais mais próximos dos córregos e afetando mais diretamente os imóveis vizinhos. E, em resposta à ação do homem contra a natureza, as enchentes tornam-se mais freqüentes.

A degradação dos recursos naturais às margens do Rio Meia Ponte é evidente. Várias transgressões ambientais, como uma criação de porcos de forma indevida nas margens desse rio (Figura 20), componente de uma importante bacia hidrográfica, podem ser observadas.



Figura 20 - Degradação ambiental (esquerda) e Criação de porcos de forma irregular (direita)
Foto: SEPLAM/DPFT/Assessoria Técnica de Regularização Urbana

Pela Figura 20, nota-se outra forma de degradação da área marginal do rio. Trata-se não somente da poluição da água por causa do lixo depositado em suas proximidades, mas também da destruição da vegetação que ainda resta no local. A situação do Rio Meia Ponte permanece a mesma, passados cinco anos do diagnóstico que consta no mesmo relatório do levantamento realizado pelos técnicos da prefeitura da Secretaria de Obras do município (SMO)/Companhia de Obras e Habitação (COMOB) e Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SEMMA) em 2002.

No documento, os técnicos fazem um alerta sobre a degradação dos fundos de vales, pelo fato do córrego e do rio que passam pelo bairro terem uma finalidade bem diferente do que lhes é próprio, passando os mesmos a:

servir como canal para o escoamento da água servida pela estação de tratamento de água da companhia de Saneamento de Goiás – SANEAGO e de limpeza do Regimento de Cavalaria da Polícia de Goiás, servindo de deposição de lixo e entulho, com solos expostos em vários locais e uma vegetação constituída praticamente de pastagem plantada e gramíneas, com esparsas ocorrências arbóreas relacionadas a árvores frutíferas (SMO/COMOB e SEMMA, 2002, p. 47-48).

Neste levantamento (2002), constatou-se no bairro um total de 598 edificações, sendo 410 registradas pelo Serviço Social da Secretaria de Obras do município de Goiânia (SMO). Deste registro, de 195 a 200 famílias serão contempladas pelo projeto de recuperação das edificações, conforme a necessidade de cada imóvel, como pinturas, rebocos e melhorias nos telhados, sendo que as 200 restantes, que integram a base da pesquisa, serão remanejadas para o bairro Residencial Santa Fé I.

Semelhante à outras áreas na mesma situação, as ocupações são desordenadas, com formas e tamanhos variados, percebendo-se até a presença de mais de uma edificação por lote. As moradias são precárias (Figura 21), em sua maioria de alvenaria, porém muitas delas sem o acabamento de rebôco e pintura. Com a proximidade do veio d'água, percebe-se que a qualidade das edificações é ainda mais frágil.



Figura 21 - Precariedade das edificações/proximidade com a água

Foto: SEPLAM/DPFT/Assessoria Técnica de Regularização Urbana

Além da precariedade das habitações, nota-se a grande proximidade das casas com a água e o desmoronamento do barranco, água suja e ausência de vegetação na margem, além da plantação de mamonas (Figura 22)



Figura 22 - Precariedade das edificações/proximidade com a água (esquerda) e Precariedade das edificações (direita)
Foto: SEPLAM/DPFT/Assessoria Técnica de Regularização Urbana

As dificuldades de acesso dentro do bairro também são visíveis (Figura 23). Os moradores circulam pelo sistema viário criado por eles próprios, os becos e vielas, que permitem apenas chegarem aos locais de moradia. Existem duas passarelas no local que permitem a circulação dos moradores. Nesta mesma Figura, nota-se claramente que as vias de circulação e acesso às moradias são estreitas e estão muito próximas à vegetação existente no local.



Figura 23 - Acesso às moradias/vias de circulação interna
Foto: SEPLAM/DPFT/Assessoria Técnica de Regularização Urbana

Constata-se, ainda, nesta ocupação indevida da área de posse, um espaço diferenciado. Trata-se de uma chácara que tem o acesso controlado pelo morador, por meio de portão eletrônico e interfone. Com a permissão do morador, a equipe técnica da prefeitura e esta pesquisadora entraram na chácara, onde se constatou a existência das seguintes benfeitorias: casa, piscina, campo de futebol, pomar de frutas e um jardim na entrada, tudo muito bem cuidado, conforme Figura 24.



Figura 24 – Portão de acesso da Chácara (esquerda) e Casa da chácara (direita)
Foto: SEPLAM/DPFT/Assessoria Técnica de Regularização Urbana

No bairro existem serviços urbanos de água e energia elétrica, mas é grande a presença de ligações clandestinas nas duas situações. Apesar da água consumida ser fornecida pela SANEAGO, o esgoto, que não é depositado em fossas sépticas, é lançado diretamente no leito do córrego, comprometendo a qualidade da água (Figura 25).



Figura 25 - Ligação de energia elétrica (esquerda) e Lançamento de esgoto clandestino (direita)
Foto: SEPLAM/DPFT/Assessoria Técnica de Regularização Urbana

Quanto ao destino do lixo, as vielas estreitas impedem a circulação dos caminhões de coleta. Existe, porém, um recipiente instalado pela prefeitura junto ao muro do Regimento de Cavalaria (Rua 243 com Rua Perimetral) para os moradores depositarem o lixo. Conforme Figura 26, entretanto, alguns adotam a prática de descartar o lixo de suas casas diretamente no córrego ou às margens dele, o que também contribui para o comprometimento da qualidade de vida da população, principalmente a ribeirinha.



Figura 26 - Lixo (esquerda) e Poluição do Veio d'água (direita)
Foto: SEPLAM/DPFT/Assessoria Técnica de Regularização Urbana

Para solucionar todos esses problemas, consta na Prefeitura de Goiânia projeto em andamento, para beneficiar as famílias que moram em casas situadas na faixa de proteção ambiental, que consiste em 30 metros, no mínimo, do “veio” d'água e 50 metros do Rio Meia Ponte. De acordo com a proposta, essas famílias serão remanejadas para o bairro Residencial Santa Fé I, localizado na região sudoeste de Goiânia. Segundo levantamento sócio-econômico realizado pela Gerência Social da Secretaria de Obras (SMO)/Companhia de Obras e Habitação (COMOB) (SMO/COMOB e SEMMA, 2002), existem 1364 pessoas na área de posse.

Pela Figura 27 pode-se conhecer a localização espacial da Vila Monticelli em relação ao bairro Residencial Santa Fé I. Pode-se perceber e inferir que a localização espacial da Vila Monticelli em relação ao Residencial Santa Fé I pode ser um dos motivos que serão apontados pelos moradores para permanecerem onde estão, facilita deslocamento ao centro da cidade e para outros bairros.

Distância da Vila Monticelli ao Residencial Santa Fé I

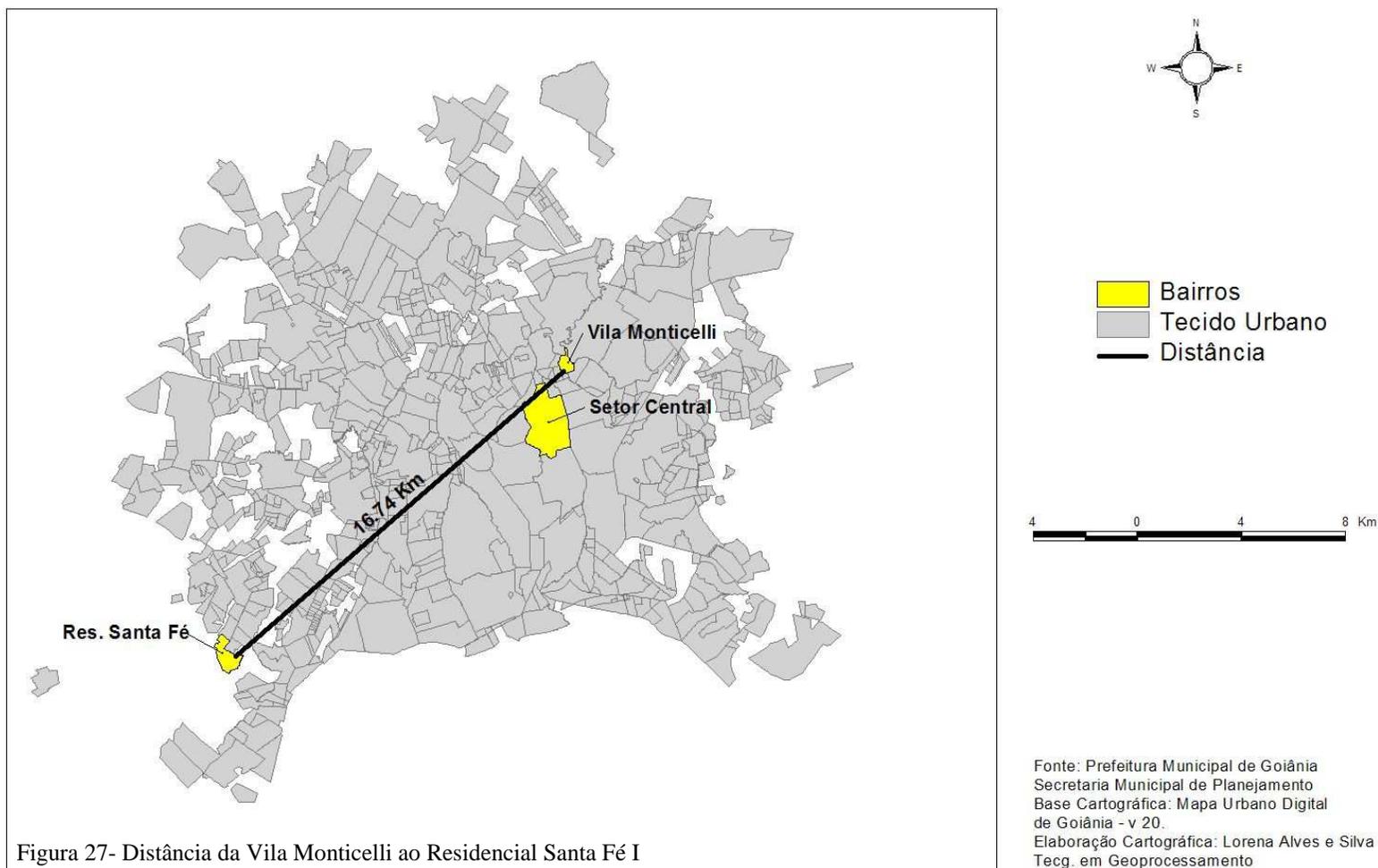


Figura 27- Distância da Vila Monticelli ao Residencial Santa Fé I

3.3 Metodologia

O objetivo deste trabalho, intitulado “O apego do morador pelo lugar de morar: Vila Monticelli em Goiânia-Go.”, é analisar a relação afetiva do indivíduo com o lugar, neste caso a Vila Monticelli, localizada no município de Goiânia, capital do Estado de Goiás. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo e utilizada bibliografia composta de leituras pertencentes a diversas áreas do conhecimento, como a Geografia, Arquitetura, Antropologia e Psicologia, dentre outras.

A revisão bibliográfica contou com a contribuição de obras de autores como Tuan (1980, 1983), Santos (1994), Peluso (2003), Souza (2004), Lamas (2004), Augé (2005), Günther (2003, 2004), Pinheiro (2004), Castello (2004), Rabinovich e Tassara (2004), Giuliani (2004), Soczka (2005), Speller (2005), Pol (1988), Aragonés (2000), Amérigo (2000), Burillo (1991), Moysés (1996, 2004), Maricato (2002, 2006), Castells (2000, 2006), Corrêa (1995) e Lynch (2006), dentre outros.

A opção por desenvolver a pesquisa na Vila Monticelli ocorreu após visitas a um conjunto de bairros de Goiânia. Esses bairros apresentavam características comuns, ou seja, possuíam famílias morando em áreas de posse. Seria também necessário que as pessoas não fossem moradores recentes nos locais. A Vila Monticelli, além de possuir parte do bairro destinada à área de preservação ambiental, ocupada por 400 famílias, algumas delas há mais de 30 anos no local, tem ainda um outro diferencial que contribuiu para a opção pelo bairro, ou seja, o projeto de remoção da metade dessas famílias para o Residencial Santa Fé I, localizado na região sudoeste e distante 16 km de onde estão hoje estabelecidas.

Após a delimitação do campo de estudo, procedeu-se ao:

- Levantamento bibliográfico acerca do tema (livros e artigos científicos publicados em meio eletrônico);
- Vistoria no local para reconhecimento da área em questão e do bairro como um todo; registros fotográficos da área destinada à preservação, já ocupada por moradias, com imagens de habitações, degradação ambiental, lixo, esgoto clandestino, rede de energia elétrica, criação de animais etc.;
- Visitas ao Departamento de Serviço Social da Companhia de Obras e Habitação (COMOB), da Prefeitura de Goiânia, para colher material disponível

sobre as famílias existentes, como o número de moradores e cadastros (as informações não estão atualizadas, já que se referem a 2002);

- Aquisição do projeto urbanístico que será implantado na área a ser desocupada, em meio digital, no Departamento de Projetos da Companhia de Obras e Habitação (COMOB);
- Levantamento de material escrito (Relatório “Temática Ambiental – Urbanização de Assentamentos Subnormais”, Volume IV, de maio de 2002, da Secretaria de Obras do Município (SMO)/Companhia de Obras e Habitação (COMOB) e Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SEMMA), e Processo nº 29969558, de 26/09/2006, da Secretaria Municipal de Obras), cujo histórico refere-se à “solicitação de análise do projeto de regularização da posse urbana localizada na Vila Monticelli”;
- Levantamento de material cartográfico e acervo fotográfico do bairro junto à Secretaria Municipal de Planejamento (SEPLAM);
- Visita à Agência Goiana de Habitação (AGEHAB), para levantamento de informações sobre política habitacional no município de Goiânia, período de 1994-2007, com recursos do governo do Estado de Goiás;
- Visita à Universidade de Brasília (UNB), laboratório de Psicologia Ambiental, para aquisição de material e orientação acerca do tema de estudo proposto;
- Encontro com lideranças do bairro, seguindo orientação de técnicos da prefeitura, com o intuito de expor a intenção de realizar pesquisa com moradores e obter segurança para circular na área, já que existem constantes conflitos entre moradores e polícia, em decorrência do tráfico de drogas que ocorre no local.

3.3.1 Definição de Instrumentos para Pesquisa e Delimitação da Amostra

Primeiramente foram aplicados 4 (quatro) questionários - piloto em cada um dos três grupos estudados, ou seja:

- Moradores da área de posse que serão transferidos para o bairro Residencial Santa Fé I;
- Moradores da área de posse que vão ficar no bairro;
- Moradores do bairro na área regularizada.

Não houve necessidade de modificações do instrumento de coleta de dados de campo e, a partir disto, definiu-se que seriam aplicados questionários e realizadas entrevistas orais com moradores que estivessem dentro do universo da pesquisa.

Segundo Günther (2003, p. 1), “perguntar as pessoas sobre o que fazem (fizeram) e pensam (pensaram) é um dos caminhos para compreender o comportamento humano no contexto das ciências sociais empíricas”. Para o autor, o levantamento de dados pode ser por amostragem ou *survey*, pois, além de garantir representatividade, permite que seja generalizado para uma população maior. O termo *survey*, segundo Günther (2003, p.1), é definido por Fink e Kosecoff (1995) como “método para coletar informações de pessoas acerca de suas idéias, sentimentos, planos, crenças, bem como origem social, educacional e financeira”, e assegura que o questionário seja o instrumento de fundamental importância para o levantamento de dados por amostragem.

Quanto à entrevista oral, Günther (2003) alerta que o processo demanda maior tempo e investimento, pois o considera demorado e oneroso, porém, neste tipo de levantamento, permite-se acesso às informações mais minuciosas. Delimitou-se o número de quatro entrevistas com moradores com idade de 70 anos ou mais, sendo 02 homens e 02 mulheres, residentes desde o início da ocupação.

Após decidir quais os tipos de instrumentos que seriam utilizados para realizar a pesquisa (ver Questionários em anexo), definiu-se que a amostra seria composta por pessoas com idade acima de 18 anos. A amostragem foi necessária, pelo fato de envolver “o estudo de uma parcela dos itens de uma população⁴³ (STEVENSON, 1981, p.160), devido à dificuldade de realizar aplicação de questionário em todos os moradores do bairro, o que caracterizaria um Censo.

Para os grupos que “vão ficar” e os da “área regularizada” do local, usou-se a amostragem aleatória, por ser “aquela na qual todos os membros da população têm chances iguais de serem selecionados” (LARSON, 2007, p.14). A coleta das amostras foi feita seguindo-se as residências nas quais havia moradores no momento da visita da pesquisadora e interesse e disponibilidade deles em responder o questionário.

⁴³ População é o “conjunto de entes portadores de, pelo menos, uma característica comum” (CRESPO, 1997, p. 19), neste caso, moradores da Vila Monticelli.

Quanto ao grupo que “vai sair”, considerou-se a amostragem estratificada, pela importância de se ter membros de diversos tempos de moradia. Esta técnica, “nos assegura que cada segmento da população está representado” (LARSON, 2007, p.15).

Os três questionários foram elaborados pela pesquisadora com perguntas abertas e fechadas, submetidos à avaliação do orientador; para as entrevistas, elaborou-se um roteiro a ser seguido em todas elas.

Os questionários foram aplicados pela própria pesquisadora, da seguinte maneira:

- Explicação do motivo da pesquisa ao morador;
- Questionamento quanto ao interesse em participar da pesquisa (quando recusado, seguia-se à próxima residência);
- Leitura das questões ao entrevistado;
- Registro das respostas;
- Tabulação dos dados, com uso do software estatístico SPSS;
- Organização dos dados em planilhas do software Excel e
- Representação gráfica dos resultados.

O gráfico de coluna múltipla foi usado pelo interesse em “representar, simultaneamente, dois ou mais fenômenos estudados com o propósito de comparação” (CRESPO, 1997 p. 43), e o gráfico em setores (pizza) “é empregado sempre que desejamos ressaltar a participação do dado no total” (CRESPO, 1997, p. 43).

3.3.2 Cálculo do Erro Amostral

A definição do tamanho da amostra foi feita de maneira aleatória, considerando-se percentuais diferentes para cada um dos três grupos.

Para a margem de erro da amostra foi aplicada a seguinte fórmula (GIL, 1999, p.108):

$$\sigma_p = \frac{\text{RAIZ}(p * q)}{n}$$

onde:

σ_p = erro-padrão ou desvio da percentagem com que se verifica determinado fenómeno

p = percentagem com que se verifica o fenómeno

q = percentagem complementar ($100 - p$)

n = número de elementos incluídos na amostra

Foram feitos dois cálculos dos erros amostrais, para cada um dos três grupos:

- 1º cálculo: feito antes da pesquisa e considerado o $p = 50$, valor máximo utilizado para margem de erro, conforme Gil (1999) e
- 2º cálculo: feito depois da pesquisa e considerado o “ p ” igual ao percentual da média das 5 (cinco) principais perguntas dos questionários.

Estabeleceu-se como critério para o grupo amostral que corresponde aos moradores do grupo que “vai sair” uma escala de tempo de moradia na área, constituindo-se nos seguintes estratos: até 10 anos; de 11 a 20 anos; de 21 a 30 anos e mais de 30 anos, com o mesmo número de entrevistados por escala e também mesmo número de pessoas do sexo masculino e feminino.

Para este grupo, cuja população é de 200 (duzentas) famílias, definiu-se o tamanho amostral de 32 (trinta e dois) questionários, ou seja, 16% do total e 4% para cada um dos estratos especificados. Seguem, abaixo, cálculos dos erros amostrais:

Dado do 1º cálculo: $p = 50$
 $q = 100 - 50 = 50$
 $n = 32$

$$\sigma_{50} = \frac{\text{RAIZ}(p * q)}{n} = \frac{\text{RAIZ}(50 * 50)}{32} = 8,84$$

Dados do 2º cálculo: $p = 74$ (Figura 28)
 $q = 100 - 74 = 26$
 $n = 32$

$$\sigma_{74} = \text{RAIZ} \left(\frac{p * q}{n} \right) = \text{RAIZ} \left(\frac{74 * 26}{32} \right) = 7,75$$

Observa-se que o erro amostral após a pesquisa, considerando-se os valores encontrados, ficou menor. O erro reduziu de 8,84 para 7,75.

Figura 28 - Quadro do percentual do total da variável de interesse, segundo as 5 perguntas selecionadas do questionário do grupo que "vai sair"			
Nº da Pergunta	Pergunta	Variável de Interesse	Percentual do Total
5	A casa onde mora é?	Própria	91
17	Você gosta do lugar em que mora ?	Sim	88
20	Hoje, se pudesse optar entre ficar neste endereço ou mudar para o bairro Residencial Santa Fé I, qual seria a sua opção?	Permanecer onde mora	72
26	Você gostaria de ter os mesmos vizinhos?	Sim	81
27	Em relação ao local onde mora, o que é mais importante para você?	Proximidade da família	38
Média dos Percentuais dos Totais			74

Para o grupo amostral que corresponde aos moradores da área de posse que "vão ficar" nos respectivos endereços, correspondente a uma população de 200 (duzentas) famílias, definiu-se que 30 (trinta) questionários seriam aplicados, ou seja, 15% desta população. Seguem, abaixo, cálculos dos erros amostrais:

Dado do 1º cálculo: $p = 50$
 $q = 100 - 50 = 50$
 $n = 30$

$$\sigma_{50} = \text{RAIZ} \left(\frac{p * q}{n} \right) = \text{RAIZ} \left(\frac{50 * 50}{30} \right) = 9,13$$

Dados do 2º cálculo: $p = 63$ (Figura 29)

$$q = 100 - 50 = 37$$

$$n = 30$$

$$\sigma_{63} = \text{RAIZ} \left(\frac{p * q}{n} \right) = \text{RAIZ} \left(\frac{63 * 37}{30} \right) = 8,15$$

O cálculo acima, referente ao grupo que “vai ficar”, também apresentou valor decrescente, passando de 9,13 para 8,15, após os dados da pesquisa.

Figura 29 - Quadro do percentual do total da variável de interesse, segundo as 5 perguntas selecionadas do questionário do grupo que “vai ficar”			
Nº da Pergunta	Pergunta	Variável de Interesse	Percentual do Total
1	Em Goiânia, sempre morou neste bairro?	Sim	50
4	Quanto tempo reside neste bairro?	Mais de 20 anos	67
5	A casa onde mora é?	Própria	87
18	Hoje, se tivesse de optar entre ficar neste endereço ou mudar para o bairro Residencial Santa Fé I, qual seria a sua opção?	Permanecer onde mora	93
24	Em relação ao local onde mora, o que é mais importante para você?	Proximidade da família	17
Média dos Percentuais dos Totais			63

Já o grupo amostral da parte regularizada da Vila Monticelli foi representado por 14 (quatorze) moradores, sendo 01 (um) por quadra do loteamento e 01 (um) por residência, ficando estabelecido que fossem entrevistados 50% de cada sexo, definidos a partir de uma população de 342 residências. Segue, abaixo cálculo do erro amostral:

Dados do 1º e do 2º cálculo: $p = 50$ (Figura 30)

$$q = 100 - 50 = 50$$

$$n = 14$$

$$\sigma_{50} = \text{RAIZ} \left(\frac{p * q}{n} \right) = \text{RAIZ} \left(\frac{50 * 50}{14} \right) = 13,36$$

Neste último grupo, os valores de “p” para os dois cálculos ficaram iguais. Foi necessário, portanto, apenas um cálculo e, pelo fato de ter sido incluído na pesquisa como complementação do resultado final do trabalho, ficou definido um tamanho amostral menor, apresentando-se os valores para os dois erros amostrais iguais, cujo valor ficou elevado, ou seja, correspondente a 13,36.

Figura 30 - Quadro do percentual do total da variável de interesse, segundo as 5 perguntas selecionadas do questionário do grupo "área regularizada"			
Nº da Pergunta	Pergunta	Variável de Interesse	Percentual do Total
1	Em Goiânia, sempre morou neste bairro?	Sim	57
3	Quanto tempo reside neste bairro?	Mais de 20 anos	50
4	Qual a situação do imóvel onde mora?	Própria	71
9	Em relação ao local onde mora, o que é mais importante para você?	Proximidade da família	21
10	Hoje, se tivesse de optar entre ficar neste endereço ou mudar para outro bairro, qual seria a sua opção?	Permanecer onde mora	50
Média dos Percentuais dos Totais			50

3.3.3 Dificuldades Encontradas para a Efetivação da Pesquisa de Campo.

No decorrer da pesquisa de campo, soube-se, através de técnicos da prefeitura (SEPLAM e COMOB), que era necessária uma “autorização” para circular no bairro. Por este motivo, foi estabelecido contato com lideranças e dirigentes da Associação de Moradores do local, para se ter mais liberdade e ser mais bem recebida pelos moradores.

Vale destacar que houve dificuldade em encontrar pessoas dispostas a colaborar e responder os questionários. Além disso, devido à ausência de moradores do sexo masculino na ocasião da pesquisa, no grupo amostral da “área

regularizada” e no grupo que corresponde aos que “vão ficar” o número de entrevistados do sexo feminino ficou maior.

Outra dificuldade surgiu durante a aplicação dos questionários com os moradores da “área regularizada” do bairro. Quando era explicado que se tratava de uma pesquisa para fins acadêmicos e envolvia a área de posse, muitos ficaram com receio de participar.

Contrariando o previsto, não foi possível entrevistar as quatro pessoas com idade acima de 70 anos. Foram ouvidas, portanto, somente três por não ter sido encontrado um morador do sexo masculino que fosse idoso e residente no bairro desde o início da ocupação.

A maior dificuldade, entretanto, foi a aplicação dos questionários sem a ajuda de terceiros, o que tornou o trabalho cansativo e demorado. Vale também ressaltar que a violência no bairro gerou preocupação, já que poderia haver alguma ação inesperada por parte da polícia no combate ao tráfico de drogas, o que poderia prejudicar o andamento da atividade.

3.4 A Vila Monticelli como um Lugar de Morar

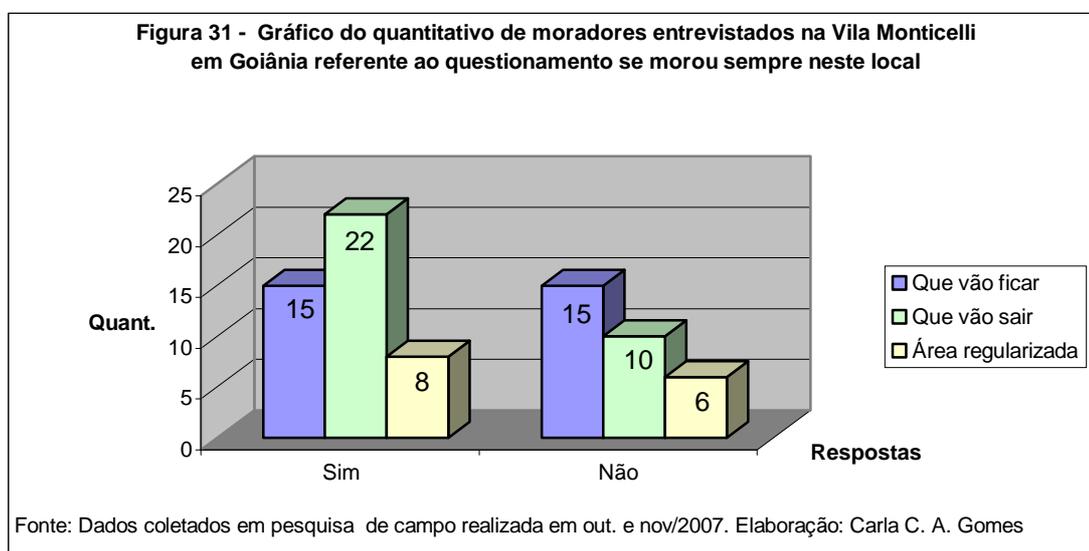
As informações coletadas através da pesquisa de campo têm como finalidade buscar respostas para os questionamentos levantados pela pesquisadora. Deve-se ressaltar que a análise dos dados obtidos será mais aprofundada no que se refere aos moradores entrevistados que residem na área de posse e que serão transferidos para o bairro Residencial Santa Fé I. As informações relativas aos residentes que vão permanecer no bairro e aos da área regularizada serão mencionadas em caráter secundário. O perfil demográfico dos moradores entrevistados nos três grupos amostrais quanto ao sexo, estado civil, idade, estado de origem, naturalidade, frequência escolar, escolaridade e escolaridade por supletivo, profissão e ocupação constam nos Apêndices A a J.

Os problemas levantados, elencados na introdução desta Dissertação, serão respondidos a partir das informações coletadas na pesquisa de campo, estabelecendo-se relação com o referencial teórico apresentado no Capítulo 1.

Conforme destacado na introdução, quatro objetivos foram estabelecidos na pesquisa. O primeiro deles era identificar aspectos positivos que despertam o desejo de permanecer em um lugar por vários anos. No caso da Vila Monticelli,

presume-se que, para alguns moradores, esta permanência possa estar relacionada ao apego pelo lugar. O apego, segundo Giuliani (2004), deriva do longo período de residência ou permanência em um determinado local. Também conforme Günther e Rozestraten (2004), o homem interage com o ambiente natural ou construído, e desta inter-relação, de interesse da Psicologia Ambiental, pode-se esperar a influência de um sobre o outro. Esta ação de reciprocidade entre o ambiente e o homem é também afirmada por Burillo (1991).

Através das respostas dos moradores entrevistados (76 participantes)⁴⁴ durante a pesquisa, é possível perceber que a maioria deles, representada por 45 (59,2%) pessoas, disseram que sempre residiram na Vila Monticelli, destacando-se que destas, 22 (48,8%) são moradores que “vão sair”, ou seja, representam quase metade dos moradores. No grupo de moradores que “vai ficar”, 15 (50,0%) informaram que sempre moraram no bairro, enquanto 15 (50,0%) disseram que vieram de outro lugar. Quanto aos da área regularizada, 8 (57,1%) informaram que sempre moraram no bairro, contra 6 (42,8%) que disseram ter vindo de outro lugar (Figura 31 e Apêndice L).

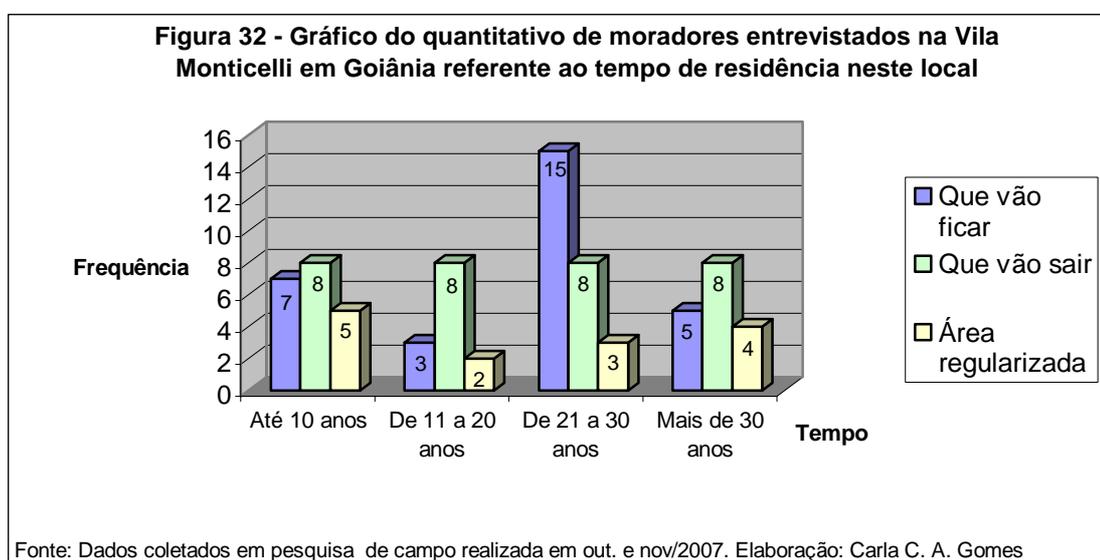


Os dados acima reforçam as colocações de Giuliani (2004), quando afirma que os lugares marcam as histórias de vida das pessoas, que os laços

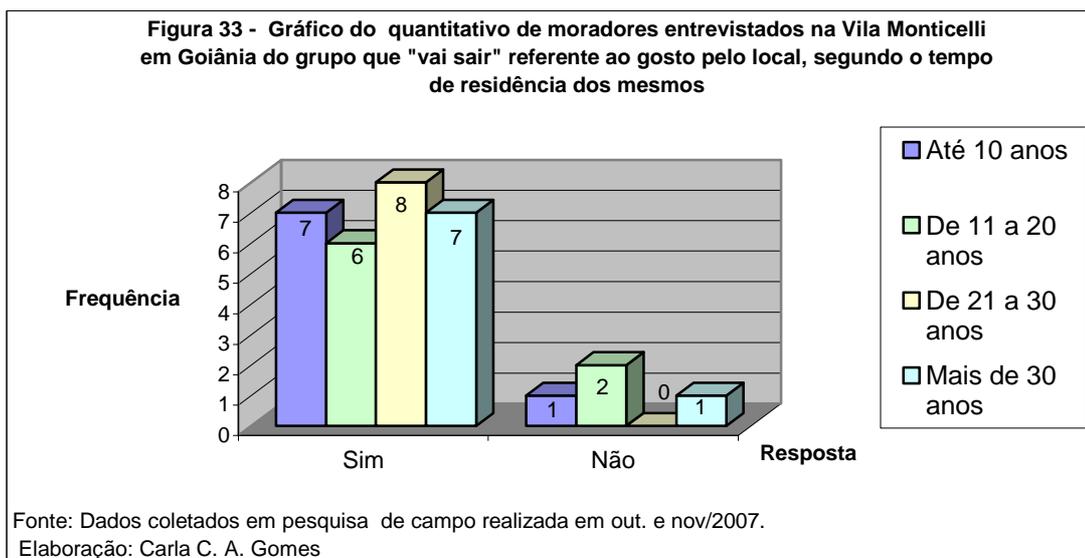
⁴⁴ Destacamos que, apesar dos dados apresentados nos gráficos serem números absolutos, algumas indicações apresentadas nesta dissertação trazem também números relativos, trabalhados pela autora, mas que não constam nos referidos gráficos.

afetivos são características decorrentes da permanência no lugar por muito tempo e, por isso, as pessoas geralmente se apegam ao local de moradia. Ressalte-se que esse apego pode ser mais forte para alguns, o que dificulta a adaptação a um novo local.

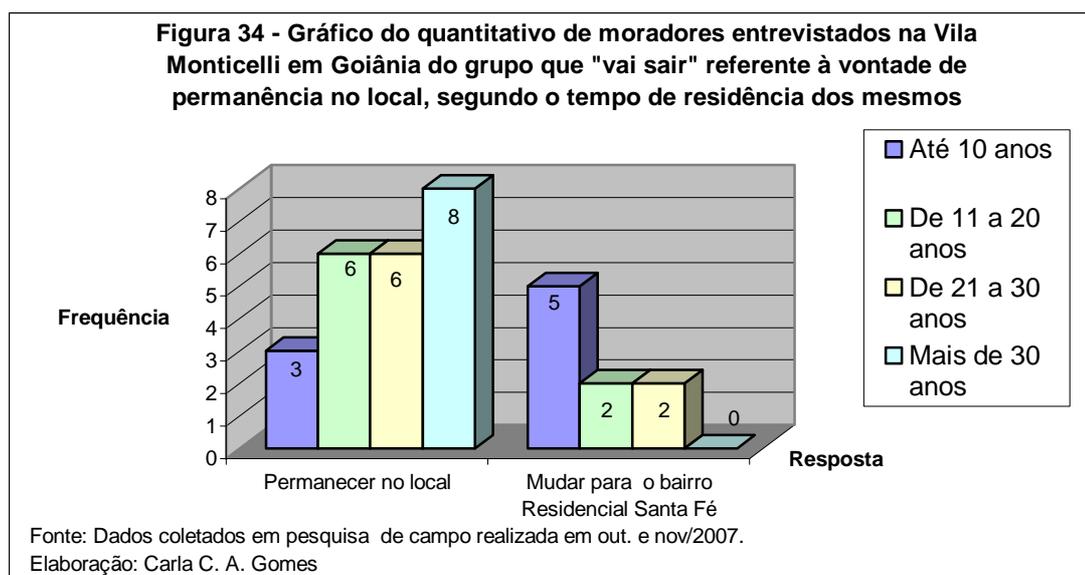
Observa-se na Figura 32 que, dos 76 moradores entrevistados, 43 (56,6%) são residentes há mais de 20 anos na Vila Monticelli. No grupo de moradores que “vai sair”, o número de entrevistados é o mesmo em todos os intervalos de tempo, devido ao critério estabelecido para a amostra. Vale ressaltar, porém, que entre os 30 moradores da área de posse que “vão ficar”, 20 (66,6%) moram há mais de 20 anos no bairro.



Analisando-se a Figura 33, pode-se deduzir que a permanência em um determinado local pode estar relacionada com o gosto pelo lugar, confirmando o pensamento de Giuliani (2004). Dos 32 moradores que estão no grupo que “vai sair” para o bairro Residencial Santa Fé I, 28 (87,5%) disseram que gostam do lugar em que moram e, destes, 15 (53,6%) estão há mais de 20 anos no bairro. A autora se apóia nas reflexões de Bowlby (apud JALLEY e MOAL, 1998), segundo as quais o ser humano tem a tendência de se manter próximo do seu objeto de prazer e satisfação, neste caso o bairro, que representa um local seguro, estável e fonte de equilíbrio para o morador. Tuan (1980) também afirma que a permanência no lugar por muito tempo está relacionada com a satisfação que aquele lugar traz para a pessoa.



De acordo com a Figura 34, dos 32 residentes do grupo que “vai sair”, 23 (71,9%) preferem permanecer na Vila Monticelli e, deste universo, 14 (60,8%) estão há mais de 20 anos no local, confirmando, assim, o apego pelo lugar; dentre os que têm menos tempo de residência no bairro (até 10 anos), a maioria prefere mudar para o Residencial Santa Fé I. Ressalte-se que, dentre 32 moradores entrevistados, 28 disseram que gostam do bairro, porém este motivo não impediu que alguns deles apontassem o desejo de mudança.



O segundo objetivo deste trabalho era verificar se, entre os moradores, alguns não gostariam de se mudar para o Residencial Santa Fé I, mesmo sendo para casas melhores. Pode-se observar, pela Tabela 11, que os moradores identificaram preferência pela Vila Monticelli como lugar de morar. Segundo estudiosos da Psicologia Ambiental (PROSHANSKY, FABIAN e KAMINOFF, 1983, apud GÜNTHER, NEPOMUCENO, SPEHAR e GÜNTHER, 2003), o lugar está ligado a uma identidade, que é a ligação da pessoa com o lugar geográfico, e esta identidade de lugar é constituída de atitudes, valores e significados que resultam da relação psicológica que o ser humano estabelece com os lugares físicos. Ainda nesta tabela, percebe-se que, para alguns dos moradores que “vão ficar”, a preferência pela Vila Monticelli em relação ao bairro Residencial Santa Fé I pode estar relacionada com esta identidade.

Pode-se perceber que 19 (59,4%) disseram que não mudariam do bairro, mesmo se fosse há 5 anos atrás, enquanto 6 (18,8%) informaram que concordariam com a mudança; quanto aos 7 (21,8%) restantes, a concordância estaria condicionada à distância, tamanho do terreno, acesso aos serviços públicos e qualidade da casa.

Tabela 11 - Quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia do grupo que "vai sair" referente à resposta dada se há 05 anos alguém perguntasse se ele concordava em mudar da área, qual resposta daria

Respostas	Frequência	%
Não mudaria	19	59,4
Concordaria	6	18,8
Concordaria se fosse para lugar melhor e mais perto	2	6,3
Se o espaço fosse maior (quintal)	1	3,1
Mudava se a casa fosse melhor e não fosse longe daqui	1	3,1
Só se no lugar que tivesse os mesmos serviços e acessos	1	3,1
Se fosse preciso mudar concordaria	1	3,1
Dependeria do local	1	3,1

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo em out. e nov/2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes

A Tabela 12, sobre o que os moradores pensam em relação à sua mudança para o Residencial Santa Fé I, mostra o que Tuan (1980) destacou sobre as pessoas de menor renda. Conforme o autor, para esse segmento, a importância do lugar tem mais relação com a localização geográfica do bairro do que com a

casa. Isto pode ser constatado nas respostas de 6 (18,8%) dos moradores, segundo os quais a distância poderá causar dificuldade para todos; 3 (9,4%) moradores disseram que onde estão é mais perto, 2 (6,3%) gostariam que a mudança fosse para um lugar mais perto, 2 (6,3%) preferem a indenização e 1 (3,1%) prefere pagar aluguel a mudar.

Tabela 12 - Quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia do grupo que "vai sair" referente ao que os mesmos pensam hoje sobre a mudança

Respostas	Frequência	%
A distância vai causar dificuldade para todos	6	18,8
Vai ser melhor	4	12,5
Não concorda/Não gostaria de mudar	4	12,5
Onde estão é mais perto	3	9,4
Só vai se não tiver outro jeito	3	9,4
Prefere indenização	2	6,3
A casa vai ser melhor	2	6,3
Gostaria que fosse para um lugar mais perto	2	6,3
Acha que vai ser bom para quem mora próximo ao Rio Meia Ponte	2	6,3
Gostaria que fosse para um lugar de espaço maior	1	3,1
Se for preciso é melhor pagar aluguel	1	3,1
Já acostumou com o lugar	1	3,1
É o ideal, já devia ter acontecido	1	3,1
Total	32	100,0

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo em out. e nov/2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Esta preferência por permanecer no bairro remete-nos ao que se denomina “apego emocional” ao lugar (SCHREYER, *et al.*, 1981; WILLIAMS e ROGGENBUCK, 1989; (WILLIAMS, *et al.*, 1992 apud PAYTON, 2003). Neste caso, tal sentimento pode estar relacionado com a presença de parentes que moram no mesmo local. Conforme consta no Apêndice M, dos 32 moradores da área de posse que “vão sair” e dos 30 moradores entrevistados que são do grupo que “vai ficar”, 21 e 24, respectivamente, disseram que têm parentes na Vila Monticelli.

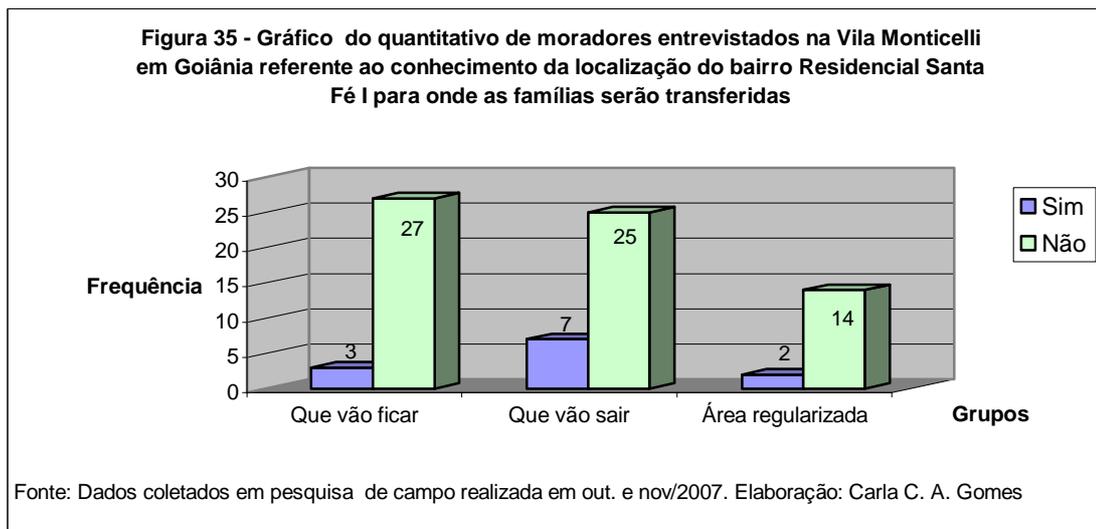
Outros motivos expressos que podem estar relacionados ao apego emocional, referente à escolha do bairro para morar, pode ser observado no Apêndice N, com destaque para os seguintes motivos: para sair do aluguel, parentes já moravam no bairro, desde criança mora ali e comprou a posse do terreno.

Quanto aos aspectos positivos apontados pelos moradores, os quais são pretextos para os que preferem permanecer no bairro, os entrevistados que “vão sair” apontaram os seguintes: proximidade com o emprego, está acostumado/gosta do lugar, perto da escola, perto do centro/facilita deslocamento, proximidade com serviços públicos, localização do bairro, facilidades para compra a prazo no comércio (local) e é mais fácil sobreviver onde estão residindo (Apêndice O). Em contrapartida, dos que preferem a mudança, 9 moradores apontam como motivos principais o fato da casa ser própria, casa melhor, lugar mais amplo, morada independente, nova perspectiva de mudança e sair da proximidade com o Rio Meia Ponte (Apêndice P).

No grupo que ‘vai ficar’, os moradores que preferem permanecer no bairro ressaltaram a localização do bairro/proximidade com o centro, estão acostumados com o lugar, serviços públicos próximos, perto do local de trabalho, comércio local, o outro bairro é distante (Apêndice Q). Para os que preferem mudar, os motivos apontados foram: a casa será própria, espaço vai ser maior, privacidade, ausência de esgoto no bairro onde moram e melhor perspectiva de vida (ver Apêndice R).

Quanto aos moradores da área regularizada, os que optaram por permanecer no bairro alegam: bairro perto do centro, comércio local, gostam dos vizinhos e família próxima (Apêndice S). Já os que têm preferência por mudar, apontaram os seguintes motivos: melhor moradia e infra-estrutura, o bairro é perigoso (Apêndice T).

Quanto ao terceiro objetivo, referente à participação das famílias na escolha do novo lugar, em conjunto com o poder público, foi possível identificar que, dos 32 moradores pertencentes ao grupo que “vai sair”, 14 (43,7%) pessoas afirmaram ter participado de audiência no Ministério Público para serem comunicados da mudança. Quanto à localização do novo bairro, a Figura 35 mostra que, nos três grupos, a maioria desconhece onde o mesmo se localiza.

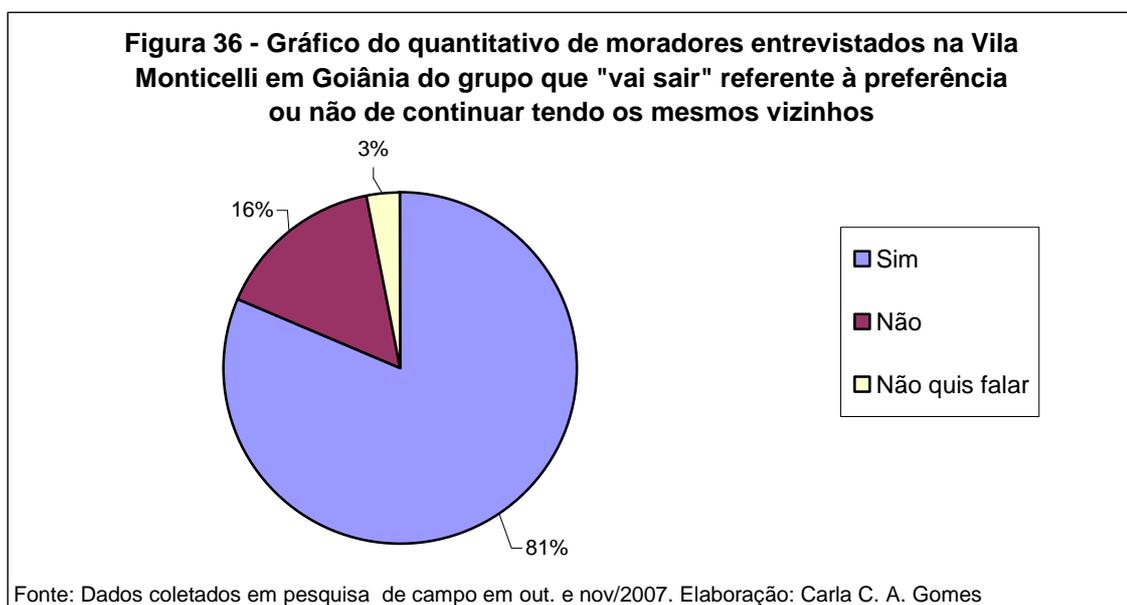


Neste caso específico, a escolha do bairro para a transferência das famílias parece ter seguido o modelo de planejamento colocado por Lamas (2004), ou seja, trata-se de uma busca de solução rápida para o problema, através da construção de moradias a baixo custo e em larga escala. Esta solução para o problema habitacional, entretanto, pode romper com os laços sociais estabelecidos entre os moradores e com a história de vida ligada aos lugares, além de afetar a identidade das pessoas com o lugar.

Pode-se inferir que o apego ao lugar está implícito nas informações sobre a situação dos imóveis dos moradores (Apêndice U). Dos que pertencem ao grupo que “vai sair”, 29 informaram que são proprietários, apenas 1 paga aluguel e 2 têm os imóveis cedidos. Considerações podem ser feitas a partir da afirmação de Giuliani (2004), segundo a qual esse apego resulta do sentimento que surge após longo período de residência e familiaridade, estando também relacionado com as emoções e o sentimento de segurança e bem estar que o lugar proporciona ao indivíduo, tornando-se mais manifesto nos momentos em que a pessoa apresenta fragilidade, seja pelo prazer do contato ou pela tristeza da separação. Pode-se relacionar, então, a história de vida construída e a angústia da separação ao “sentimento de pertença” da casa e do terreno ligado ao conceito de lugar, de acordo com o pensamento de Aristóteles. Para este, o lugar é a dimensão da relação entre a pessoa e o ambiente físico que conduz à evocação de sentimentos de pertença (VAN DER VEN, 1978; apud SPELLER, 2005).

Ainda relacionado às colocações de Giuliani (2004), pode-se presumir que o apego ao lugar também esteja relacionado à participação dos moradores ou familiares na aquisição ou construção de suas casas. Pode-se perceber claramente esta situação nos dois grupos de moradores da área de posse (ver Apêndice V).

Diante da existência de apego ao lugar e das relações de amizade entre os moradores, perguntou-se à Assistente Social da COMOB que acompanha o projeto de remoção das famílias qual seria o procedimento para a definição dos novos endereços. A mesma informou⁴⁵ que não existe um critério estabelecido, mas, certamente, será adotado o sorteio, como tem sido em outros locais. Este critério é apontado por Yazigi (2001) como sendo inadequado, pois as relações sociais, segundo o autor, não são estabelecidas por leis. Conforme Soczka (2005) e Speller (2005), a disposição física das residências é importante para a formação e a manutenção dos laços afetivos. Confirmando tal afirmação, a Figura 36 mostra que 26 (81%) dos moradores gostariam de ter os mesmos vizinhos.



Quanto à questão da escolha de um lugar para morar, tanto Tuan (1980), quanto Young e Willmont (1957, apud SOCZKA, 2005) afirmam que existe a influência dos laços de parentescos. Caso esta proximidade familiar não seja respeitada, segundo esses autores, pode ocorrer uma ruptura na “manutenção da homeostasia familiar”.

⁴⁵ Informação verbal obtida através de contato pessoal.

Quanto à relação de amizade entre os moradores, assim se expressa uma moradora, 68 anos de idade, residente no bairro há 28 anos, entrevistada número 1:

Amizade, amizade eu sou difícil de fazer. Eu sou uma pessoa muito resguardada. As minhas amizades tem que ser amizade mesmo. Aqui amizade tem ali a mulher do seu Chico que é antiga aqui, mais velha do que eu, nos temos amizade de conversar, fazer negócio com ela né? Tem a Sônia do gás ali também que é uma pessoa que convivo com ela assim, muito. Tem aqui a irmã [...], tem a irmã [...] né? Tem aqui os vizinhos daqui de baixo tudo que são meus vizinhos e além de vizinhos a gente ainda convive muito junto, conversa muito, eu visito, eles me visitam, a gente compartilha muita coisa. Aqui teve uma época que eu fiz 7 anos festa de crianças, todo dia 12 de outubro eu fazia essa festa e conheci todo mundo, todo mundo me ajudava, todo mundo compartilhava comigo ajudando fazer esta festa pras crianças né, aqui todo mundo me conhece. Eu não tenho nada que queixar do povo que mora aqui no entorno, nada, nada! Agora..se eles tem alguma coisa de queixar de mim isso aí eu não sei, eu gosto de todo mundo aqui. (sic)

Uma moradora de 75 anos de idade, residente no bairro há 29 anos, entrevistada número 3, também ressaltou os laços de amizades que fez durante os anos de moradia no local:

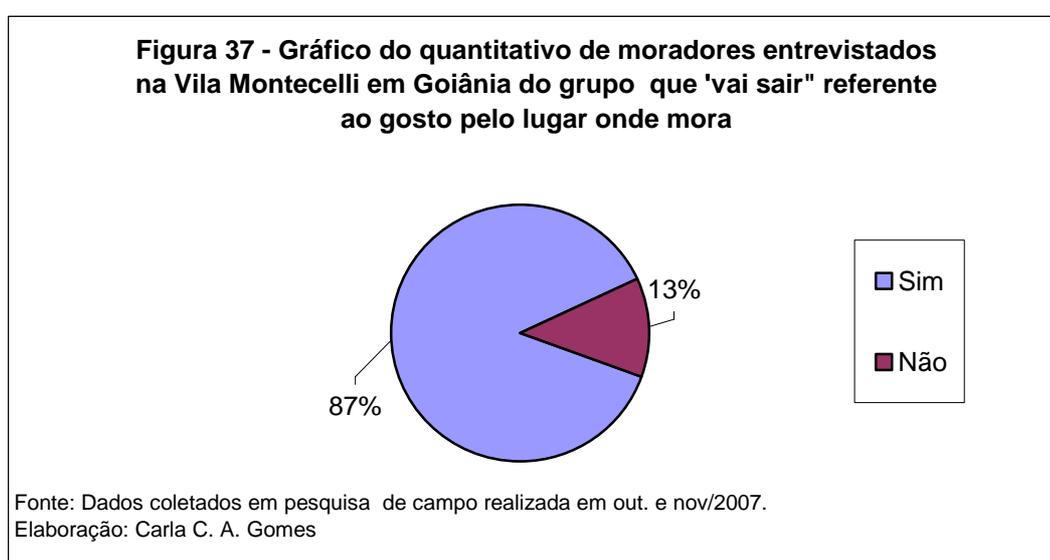
Graças a Deus. Considero como tudo a minha família. O perigo aqui é dos que vem de fora, os que tá aqui tá trabalhando [...] se tivesse os mesmos vizinhos, o medo é que vem gente de fora. Se fosse pra mudar gostaria de ter os mesmos vizinhos...a Comob respeitasse a vila, pra permanecer na mesma comunidade, não misturar com a outra vila. Considero como tudo a minha família. O perigo aqui é dos que vem de fora. (sic)

A mesma prossegue falando do passado, que sente saudade, como era a convivência:

Tenho, mas do tempo da união, aqui chamava vila dos compadre. Todo fim de semana a gente fazia festa. Aqui na minha casa tinha um radinho, quando eles chegavam eu pegava as faca e revolver e só entregava no final quando acabava. Nunca teve uma discussão. Quando descobriu a tal das drogas, quando meus netos começou a crescer... . (sic)

O quarto objetivo consiste em saber se, entre os entrevistados, existem moradores que apresentam um sentimento afetivo em relação à Vila Monticelli.

Ressalta-se que o bairro não proporciona somente relações entre as pessoas, mas pode desencadear um sentimento afetivo por parte do morador pelo lugar, o que Tuan (1980) denomina “topofilia”. Esta surge porque os espaços se tornam lugares, na medida em que são dotados de significados. No caso da Vila Monticelli, este sentimento pode estar presente, já que muitos moradores passaram grande parte de suas vidas naquele bairro. Isto pode ser confirmado através das respostas dos moradores entrevistados do grupo que “vai sair”, já que 20 (87%) deles disseram que gostam do lugar onde moram (Figura 37).



Pode-se inferir que a preferência pela Vila Monticelli tem relação com o que foi colocado por Giuliani (2004). Segundo a autora, o apego ao lugar de morar tem relação com a qualidade do local ante a necessidade do indivíduo, e a sua intensidade dependerá do número e da importância das necessidades que serão atendidas. A localização da Vila Monticelli possibilita melhor acesso aos serviços públicos de saúde, conforme apontado anteriormente pelos moradores que “vão sair”, dentre os motivos para permanecerem no bairro; além disso, a existência de moradores estudantes (Apêndice X) que freqüentam as escolas localizadas nos bairros próximos (Apêndice Z) justifica o apego funcional pelo bairro.

É interessante também destacar que a localização do bairro onde residem atualmente facilita o deslocamento para o trabalho, conforme mencionado pelos que “vão sair”, uma vez que 9 vão a pé e 5 de bicicleta. Pode-se afirmar, portanto, que esta facilidade contribui para com o orçamento familiar. Os demais entrevistados

utilizam ônibus, carro ou moto (Apêndice AA). Conforme informado por eles e registrado no Apêndice AB, do total de moradores da área de posse, 24 possuem renda de até 02 salários mínimos; destes, 14 pertencem ao grupo dos que “vão sair”.

A proximidade com os parques públicos (Mutirama e Zoológico), clube da SANEAGO e Araguaia Shopping (Apêndice AC) foi apontada como aspecto positivo no que diz respeito a alternativas de lazer. Todos estes motivos relacionam-se ao apego funcional pelo lugar de morar (SCHREYER, JACOB, e WHITE, 1981; STOKOLS e SHUMAKER, 1981; WILLIAMS e ROGGENBUCK, 1989, apud PAYTON, 2003) relacionado mais à funcionalidade, ou seja, ao fato de proporcionar aos moradores a satisfação de suas necessidades.

Outro ponto a ser destacado tem a ver com o que os moradores consideram importante em relação ao bairro. De acordo com as respostas dos entrevistados que “vão sair”, o apego pelo lugar pode estar relacionado também com o que eles consideram mais importante em relação ao local onde moram. Conforme a Tabela 13, os moradores que “vão sair” apontaram a proximidade com a família como o aspecto mais importante; na mesma proporção ficaram a localização do bairro e a casa, o que se pode deduzir a existência de apego emocional ligado à presença da família e apego funcional devido à localização do bairro. Para os que vão permanecer na área de posse e para os moradores da área regularizada, a localização do bairro é de maior importância, indicando o predomínio do apego funcional.

Tabela 13 - Quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao que consideram mais importante em relação ao bairro

RESPOSTAS	PERCENTUAL		
	Que vão ficar	Que vão sair	Área regularizada
Localização do bairro	40,0	28,1	50,0
Relação com a vizinhança	16,7	6,3	5,6
A casa	26,7	28,1	16,7
Proximidade com a família	16,7	37,5	22,2
Condição financeira	-	-	5,6
TOTAL	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada pela autora em out. e nov/2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Nota: Sinal convencional utilizado:

- Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento

Interessante observar que as colocações de Castello (2004) acerca da “percepção ambiental” que se inicia como resposta sensorial frente aos estímulos está presente na relação do morador com o ambiente natural. Segundo Tuan (1980), os recursos naturais também despertam a topofilia através dos órgãos dos sentidos. Isto foi expresso pela entrevistada número 1, moradora do bairro há 34 anos, quando se refere aos recursos ambientais degradados pela ação do homem:

Essa ilha ali era um mato, que linda que era essa ilha linda, linda o mato alto [...], aí o povo foi entrando, derrubou o mato tudo, fez roça, eu mesmo comprei milho dessa roça aí muitos anos, eu gosto muito de pamonha [...] Depois o rapaz da ilha morreu [...], e os filhos tomou conta mas não importou, vendeu a ilha pra outro e o que comprou não deu conta, acabou a ilha virou essa “saroba”, e agora não tem mais nem ilha todo ano que dá uma enchente vai desmoronando, desmoronando [...] essa beirada do córrego que vai lá pra cavalaria aí não tinha esse tanto de gente, aí era vago, as aves corriam sem ninguém impedir, sem empecilho. Agora não tem mais jeito, tem gente de lá, tem gente de cá. onde tem um pedacinho de chão o povo vi lá e faz uma barraca.

Esse mato aí era grande, uma mata grande volumada, fechada. Hoje você olha do outro lado vê casa. Pra você ir no hospital Santa Genoveva era uma dificuldade., tinha que dar a volta lá na pecuária pra você ir lá. Hoje passa por dentro, o rio bem dizer ta seco, não tem mais mato. [...] aqui tinha “guariba” nesse mato aqui [...] de noite você escutava o “grunhido” da guariba, é um macaco marrom. Ao amanhecer do dia, quando tava chegando o mês de agosto tinha aí cada pássaro que cantava “coma”, cantava aí porque ela queria botar...”Inhumas” cantando pra botar, hoje você não vê nada disso mais, acabou tudo. (sic)

Em conformidade com as colocações da mesma entrevistada, muitas mudanças ocorreram com a fauna e a flora:

Pra mim foi muito chato. O rio no meu ponto de vista, agente que foi criado no mato, lá no interior, meu pai tinha um zelo total com a água, dizia que não podia derrubar árvore numa distância próxima do córrego, cana de macaco, navalha de macaco, cana de velho, aqui ficava branco de flor e o cheiro [...]. Hoje você não vê saracura cantar, não vê sapo, só lá pro mês de janeiro que você pode escutar ma cantiga de sapo. Aqui quando era noite de setembro, de outubro, aqui parecia uma cidade com os animais cantando, cada um do seu jeito [...] saí de um lugar do [...], vim pra cá e achei esse lugar aqui que era quase semelhante onde eu fui criada né, e hoje você não escuta barulho de nada, você não escuta barulho de guariba, não escuta animal nenhum, fazer movimento nenhum [...] Hoje o homem destruiu todo o verde que nós tinha aqui.

Aqui no rio pegava peixe. Hoje pega tripa de porco, saco de lixo, arame. Muita gente já morreu enrolada em arame nesse rio. A Encol jogava restos de madeira, concreto, ferro, arame, tábuas e despejava no rio e quantas e quantas pessoas, entravam no rio pegavam esses materiais. Construíram barracos com esses materiais. Quantas crianças morreram soltando raia, afogadas. (sic)

A degradação ambiental também foi apontada pelo entrevistado número 2, de 62 anos, morador do bairro há 37 anos:

Aqui tudo era roça de milho, feijão. O rio não tava poluído, podia beber água do rio, tinha laranja, mexerica. Nós (sic) era muito homem, nós (sic) pescava. O rio começou a poluir mais depois com o Arisco. (sic)

Uma das moradoras, entretanto, a entrevistada número 1, relata o que ainda tem de bom na Vila Monticelli:

Para mim tem uma coisa muito boa, a casa. Por que eu não mereci do pai dos meus filhos uma casa e depois que nós separou eu vim pra vila Monticelli e consegui ter minha casa., então eu consegui. Por que o sonho de todo mundo é ter uma casa. Não ta acabada não? Não? Ta feiota? Ta, mas é o que eu consegui. Pra mim o que tem de bom aqui é essa casa. E se eu mudar daqui meus filhos não vão comigo. Mas eu sonho em mudar, ter um sítio para eu viver do jeito que eu já vivi andando no pasto, descalça, com liberdade, escutando todo mundo cantando sua música, alegre e feliz, hoje só escuta falar em matar, roubar....
Bairro é igual interior, todo mundo sabe da vida de todo mundo, conhece todo mundo. (sic)

Assim continua a entrevistada:

Eu gosto, tem muito tempo que eu moro aqui, já costumei, gosto em parte. Do conhecimento que eu tenho aqui, dos vizinhos, mas não como viver em uma repesalha. Mas apesar de tudo gosta do lugar, mas se for pra vender a casa e mudar para um bairro mais sossegado concordo. (sic)

O entrevistado número 2 gosta do lugar, mas não resistiria à mudança se precisasse desocupar a área onde reside. A entrevistada número 3 também gosta do local onde mora, porém, se fosse possível mudar com todos os filhos, não colocaria dificuldade.

Quanto à mudança dos moradores para o Residencial Santa Fé I, de acordo com a opinião da entrevistada número 1, alguns podem retornar à origem:

O projeto da prefeitura eu apoio. Ali no botafogo tinha um pessoal desse jeito, todo amontoado, a prefeitura fez um projeto, mudou, esparramou e é muito difícil você não vê falar nada.
A mudança vai abrir o espaço.

Acredito que alguns podem voltar. Quando construiu 1000 casas num dia ele limpou a beirada do rio e levou caminhão e caminhão de mudança, não durou 2 meses. Esse projeto da prefeitura tem que ter muito zelo. Quando eles achar um dinheirinho melhor lá, o tempo é só este. Tem gente aqui que já ganhou casa na Morada do Morro em Senador Canêdo e tem casa aqui. O pessoal vai e volta, porque eles alegam que é muito longe, é muito difícil, tenho que pagar coletivo. (sic)

A opinião do entrevistado número 2 é a seguinte:

Eles tem que tirar, como o povo agüenta o mau cheiro.
Eles já saíram pra Vila Mutirão e voltou.
Se a prefeitura tirar o povo de baixo e arrumar vai ficar bom.
Eu acho que eles não vão voltar por que a prefeitura vai vigiar, por guarda.
(sic)

A entrevistada número 3 também acredita que alguns poderão retornar: “É o que mais tem. O governo dá casas e eles voltam, não vê ali na Emílio Póvoa [...] aí o governo torna dá outra casa, aí vende de novo [...] quando o governo não dá se junta aos sem terra, eu não acho isso honesto”. A fala desta entrevistada enquadra-se nas colocações de Giuliani (2004) no que se refere ao apego relacionado à satisfação das necessidades da pessoa, denominado por Payton (2003) de apego funcional, também apontado anteriormente pela entrevistada número 1.

As opiniões do grupo que “vai ficar” e da “área regularizada”, quanto ao possível retorno de alguns dos moradores que “vão sair” para a origem, têm a mesma tendência do que foi mencionado pelos entrevistados 1 e 3. Acreditam no retorno de um certo número deles, conforme discriminado a seguir, o que confirma a existência de apego funcional pelo bairro, no caso, pela Vila Monticelli.

Dos moradores que “vão ficar” na área, 9 acreditam que “irá melhorar a segurança para os que estão em área de risco”; 7 pensam que os que mudarem terão “casa própria e melhor condição de vida”, e 7 “acham que não vai ser bom, porque o local é distante” (Apêndice AD). Ainda em relação à opinião dos moradores entrevistados deste grupo, 7 disseram que aqueles que vão mudar não voltam ao local de origem, e 04 pensam que os mesmos voltam em “menos de um ano”, sendo estas respostas as mais expressivas (ver Apêndice AE).

Foram apontados como principais motivos para o retorno daqueles que vão mudar: a distância do novo local, a não demolição das casas pela prefeitura, dificuldades no acesso às escolas, aos equipamentos de saúde e ao trabalho, apego

aos vizinhos/porque gostam do local e dificuldade para se adaptar ao novo bairro (ver Apêndice AF).

De acordo com os moradores da área regularizada, 9 acreditam que os moradores podem retornar à Vila Monticelli, 2 disseram que os mesmos só retornam se a prefeitura não demolir as casas e 3 acham que eles não irão retornar (ver Apêndice AG). Quanto ao tempo de retorno, indicaram intervalos que podem variar de “um mês a um ano” (Apêndice AH).

Segundo as informações obtidas dos grupos da área de posse, eles têm vontade de fazer as seguintes alterações em suas casas: aumento do ponto e telhado, aumento do número de cômodos, acabamento de pisos, paredes, pinturas, forro; 13 deles não fariam nenhuma mudança (ver Apêndice AI). Pode-se deduzir que, mesmo assim, as casas atendem às necessidades dos moradores, e, conforme afirma Tuan (1980), as pessoas estão satisfeitas com a área onde residem, o que confirma a existência do apego funcional apontado por Payton (2003).

Pode-se também constatar, através das informações do grupo que “vai sair”, que todas as casas são abastecidas por água da SANEAGO; 29 moradores disseram que suas casas possuem mais de 3 cômodos (Apêndice AJ); 21 informaram que há mais de 3 pessoas na casa (Apêndice AL) e 30 moradores disseram que em suas casas o banheiro é composto por sanitário e chuveiro (Apêndice AM), respostas que reforçam o apego funcional ao local.

A partir das informações obtidas, pode-se afirmar que os motivos que levam as pessoas a permanecerem por muito tempo no mesmo lugar, terem preferência por um local em detrimento de outro, estabelecerem vínculos a partir das relações sociais e desenvolverem um sentimento afetivo por determinado lugar estão relacionados com a ocupação de um espaço. Este espaço ocupado pelos moradores passa a ter função e significado para eles, indo ao encontro da colocação de Castells (2006), segundo o qual esta relação com o homem acaba transformando esse espaço em lugar.

Esta ocupação por parte dos moradores resulta, então, da apropriação do espaço físico pelo homem e da sua inter-relação. O espaço passa a ser dotado de significados por aqueles que dele se utiliza, transformando-se em lugar, conforme apontado por Augé (2005), Aragonés e Américo (2000) e Günther e Rozestraten (2004). É este o caso da área de preservação ambiental inserida no contexto desta pesquisa. Confirma-se o que foi colocado por Proshansky, Ittelson e Rivlin (apud

GÜNTHER e ROZESTRATEN, 2004), ou seja, que a Psicologia Ambiental também se interessa por estudos relacionados a temas que envolvem problemas sociais como este da Vila Monticelli que, antes de ser ocupada pelas famílias, era um espaço, sendo posteriormente transformado por elas em lugar de morar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema proposto neste estudo, relacionado à afetividade do indivíduo com seu lugar de morar, envolve o planejamento do poder público quanto à forma de implantação de políticas voltadas para a solução de problemas sociais. Dentre estes, ressalta-se o decorrente do déficit habitacional e a conseqüente remoção de famílias em situação de risco, como é o caso estudado nesta Dissertação. O planejamento de programas e projetos para ações dessa natureza deve levar em conta os aspectos psicológicos dos moradores envolvidos na questão, especialmente aqueles relacionados aos vínculos com o bairro, à identidade com o lugar e ao apego funcional (SCHREYER, JACOB, e WHITE, 1981; STOKOLS e SHUMAKER, 1981; WILLIAMS e ROGGENBUCK, 1989, apud PAYTON, 2003). Tudo isso deve ser profundamente analisado, uma vez que são os principais motivos que mantêm pessoas em casas inadequadas e em locais impróprios para moradia, dificultam o processo de mudança e de adaptação a um novo lugar de morar e, até mesmo, podem provocar o retorno ao local de origem.

Para alguns profissionais de áreas como a Arquitetura, que atuam no planejamento urbano, esta Dissertação aponta para a necessidade dos mesmos se preocuparem em planejar ambientes ou espaços que atendam aos interesses da administração pública, mas que, também, satisfaçam as necessidades do usuário. Nos casos de remoção de famílias para outras áreas, deve-se procurar reproduzir no novo bairro ou ambiente algumas características que estejam ligadas à história de vida dos moradores, como forma de preservar suas histórias de vida e identidades. Para os geógrafos, necessário se faz reforçar o que foi colocado por Tuan (1980), sobre a existência de afeto do homem pelo ambiente, da representação social que a casa e o lugar de morar têm para o morador. Para os sociólogos (CASTELLS, 2006), é importante lembrar o valor das relações sociais que as pessoas estabelecem entre si, sendo o rompimento delas uma forma de agressão à identidade da pessoa.

Como o homem está em constante interação com o ambiente, seja ele natural ou construído, a Psicologia Ambiental (ARAGONÉS e AMÉRIGO, 2000; CORRAL-VERDUGO, 2005; BURILLO, 1991; GÜNTHER e ROZESTRATEN, 2004; e SOCZKA, 2005 e JARA e DIAZ, 2004) entrou em cena para estudar os problemas

relacionados à degradação e à sustentabilidade ambiental e, também, investigar o comportamento humano como parte integrante do meio ambiente, a relação de reciprocidade que existe entre os dois e os processos que envolvem problemas relacionados com o comportamento das pessoas em suas cidades. No caso específico da Vila Monticelli, ressalta-se a relação do morador com o bairro como lugar de morar, o que pode levar ao sentimento de apego.

Esta relação homem/ambiente desperta interesse tanto dos psicólogos como de outros profissionais, dentre eles os geógrafos humanistas, pois, de acordo com o pensamento destes últimos, o homem tem a habilidade para se vincular a outras pessoas e ao ambiente. Possui também a capacidade de desenvolver algum tipo de sentimento em relação ao lugar, definido por Tuan (1980) como topofilia, podendo tal sentimento ser pelo bairro onde a pessoa mora.

A existência de projetos para remover famílias que moram em áreas de posse e de risco em Goiânia tem sido objeto de preocupação por parte dos gestores no âmbito municipal. Por isso, essas autoridades têm adotado medidas como a construção de casas e apartamentos para abrigar famílias em locais destinados à habitação.

Esta é uma das razões que motivou e despertou o interesse por essa pesquisa, realizada na Vila Monticelli, em Goiânia. Os estudos realizados pela Psicologia Ambiental, no que concerne ao comportamento humano no ambiente sócio-físico, foram extremamente relevantes neste trabalho. A análise da forma como está sendo conduzido o processo de mudança dos moradores do bairro em questão também foi de fundamental importância neste estudo. Conforme colocado pelos moradores que “vão sair” da Vila Monticelli, eles não tiveram participação na escolha do novo lugar de morar, sendo apenas comunicados pelo Ministério Público, em audiência, da proposta de mudança e da localização do bairro Residencial Santa Fé I.

A partir dos resultados da pesquisa de campo, pode-se afirmar que os moradores que “vão sair” desejam, em sua maioria, permanecer no lugar em que estão, pois gostam do local onde moram, já que o mesmo atende às suas necessidades ligadas à habitação, saúde, escola, lazer e mobilidade. Já os moradores que “vão ficar” e os da “área regularizada” acreditam no retorno de alguns deles para a Vila Monticelli, caso seja efetivada a mudança.

Este trabalho buscou investigar os motivos pelos quais o morador permanece por muito tempo no mesmo lugar. Pode-se afirmar que, para alguns dos moradores da Vila Monticelli, este fato está relacionado ao sentimento de apego (funcional e emocional) pelo lugar, o que, por sua vez, deriva de um longo período de residência no local e passa a fazer parte da história de cada um. É possível atestar essa afirmação através da satisfação expressa por aqueles que disseram que gostam do bairro.

Quanto à preferência pela Vila Monticelli, e não pelo Residencial Santa Fé I, pode-se afirmar que a principal motivação está vinculada à identidade com o lugar. Essa opção está também relacionada ao apego emocional, à proximidade com os parentes que moram no mesmo bairro ou em bairros vizinhos e à propriedade da casa, como um lugar de segurança.

No que se refere à participação dos moradores no processo de remoção, constatou-se que a administração pública, neste caso, não levou em conta o tempo de moradia dos mesmos na Vila Monticelli nem a importância do lugar para essas famílias. Considerou-se apenas a localização das casas em áreas de risco, devido à proximidade delas com o rio Meia Ponte. Analisando-se os dados coletados na pesquisa de campo, percebe-se que os moradores gostam do lugar em que moram, seja porque são residentes há muitos anos ou pela localização do bairro. Outro fator importante citado pelos entrevistados foi o fato de viverem próximos dos parentes que moram ali ou nos bairros vizinhos. Demonstraram também o desejo de manter as relações de vizinhança e proximidade com os parentes no local para onde serão removidos, mas isto poderá não ocorrer, devido ao critério adotado para definição dos novos locais de moradia no bairro Residencial Santa Fé I.

Com relação à existência de um sentimento afetivo (TUAN, 1980) do morador pela Vila Monticelli, pode-se afirmar que a topofilia existe, como foi expresso pela moradora entrevistada número 1, que demonstrou seu descontentamento pelas mudanças na fauna, flora, ilha e rio Meia Ponte, devido à ocupação e devastação feitas pelo homem. O sentimento está explícito, também, no apego funcional (SCHREYER, JACOB, e WHITE, 1981; STOKOLS e SHUMAKER, 1981; WILLIAMS e ROGGENBUCK, 1989, apud PAYTON, 2003) pelo bairro, principalmente no que tange à localização e ao atendimento das necessidades básicas dos seus moradores, no que se refere à mobilidade, serviços de saúde e educacionais, comércio, lazer e, acima de tudo, a casa para morar.

Foi também afirmado pelos moradores que “vão ficar” e pelos da “área regularizada” que algumas das famílias removidas poderão retornar para o bairro em um tempo considerado de “menos de 01 mês até 01 ano”. Isto demonstra que a localização do novo bairro, além de não ter sido discutida com a comunidade que será transferida, pode implicar o retorno de alguns para a Vila Monticelli.

Com relação aos objetivos apresentados na introdução (identificar aspectos positivos que despertam o desejo de permanecer no lugar por vários anos; verificar se, dentre os moradores entrevistados, existem alguns que não gostariam de se mudar para o bairro Residencial Santa Fé I, mesmo sendo para casas melhores; saber se os entrevistados participaram, junto com o poder público, da escolha do novo bairro para a construção das casas; saber se, dentre os entrevistados existem moradores que apresentam sentimento afetivo em relação à Vila Monticelli), percebe-se, pelos dados da pesquisa de campo e revisão da literatura, que eles foram atingidos da seguinte maneira: a permanência no bairro por um longo período de tempo está relacionada à sua localização, à facilidade de adquirir o imóvel, ao baixo preço do aluguel e à proximidade dos serviços urbanos essenciais. Também ficou evidenciado que a maioria dos moradores prefere permanecer na Vila Monticelli a se mudar para o Residencial Santa Fé I.

Quanto ao sentimento afetivo, ficou evidenciado, através das respostas de 28 moradores que disseram que gostam do bairro, que a Vila Monticelli atende às necessidades dos moradores, principalmente pela localização. Esse sentimento também foi expresso na fala da entrevistada número 1, que conquistou no bairro o seu lugar de morar, a sua casa própria, assim como na dos demais 65 entrevistados que participaram da pesquisa e são proprietários dos imóveis onde moram.

Constatou-se, de forma muito límpida, que o morador demonstrou ter apego emocional e funcional (PAYTON, 2003) pela Vila Monticelli (área de posse) como um lugar de morar. Foi muito interessante perceber como as reflexões de autores de vários países e de diversas localidades no Brasil (BURILLO, 1991; CARRUS FORNARA e BONNES, 2005; CORRAL-VERDUGO, 2005; LAMAS, 2004; POL, 1988; SOCZKA, 2005; TASSARA, RABINOVICH e GOUBERT, 2004; TUAN, 1980; GIULIANI, 2004; GÜNTHER e ROZESTRATEN, 2004; KASHIWAGI, 2004; PINHEIRO, 2004; FERREIRA, 2004; REGINENSI, 2003 e SANTOS, 1994), mencionadas nesta Dissertação, manifestaram-se nas respostas dos entrevistados. Não há semelhanças de situações, até porque as situações não se repetem

artificialmente, mas há pertinência nos estudos sobre espaço e lugar, e o apego das pessoas residentes na Vila Monticelli ao seu lugar de morar compara-se ao de outras pessoas estudadas em regiões diferentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM Filho, O. B. Topofilia, Topofobia e Topocídio em Minas Gerais. In: OLIVEIRA, L. e RIO, V. del. (org). **PERCEPÇÃO AMBIENTAL: A Experiência Brasileira**. 2 ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999, 265 p.

ARAGONÉS, J. I. e AMÉRIGO, M. Psicología Ambiental. Aspectos conceptuales y metodológicos. In: ARAGONÉS, J. I. e AMÉRIGO, M. (Coord.) **Psicología Ambiental**. Madri: Ediciones Pirâmide, 2000, 483 p.

AUGÉ, M. **NÃO-LUGARES. Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução: Maria Lúcia Pereira. 5 ed. Campinas, SP.: Papyrus Editora, 2005 – (Coleção Travessia do Século), 111 p.

BRASIL. **Constituição (1988)** Título II. Dos Direitos e Garantias Fundamentais. Capítulo II. Dos Direitos Sociais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm acessado em 01.05. 2007.

_____. **Emenda Constitucional nº 26, de 14 de fevereiro de 2000**. Altera a redação do art. 6º da Constituição Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc26.htm. Acessado em 24 de junho de 2007.

_____. Ministério das Cidades. **MANUAL do Programa Habitar Brasil (BID) - Orientações do Subprograma Urbanização de Assentamentos Subnormais (s/d)**. Disponível em: <http://www.cidades.gov.br/secretarias-nacionais/secretaria-de-habitacao/programas-e-aco-es/hbb/biblioteca/normativos-do-programa-hbb/2-1%20-ManualHBBUAS.pdf>. Acessado em 16/03/2008.

BURILLO, F. J. História, Concepto y Teorias em Psicologia Ambiental. In: BURILLO, F. J. e ARAGONÉS, J. I. **Introducción a la psicología ambiental**. Madri: Alianza Editorial, 1991, 474 p.

CARRUS, G.; FORNARA, F. e BONNES, M. As origens da Psicologia Ambiental e os “factores externos”. In: SOCZKA, L. (org.). **Contextos Humanos e Psicologia Ambiental**. Portugal-Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, Gráfica de António Coelho Dias S/A, 2005, 477 p.

CASTELLO, L. Admirável nova urbanidade. In: TASSARA, E. T. de O.; RABINOVICH, E. P.; GUEDES, M. do C. (eds.). Tradução: Carolina Siqueira M. Ventura, Cristina Belloto da Silva, Elaine Pedreira Rabinovich, Lívia Maria Demarch Santos de Macedo, Martina Rillo Otero e Viviane Rosalie Duarte. **Psicologia e ambiente**. São Paulo: EDUC - Editora da PUC, 2004, 413 p.

CASTELLS, E. **A Questão Urbana**. Tradução: Arlene Caetano. 1ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2000, 590 p.

_____. **O Poder da Identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura.** Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. 5ª edição. Volume II. São Paulo: Paz e Terra, 2006. 530 p.

CERTEAU, M. de; GIARD, L. e MAYOL, P. **A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar.** Tradução de: Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis:RJ. Ed. Vozes, 1998, 372 p.

COMPANHIA de Obras e Habitação do Município de Goiânia (COMOB). **Relatório da Comissão Especial de Estudos para Regularização Fundiária das Áreas de Posse e Loteamentos Irregulares e Clandestinos do Município de Goiânia – Julho de 2002,** 30 p.

CORRAL-VERDUGO, V. **Psicologia Ambiental: objeto, “realidades” sócio-físicas e visões culturais de interações ambiente-comportamento.** *Psicol. USP.*, São Paulo, v. 16, n. 1-2, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttextepid=S0103-65642005000100009&lng=en&enrm=iso>. Acesso em: 28 /072007. Pré-publicação.

CORREA, R. L. **O espaço urbano.** 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1995, 94 p.

CRESPO, A. A. **Estatística Fácil.** 15ª ed. São Paulo. Editora Saraiva, 1997, 224 p.

FERREIRA, M. R. Problemas ambientais como desafio para a psicologia. In: GÜNTHER, H.; PINHEIRO, J. Q.; GUZZO, R. S. L. (orgs.). **PSICOLOGIA AMBIENTAL: Entendendo as relações do homem com seu ambiente.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2004, 196 p.

FREITAS, C. A. L. L. de. **Vale dos Sonhos: Movimentos Sociais Urbanos e Disputa pelo Espaço em Goiânia.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFG. Goiânia-Go: 2004.

GADOTTI, M. **Agenda 21 e Carta da Terra.** Disponível em: http://www.paulofreire.org/moacir_gadotti/artigos/pedagogia_da_terra_/agenda_21_carta_da_terra_2002.pdf. Acessado em 15/07/2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999. s 206 p.

GIULIANI, M. V. O lugar do apego nas relações pessoa-ambiente. In: TASSARA, E. T. de O.; RABINOVICH, E. P. e GUEDES, M. do C. (eds). Tradução: Carolina Siqueira M. Ventura, Cristina Belloto da Silva, Elaine Pedreira Rabinovich, Livia Maria Demarch Santos de Macedo, Martina Rillo Otero e Viviane Rosalie Duarte. **Psicologia e ambiente.** São Paulo: EDUC – Editora da Puc-SP, 2004, 413 p.

GOIÂNIA. (PREFEITURA) Secretaria Municipal de Planejamento – SEPLAM/DPSE/DVPE/DPSE – **Aspectos Demográficos da População de Goiânia, por bairro, segundo o Censo de 2000.** Goiânia, 2002, 196 p.

_____. **Plano Diretor de Goiânia.** Eixo Estratégico Sociocultural. Volume 3. 2007, 372 p.

_____. **Consulta de Processos.** Nº 26767598 – Decreto de Aprovação Vila Martins Extensão. SEPLAM/COMDATA, 2007. Acessado em 12/04/07.

_____. **Habitação: Moradia digna: direito de todos/ Galeria de Fotos.** Disponível em: <http://www.goiania.go.gov.br/Html/Obras/Habitacao/fotos.htm> Acesso em 29/04/ 2007.

_____. **Projeto Macambira/Anicuns.** Disponível em: <http://www.goiania.go.gov.br/html/temporarios/macambira/habitacao.htm>. Acessado em 02/08/2007.

_____. **SNGER- Edição de Notícias do Goiânia em Rede.** Secretaria de Comunicação. Disponível em: <http://goiania.go.gov.br/sistemas/snger/asp/snger01010r1.asp?DtNoticia=02/08/2007&HrNot>. Acessado em 02/08/2007.

_____. **Cadastro de Bairros e Logradouros/Estatística/Usos do Imóvel.** SEPLAM/COMDATA, 2008. Acessado em 10/01/2008.

_____. Decreto nº 059 de 14/01/2008. Fica aprovado e incluído em zona Especial de Interesse Social – III o Projeto de Parcelamento Prioritário denominado “**RESIDENCIAL SANTA FÉ I**” Disponível em: <http://www.goiania.go.gov.br/>. Acessado em: 16/03/2008.

GOIÁS. (Estado) **Lei nº 13.532 de outubro de 1999.** Dispõe sobre a transformação da Companhia de Habitação de Goiás em Agência Goiana de Habitação e dá outras providências. Goiânia:Go. Disponível em: http://www.gabinetecivil.go.gov.br/leis_ordinarias/1999/lei_13532.htm. Acessado em 18/07/2007.

_____. GOIÁS AGORA. **Notícias do Estado de Goiás.** Goiânia:Go, 2006. Disponível em: <http://www.noticias.goias.gov.br/index.php?idMateria=14560&etp=positivo>. Acessado em 18/07/2007.

GOHN, M. da G. **HISTORIA DOS MOVIMENTOS E LUTAS SOCIAIS – A construção da cidadania dos brasileiros.** São Paulo:SP. Edições Loyola, 1995, 213 p.

GONÇALVES, M. da C. V. **Favelas Teimosas: lutas por moradia.** Brasília:DF. Ed. Thesaurus, 1998, 176 p.

GÜNTHER, H. (2003). **Como Elaborar um Questionário.** (Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, Nº 01). Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental. Disponível em: <http://www.psi-ambiental.net/pdf/01Questionario.pdf> Acessado em: 01/07/2007.

GÜNTHER, H. e ROZESTRATEN, R. J. A., 2004. **Psicologia Ambiental: Algumas Considerações sobre sua Área de Pesquisa e Ensino** (Série: Textos de Psicologia Ambiental, Nº 07 Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental.

Disponível no URL: www.unb.br/ip/pdf/07PsiAmbiental.pdf. acessado em 01/07/2007.

GÜNTHER, I. de A.; NEPOMUCENO, G. M.; SPEHAR, M. C. e GÜNTHER, H. **Lugares favoritos de adolescentes no Distrito Federal. Estud. Psicol. (Natal)**, Natal, v.8, n.2, 2003. [citado 2008-01-17], pp. 299-308. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000200012&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1413-294X. doi: 10.1590/S1413-294X2003000200012. Acessado em: 12/01/2008.

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização: do fim dos territórios à multidisciplinaridade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, 400 p.

IPLAN. **Plano de Desenvolvimento integrado de Goiânia – PDIG 2000**. Antecedentes Históricos. Volume I. Goiânia, 1992.

JALLEY, E. e MOAL, M. Le. In: DORON, R. e PAROT, F.(orgs.). **Dicionário de Psicologia**. Tradução: Odilon Soares Leme. São Paulo: Editora Ática, 1998, 863 p.

JARA, P. O. e DIAZ, E. M. Propositiones desde la educación ambiental para la prevención y la descontaminación ambiental. In: GÜNTHER, H.; PINHEIRO, J. Q.; GUZZO, R. S. L. (orgs.). **PSICOLOGIA AMBIENTAL: Entendendo as relações do homem com seu ambiente**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2004, 196 p.

JORNAL O Popular. **Retrospectiva 2005**. Disponível em: <<http://www.2.opopular.com.br/retrospectiva2005/4.htm>>, de 28,12,2005. Acessado em 02.12.2006.

JOUVENT, R. Afeto. In: DORON, R. e PAROT, F. (orgs.). **Dicionário de Psicologia**. Tradução: Odilon Soares Leme. São Paulo: Editora Ática, 1998, 863 p.

KASHIWAGI, H. M. **O processo de percepção e apropriação do espaço urbano nas comunidades marginais urbanas: o caso da favela do Parolin em Curitiba – Curitiba-PR,2004,192p.** Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/1884/1287/1/DISSERTA%3F%3FO+2004.pdf>.> Acesso em 02.12.2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. DE A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1995, 270 p.

_____. **Metodologia do Trabalho Científico**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2001, 219 p.

LAMAS, J. M. R. G. **MORFOLOGIA URBANA E DESENHO DA CIDADE**. Porto: Portugal. Edição: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 3ª edição, 2004. 590 p.

LARSON, R. **Estatística Aplicada**. Tradução técnica Cyron Patarra. 2ª ed. São Paulo. Pearson Prentice Hall, 2007, 495 p.

LEÃO, S. A. B. **Que Recorte Territorial Podemos Chamar de Bairro?: O Caso de Apicucos e Poço da Panela no Recife**. Em: Revista de Urbanismo nº 9, Santiago de Chile, publicação electrónica editada por el Departamento de Urbanismo, F. A. U.

de la Universidad de Chile, enero de 2004., I.S.S.N. 0717-5051 Disponível em: http://revistaurbanismo.uchile.cl/CDA/urb_completa/0,1313,ISID%253D315%2526IG%253D2%2526ACT%253DO%2526PRT%253D6651,00.html. Acesso em 15/07/2007.

LYNCH, K. **A IMAGEM DA CIDADE**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2006, 227 p.

MARICATO, E. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias. Planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, O.; VAINER, C. B.; MARICATO, E. **A cidade do Pensamento Único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, 192 p.

_____. Posfácio. In: DAVIS, M. **Planeta Favela**. Tradução: Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2006, 278 p.

MINAYO, M. C. de S. **O DESAFIO DO CONHECIMENTO – Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 8ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004, 269 p.

MOREIRA, V. de C. S. e FRATTOLILLO, A. B. R. **Percepção Ambiental de Moradores em Áreas de Riscos nas Encostas Favelizadas de Vitória: Um estudo de caso no morro Jesus de Nazareth**. Disponível em: http://igeo.uerj.br/VICBG-2004/Eixo2/E2_279.htm. Acessado em: 27/12/2006.

MOYSÉS, A. **Estado e Urbanização: Conflitos Sociais na Região Noroeste de Goiânia (Década de 1980)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – PUC. São Paulo-SP: 1996.

_____. **Goiânia: metrópole não planejada**. Goiânia: Editora da UCG, 2004, 420 p.

NEPOMUCENO, G. M. (1999). **Relacionamento entre Vizinhos em Casas e Apartamentos de Brasília**. (Série: Textos de Alunos da Disciplina Psicologia Ambiental). Brasília, DF.: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental. Disponível em: <http://www.unb.br/ip/lpa/pdf/tapa1999Vizinhos.pdf> Acessado em: 01/07/2007.

OLIVEIRA, A. F. **Do pântano ao jardim: uma nova esperança – a produção social do espaço urbano de Goiânia**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – UFG. Goiânia:Go. 2002.

ORR, David W. Reminiscências. In: Stone, Michael K e Barlow, Zenóbia (orgs.). **Afabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. Tradução: Carmem Fischer. São Paulo: Cultrix, 2006.

PAYTON, M. A. **Influence of Place Attachment and Social Capital on Civic Action: A Study at Sherburne National Wildlife Refuge**. Thesis for the Degree of Master. University of Minnesota. St. Paul, MN, 2003. Acessado em 05/04/ 2007. Disponível em http://cpsp.cfans.umn.edu/Research/payton_thesis.pdf

PELUSO, M. L. **O potencial das representações sociais para a compreensão interdisciplinar da realidade: Geografia e Psicologia Ambiental. Estud. Psicol. (Natal)**., Natal, v.8, n.2, 2003.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arctextepid=S413-294x2003000200014eInq=ptenrm=isso>. Acesso em: 15 Out 2006. doi: 10.590/S413-294x2003000200014

PINHEIRO, J. Q. O lugar e o papel da psicologia ambiental no estudo das questões humano-ambientais, segundo grupos de pesquisa brasileiros. In: TASSARA, E. T. de O.; RABINOVICH, E. P.; GUEDES, M. do C. (eds.). Tradução: Carolina Siqueira M. Ventura, Cristina Belloto da Silva, Elaine Pedreira Rabinovich, Lívia Maria Demarch Santos de Macedo, Martina Rillo Otero e Viviane Rosalie Duarte. **Psicologia e ambiente**. São Paulo: EDUC-Editora da PUC, 2004, 413 p.

PINHEIRO, J. Q.; GÜNTHER, H e GUZZO, R. S. L. Psicologia ambiental: área emergente ou referencial para um futuro sustentável. In: GÜNTHER, H.; PINHEIRO, J. Q.; GUZZO, R. S. L. (orgs.). **PSICOLOGIA AMBIENTAL: Entendendo as relações do homem com seu ambiente**. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2004, 196 p.

PINHEIRO, R. M. **Comportamento do consumidor e pesquisa de mercado** In: PINHEIRO, R. M; CASTRO, G. C. de; SILVA, H. H. e NUNES, J. M. G. (orgs). 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, 164 p.

PINTO, M. **EXCLUSIVO: Dia da Terra, no domingo, traz manifestações em prol do planeta**. Notícias de 18/04/2007. AmbienteBrasil. Disponível em: <http://www.ambientebrasil.com.br/agenda/imprimir.php?nome=http://www.ambientebrasil.com.br/noticias...> Acessado em 05/08/2007.

POL, E. **LA PSICOLOGIA AMBIENTAL EN EUROPA: Análisis Sociohistorico**. Barcelona: Anthropos Editorial Del Hombre, 1988, 350 p.

REGINENSI, C. **Rio de Janeiro: dois mundo num só lugar. Abordagem da violência a través da mobilidade quotidiana**. *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2003, vol. VII, núm. 146(132). <[http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(132\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(132).htm)> [ISSN: 1138-9788] acessado em 28/07/2007.

RIBEIRO, C. W. **A ordem ambiental nacional**. São Paulo: Contexto, 2001.

RICHELLE, M. Ambiente. In: DORON, R. e PAROT, F. (orgs.). **Dicionário de Psicologia**. Tradução: Odilon Soares Leme. São Paulo: Editora Ática, 1998, 863 p.

_____. Psicologia. In: DORON, R. e PAROT, F. (orgs.). **Dicionário de Psicologia**. Tradução: Odilon Soares Leme. São Paulo: Editora Ática, 1998, 863 p.

RODRIGUES, A. M. **Moradia nas cidades brasileiras**. 3 ed. São Paulo-SP: Editora Contexto, 1990, 72 p.

SANTO, A. **CONFISSÕES**. Tradução: Alex Marins. São Paulo-SP: Martin Claret, 2007, 432 p.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1994, 124p.

SAULE JÚNIOR, N. Estatuto da Cidade – Instrumento de Reforma Urbana. In: SAULE Jr., N e ROLNIK,R. **Estatuto da Cidade: novas perspectivas para a reforma urbana. São Paulo: Pólis**, 2001, 64 p. (Caderno 4).

SECRETARIA de Obras do Município (SMO); Companhia de Obras e Habitação do Município de Goiânia (COMOB); Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMA). **TEMÁTICA AMBIENTAL: Urbanização de Assentamentos Subnormais**. Volume 4. Goiânia: 2002.

SECRETARIA de Obras do Município (SMO)/Companhia de Obras e Habitação(COMOB). **Relação das Áreas de Posse Urbana Existentes no Município de Goiânia**. 2006.

SECRETARIA Municipal de Planejamento (SEPLAM). **Relatório Técnico** para elaboração do Plano Diretor de Goiânia - Eixo Temático sócio-cultural, Sub-eixo Habitação. 2006.

SOCZKA, L. As Raízes da Psicologia Ambiental. In: SOCZKA, L. (org.). **Contextos Humanos e Psicologia Ambiental**. Portugal-Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, Gráfica de Antônio Coelho Dias S/A, 2005, 477 p.

_____. Viver (n)a Cidade. In: SOCZKA, L. (org.). **Contextos Humanos e Psicologia Ambiental**. Portugal-Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, Gráfica de Antônio Coelho Dias S/A, 2005, 477 p.

SOUZA, M. L. de. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, 560 p.

SOUZA, H. G. de. **Globalizando a democracia e democratizando a globalização**. Capítulo Brasileiro do Clube de Roma. 29 de Agosto de 2005. São Paulo:SP. Disponível em: http://fiesp.com.br/download/acao_politica/clube_roma.pdef. Acessado em 15/07/2007.

SPELLER, G. M. A importância da vinculação ao lugar. In: SOCZKA, L. (org.). **Contextos Humanos e Psicologia Ambiental**. Portugal-Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, Gráfica de Antônio Coelho Dias S/A, 2005, 477 p.

SPINK, P. **Um lugar para o lugar na Psicologia**. ANPEPP - 2000 Grupo de Trabalho: Cotidiano e Práticas Sociais. Programa de Pós-graduação em Psicologia Social – PUC/SP; Programa Gestão Pública e Cidadania – FGV/SP. Disponível em: http://www.fgvspace.br/spink/conteudo/documento/psicologia_organizacional/lugarlu_garpsico.pdf Acessado em 24/07/2007.

STEVENSON, W. J. **Estatística Aplicada à Administração**. Tradução Alfredo Alves de Faria. São Paulo. Editora Harper Row do Brasil, 1981, 495 p.

TASSARA, E. T. de O.; RABINOVICH, E. P e GOUBERT, Jean-Pierre. O lugar da poética nas relações pessoa-ambiente. O Caso da Barra Funda: Uma arqueologia de uma elo social em vias de desaparecimento. In: TASSARA, E. T. de O.; RABINOVICH, E. P. e GUEDES, M. do C. (eds). Tradução: Carolina Siqueira M. Ventura, Cristina Belloto da Silva, Elaine Pedreira Rabinovich, Livia Maria Demarch

Santos de Macedo, Martina Rillo Otero e Viviane Rosalie Duarte. **Psicologia e ambiente**. São Paulo: EDUC – Editora da Puc-SP, 2004, 408 p.

TAYRA, F. **A relação entre o mundo do trabalho e o meio ambiente: limites para o desenvolvimento sustentável**. Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, vol. VI, nº 119 (72), 2002. [ISSN: 1138-9788] <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-72.htm>

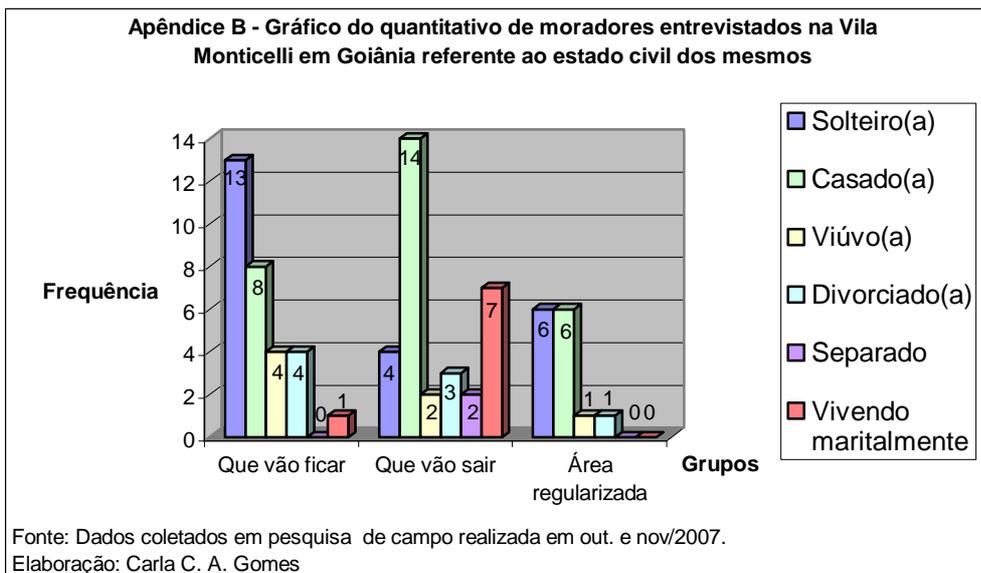
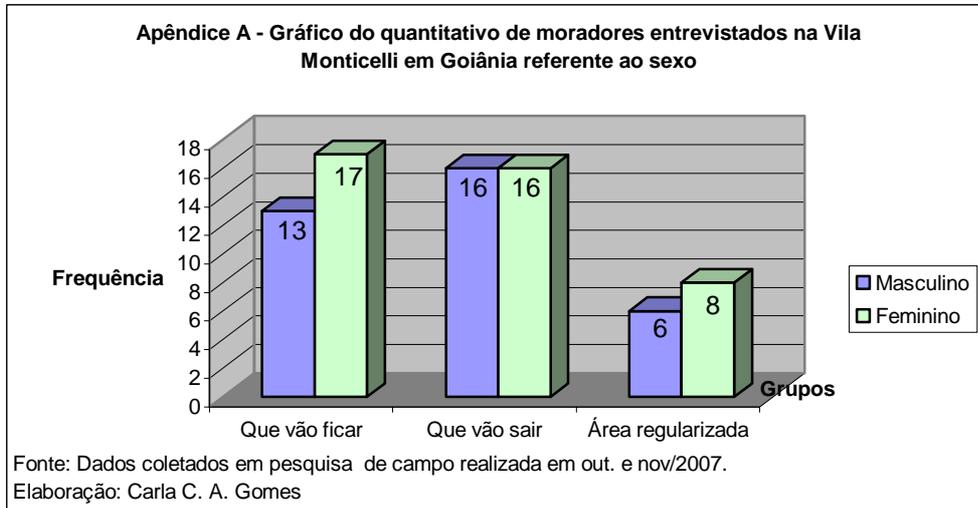
TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987, 175 p.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo:DIFEL- Difusão Editorial S/A, 1980, 288 p.

_____. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo:DIFEL - Difusão Editorial S/A, 1983, 250 p.

YAZIGI, E. **A Alma do Lugar: Turismo, planejamento e cotidiano**. São Paulo:SP. Contexto, 2001, 301p.

APÊNDICES



Apêndice D - Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao estado de origem dos mesmos

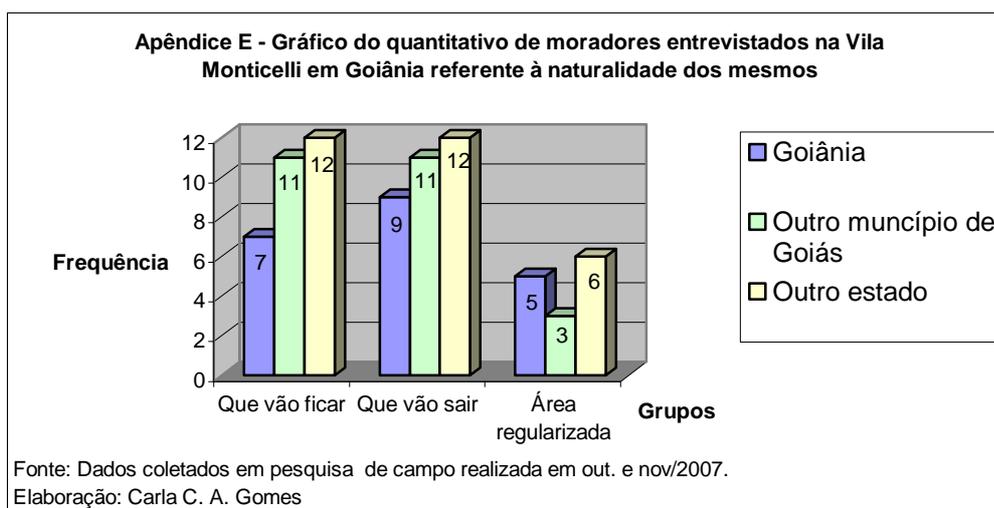
ESTADO	FREQUÊNCIA			Total
	Que vão ficar	Que vão sair	Área regularizada	
AC	-	-	1	1
BA	2	2	1	5
DF	1	-	-	1
GO	18	20	8	46
MA	-	3	-	3
MG	2	-	3	5
MT	-	1	-	1
PB	2	2	-	4
PE	-	1	-	1
PI	3	-	-	3
RJ	1	1	-	2
RN	1	2	-	3
SP	-	-	-	0
TO	-	-	1	1
TOTAL	30	32	14	76

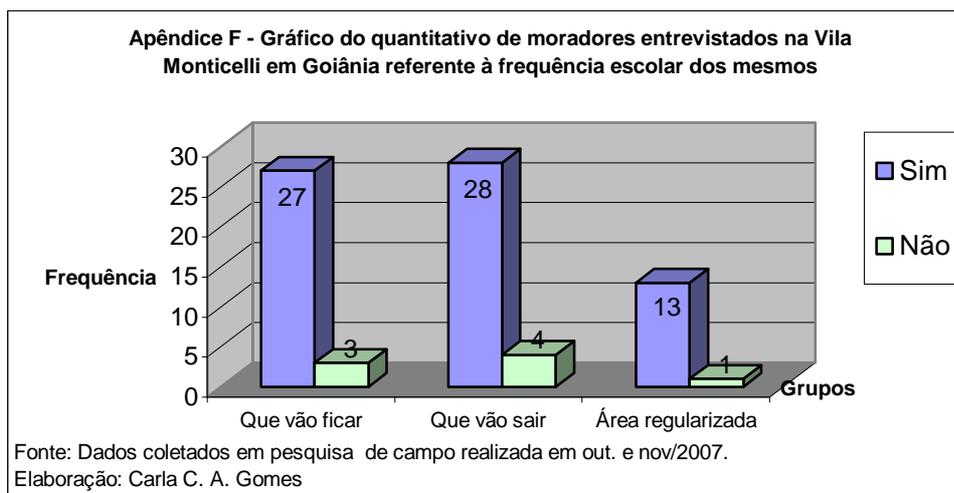
Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada em out. e nov/2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Nota: Sinal convencional utilizado:

- Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento





Apêndice G - Tabela do percentual de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente à escolaridade dos mesmos

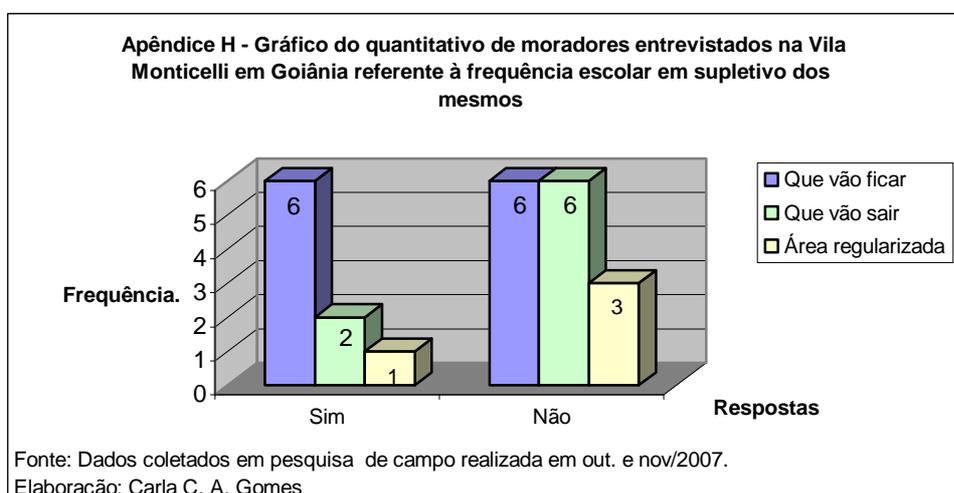
ESCOLARIDADE	PERCENTUAL		
	Que vão ficar	Que vão sair	Área regularizada
Analfabeto ou nunca frequentou escola	10,0	12,5	7,1
Ensino fundamental (1ª fase - primário) incompleto	26,7	6,3	14,3
Ensino fundamental (1ª fase - primário) completo	16,7	6,3	7,1
Ensino fundamental (2ª fase - ginásio) incompleto	10,0	34,4	7,1
Ensino fundamental (2ª fase - ginásio) completo	6,7	9,4	28,6
Ensino médio (incompleto)	10,0	15,6	7,1
Ensino médio (completo)	16,7	15,6	28,6
Superior completo	3,3	-	-
TOTAL	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada em out. e nov/2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Nota: Sinal convencional utilizado:

- Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento



Apêndice I - Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente à profissão dos mesmos

PROFISSÃO	FREQUÊNCIA			Total
	Que vão ficar	Que vão sair	Área regularizada	
Açougueiro	-	1	-	1
Administração em Turismo	-	-	1	1
Agente de Saúde	1	-	-	1
Aposentado(a)	3	4	2	9
Auxiliar Administrativo	2	1	-	3
Auxiliar de cozinha	-	3	-	3
Bacharel em direito	1	-	-	1
Cabeleireira	-	-	1	1
Comerciante	3	1	1	5
Construção civil/pedreiro	-	3	2	5
Consultora de vendas	-	1	-	1
Costureira/Fiandeira	1	-	-	1
Despachante de cargas	-	1	-	1
Diarista	2	2	-	4
Do lar	9	2	1	12
Esteticista	-	1	-	1
Jardineiro	-	1	-	1
Lavador de carros	-	1	-	1
Manicure	-	1	1	2
Mecânico	-	2	-	2
Mecânico de máq. Industrial	-	1	-	1
Militar	1	-	1	2
Motorista	-	1	-	1
Ourives	-	1	-	1
Repositora de mercadoria	-	-	-	0
Secretária	1	-	-	1
Serralheiro	1	-	-	1
Serviços Gerais	3	1	-	4
Soldador	1	-	-	1
Técnico em contabilidade	-	-	1	1
Técnica em enfermagem	-	-	1	1
Vendedor/Vendedor ambulante	-	3	1	4
Vigilante	1	-	-	1
Zootecnista	-	-	1	1
TOTAL	30	32	14	76

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada em out. e nov/2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Nota: Sinal convencional utilizado:

- Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento

Apêndice J - Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente à ocupação dos mesmos

OCUPAÇÃO	FREQUÊNCIA			Total
	Que vão ficar	Que vão sair	Área regularizada	
Agente de Saúde	1	-	-	1
Aposentado(a)	1	-	3	4
Assessor	1	-	-	1
Auxiliar Administrativo	1	1	-	2
Auxiliar de Costura	1	-	-	1
Auxiliar de cozinha	-	2	-	2
Cabeleireira	-	-	1	1
Caixa	1	-	-	1
Comerciante	3	1	1	5
Comissário de Bordo	-	-	1	1
Consultora de vendas	-	1	-	1
Coordenador de Associação	1	-	-	1
Desempregado	-	2	-	2
Despachante de cargas	-	1	-	1
Diarista	1	2	-	3
Do lar	11	8	1	20
Feirante	-	-	-	0
Jardineiro	-	1	-	1
Lavador de carros	-	1	-	1
Manicure	-	1	1	2
Mecânico	-	2	-	2
Mecânico de máq. Industrial	-	1	-	1
Militar	1	-	1	2
Ourives	-	1	-	1
Pedreiro/Pintor	-	3	2	5
Repositora de mercadoria	-	-	-	0
Secretária	1	-	-	1
Serralheiro	1	-	-	1
Serviços Gerais	3	1	-	4
Soldador	1	-	-	1
Técnica em enfermagem	-	-	1	1
Vendedor/Vendedor ambulante	-	3	1	4
Vigilante	1	-	-	1
Zootecnista	-	-	1	1
TOTAL	30	32	14	76

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada em out. e nov/2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Nota: Sinal convencional utilizado:

- Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento

Apêndice L - Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente aos bairros de origem dos mesmos

BAIRROS	FREQUÊNCIA			Total
	Que vão ficar	Que vão sair	Área regularizada	
Colônia Santa Marta	-	-	1	1
Curitiba II	1	-	-	1
Jardim Guanabara	-	-	-	0
Nova Vila	4	2	1	7
Setor Criméia-Leste	3	3	-	6
Setor Norte Ferroviário	3	1	-	4
Vila Nova	3	2	-	5
Vila Viana	1	-	-	1
Recanto do Bosque	-	1	-	1
Vila Itatiaia	-	-	1	1
Vila Jaraguá	-	-	2	2
Vila Jardim São Judas Tadeu	-	1	-	1
Vila Monticelli	15	22	8	45
Vila São José	-	-	1	1
TOTAL	30	32	14	76

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada em out. e nov/2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Nota: Sinal convencional utilizado:

- Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento

Apêndice M - Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente aos parentes que moram na mesma área

PARENTES	FREQUÊNCIA		Total
	Que vão ficar	Que vão sair	
Filhos e netos	4	2	6
Mãe e irmãos	4	4	8
Outros parentes	4	2	6
Filhos	3	3	6
Mãe, irmãos e outros parentes	2	1	3
Irmãos	2	7	9
Filhos, netos e outros parentes	1	-	1
Irmãos e outros parentes	1	-	1
Ninguém	9	8	17
Filhos e irmãos	-	1	1
Mãe, filhos e outros parentes	-	1	1
Cunhados	-	1	1
Pais e irmãos	-	2	2
TOTAL	30	32	62

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada em out. e nov./2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Nota: Sinal convencional utilizado:

- Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento

Apêndice N - Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao motivo pelo qual os mesmos escolheram o bairro para morar

MOTIVO	FREQUÊNCIA		Total
	Que vão ficar	Que vão sair	
Casou com morador do bairro	1	2	3
Conhecia o local	-	3	3
Desde criança mora ali	4	3	7
Facilidade de adquirir o imóvel	3	-	3
Localização	3	1	4
Morava de aluguel e comprou a posse do terreno	-	7	7
Não teve opção	4	2	6
O aluguel era mais barato	-	5	5
Para sair do aluguel	13	-	13
Parentes já moravam aqui	2	8	10
Por que o terreno era maior	-	1	1
TOTAL	30	32	62

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada em out. e nov/2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Nota: Sinal convencional utilizado:

- Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento

Apêndice O - Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente do grupo que "vai sair" quanto aos 3 motivos pelos quais os mesmos preferem permanecer neste bairro

Motivo 1	Frequência	%
Acostumado/gosta do lugar	4	17,4
Perto do centro/facilita deslocamento	3	13,0
Facilidade para compras à prazo	1	4,3
É mais fácil para sobreviver, lá é difícil	1	4,3
Proximidade com emprego	6	26,1
Proximidade com serviços públicos	2	8,7
Localização do bairro	2	8,7
Perto de escola	4	17,4
Motivo 2	Frequência	%
Assistência à saúde próxima	5	21,7
Gosta dos vizinhos	4	17,4
Próximo ao trabalho	4	17,4
Comércio perto	3	13,0
Próximo à escola	3	13,0
Cientes no bairro	2	8,7
Pais moram no bairro	1	4,3
Perto do Centro	1	4,3
Motivo 3	Frequência	%
Escola perto	5	21,7
Próximo do centro	4	17,4
Serviço de assistência à saúde próximo	3	13,0
Localização do bairro facilita deslocamento	3	13,0
Perto da família	2	8,7
Perto do local de trabalho	2	8,7
Gosta dos vizinhos	2	8,7
Ônibus perto	1	4,3
Benefícios que tem no bairro	1	4,3

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada em out. e nov/2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Apêndice P - Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente do grupo que "vai sair" quanto aos 3 motivos pelos quais os mesmos preferem mudar deste bairro

Motivo 1	Frequência	%
Casa vai ser própria	3	33,3
Casa melhor	2	22,2
Lugar mais amplo, maior quintal	1	11,1
Morada independente	1	11,1
Nova perspectiva de mudança de vida	1	11,1
Sair da proximidade com o Rio Meia Ponte, enchente	1	11,1
Motivo 2	Frequência	%
Sair da área de risco	2	22,2
Acesso de carro na casa	1	11,1
Casa própria	1	11,1
Presença de insetos	1	11,1
Poluição do rio Meia Ponte	1	11,1
Serviços de esgoto	1	11,1
Sossego	1	11,1
Não apontou o segundo motivo	1	11,1
Motivo 3	Frequência	%
Mudaria de vizinho	2	22,2
Contaminação com ratos é perigoso	1	11,1
Mau cheiro do rio	1	11,1
Ambiente melhor e separado	2	22,2
Sair de perto da família do esposo	1	11,1
Não apontaram o terceiro motivo	2	22,2

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada em out. e nov/2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Apêndice Q - Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente do grupo que "vai ficar" quanto aos 3 motivos pelos quais os mesmos preferem permanecer neste bairro

Motivo 1	Frequência	%
Localização do bairro/próximo do centro	14	50,0
Acostumou com o lugar	5	17,9
Próximo dos serviços de saúde	3	10,7
Escola perto	2	7,1
Perto do local de trabalho	2	7,1
Gasta dos vizinhos	2	7,1
Motivo 2	Frequência	%
Localização do bairro facilita o deslocamento	9	32,1
Serviços de assistência médica próxima	8	28,6
Perto do trabalho	2	7,1
Gosta dos vizinhos	2	7,1
A casa lá é pequena	1	3,6
Acostumada com o bairro	1	3,6
Escola perto	1	3,6
O bairro tem de tudo	1	3,6
ônibus fácil e integrado com terminal da praça da Bíblia	1	3,6
Perto dos filhos	1	3,6
Perto do centro	1	3,6
Motivo 3	Frequência	%
Comércio local	5	17,9
Outro bairro é distante	4	14,3
Serviços de saúde perto	4	14,3
Gosta do local	3	10,7
Perto do serviço	3	10,7
Escola perto	2	7,1
Perto do centro	2	7,1
Serviços públicos que existem próximo	1	3,6
Família mora em bairros vizinhos	1	3,6
Gosta dos vizinhos	1	3,6
Pontos de ônibus	1	3,6
Sossego	1	3,6

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada em out. e nov/2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Apêndice R - Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente do grupo que "vai ficar" quanto aos 3 motivos pelos quais os mesmos preferem mudar do bairro

Motivo 1	Frequência	%
Casa própria	1	50,0
O espaço vai ser maior	1	50,0
Motivo 2	Frequência	%
Localização da casa	1	50,0
Privacidade e quintal	1	50,0
Motivo 3	Frequência	%
Falta de esgoto no local em que mora	1	50,0
Mudança de lugar e melhor perspectiva	1	50,0

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada em out. e nov/2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Apêndice S - Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente do grupo da "área regularizada" quanto aos 3 motivos pelos quais os mesmos preferem permanecer neste bairro

Motivo 1	Frequência	%
Apego ao setor	1	10,0
Família mora aqui	1	10,0
Irmã vizinha	1	10,0
Localização do bairro	1	10,0
Moradia é bem estruturada	1	10,0
Perto do centro	5	50,0
Motivo 2	Frequência	%
Escola perto	2	20,0
Está há muito tempo no bairro/sempe morou aqui	2	20,0
Gosta dos vizinhos	2	20,0
Amigos e bom relacionamento	1	10,0
Estrutura do bairro	1	10,0
Próximo da rodoviária	1	10,0
Não apontou o motivo	1	10,0
Motivo 3	Frequência	%
Comércio local	3	30,0
Amigos/convivência com vizinhos	2	20,0
Posto de saúde e hospital próximo	1	10,0
Gosta daqui	1	10,0
Localização do bairro centralizado	1	10,0
Rresidência própria	1	10,0
Não apontou o motivo	1	10,0

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada pela autora em out. e nov/2007

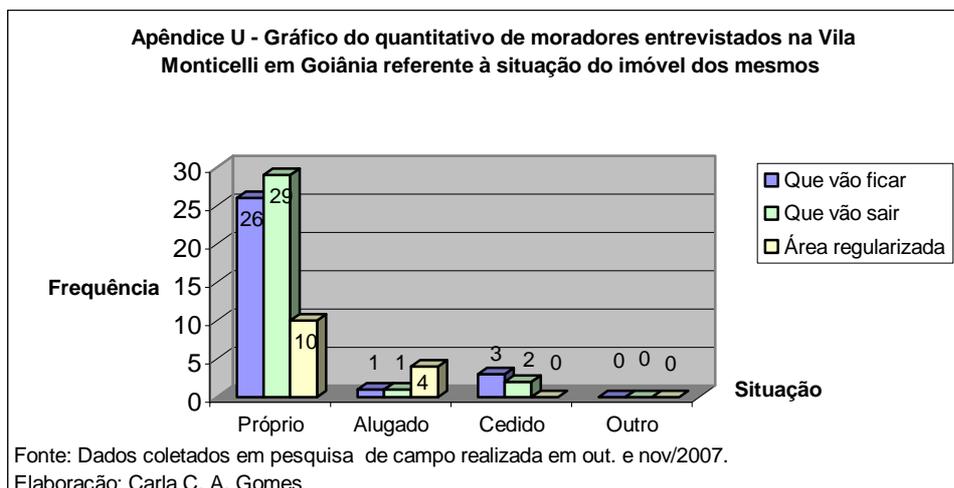
Elaboração: Carla C. A. Gomes

Apêndice T - Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente do grupo da "área regularizada" quanto aos 3 motivos pelos quais os mesmos preferem mudar deste bairro

Motivo 1	Frequência	%
Melhor moradia e infra-estrutura	2	25,0
Família mora em outro bairro	1	12,5
Bairro mais calmo	1	12,5
A casa não é dele	1	12,5
Não gosta mais do bairro	1	12,5
Ponto de ônibus é longe	1	12,5
Sair para outra casa	1	12,5
Motivo 2	Frequência	%
Aqui o bairro é perigoso	2	25,0
Muita bagunça, brigas	2	25,0
Casa própria	1	12,5
Mais segurança	1	12,5
Perto da família do marido	1	12,5
Um bairro mais estruturado	1	12,5
Motivo 3	Frequência	%
Tem muita confusão, violência	2	25,0
Segurança tá ruim	1	12,5
Aqui tem muita briga	2	25,0
Vizinhança perturba	1	12,5
Falta policiamento	1	12,5
Mudar para próximo do trabalho	1	12,5

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada pela autora em out. e nov/2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes



Apêndice V - Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente à pessoa que construiu a casa na qual os mesmos moram

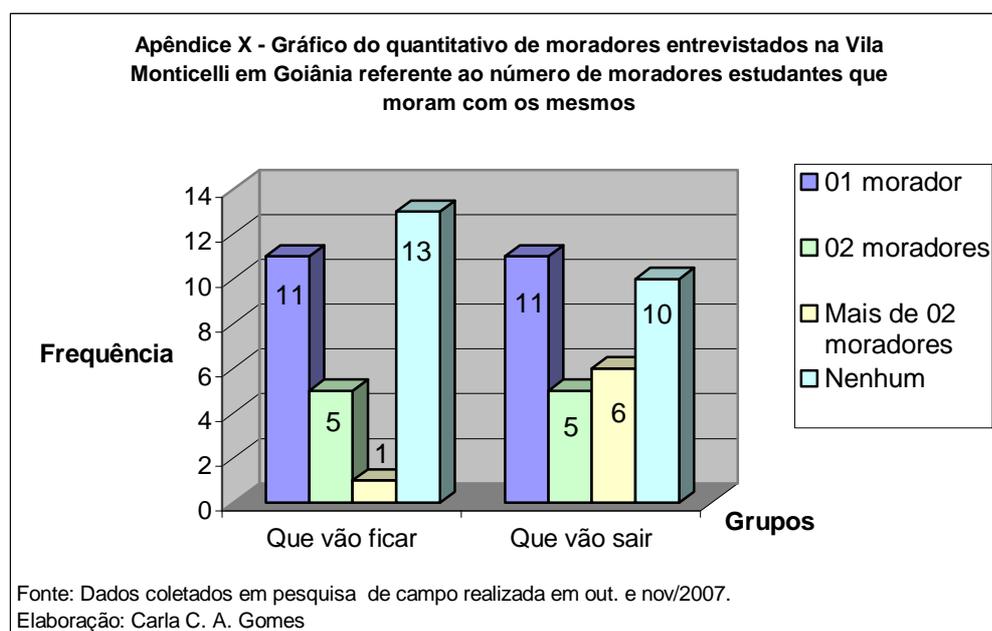
RESPOSTAS	FREQUÊNCIA		Total
	Que vão ficar	Que vão sair	
A família, pai(s), filhos	5	2	7
Comrou construída	5	6	11
Comrou construída e ampliou	-	1	1
Imóvel é alugado	1	1	2
Irmão comprou construída	1	1	2
O(a) próprio(a)	15	17	32
O(a) próprio(a) com a ajuda da família	-	2	2
O(a) sogro(a)	3	2	5
TOTAL	30	32	62

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada em out. e nov/2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Nota: Sinal convencional utilizado:

- Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento



Apêndice Z - Quadro da relação de bairros que os moradores da Vila Monticelli em Goiânia estudam	
Que vão ficar	Que vão sair
Aparecida de Goiânia Criméia Leste Jardim Guanabara Nova Vila Setor Oeste Vila Alto da Glória Loteamento Manso Pereira Vila Nova	Vila Nova Loteamento Manso Pereira Criméia Leste Vila João Vaz Setor Leste Universitário
Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada em out. e nov/2007	
Elaboração: Carla C. A. Gomes	

Apêndice AA - Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao meio de transporte utilizado pelos mesmos para ir ao trabalho

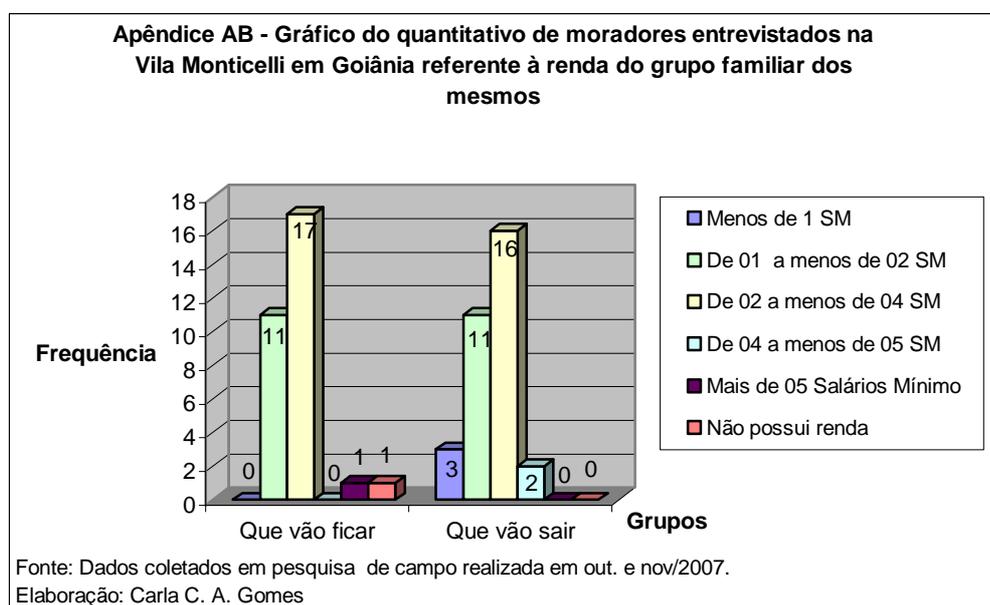
Meio de Transporte	FREQUÊNCIA		Total
	Que vão ficar*	Que vão sair**	
A pé	2	9	9
Bicicleta	2	5	5
Carro	3	2	2
Moto	2	5	5
Ônibus	7	2	2
TOTAL	16	23	23

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada out. e nov/2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes

* Não trabalha/desempregado = 14

** Não trabalha/desempregado = 9



Apêndice AC - Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia e os locais que costumam frequentar para o lazer

LUGARES	FREQUÊNCIA			Total
	Que vão ficar	Que vão sair	Área regularizada	
Araguaia Shopping	6	7	3	16
Associações	1	-	-	1
Bar/Choperia/Casa de dança	3	5	3	11
Casa de Parentes/amigos em outros bairros	6	4	-	10
Cinemas	-	-	2	2
Clube	5	7	3	15
Estádio	-	2	-	2
Feira Hippie	-	1	-	1
Parque Mutirama	8	10	3	21
Parque Zoológico	2	7	-	9
Pecuária	-	2	-	2
Pesque e Pague	-	-	1	1
Praças do setor próximo	-	-	3	3
Quase nenhum lugar/Nenhum	10	5	-	15
Outras cidades	-	-	2	2
Outros	5	-	4	9
TOTAL(1)	46	50	24	120

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada em out. e nov/2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Nota: Sinal convencional utilizado:

- Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento

(1) Questão de múltiplas respostas.

Apêndice AD - Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente do grupo que "vai ficar" quanto ao que pensam sobre a mudança dos vizinhos para o bairro Residencial Santa Fé I

RESPOSTAS	FREQUENCIA	%
Melhora a segurança para os que estão em área de risco	9	30,0
Casa própria e melhor condições de vida	7	23,3
Acha que não vai ser bom porque o local é distante	7	23,3
Vai ser bom para os que vão ficar, vai melhorar o espaço	2	6,7
Possibilidade de legalização aos que vão permanecer	1	3,3
Para os que trabalham próximo daqui pode ser ruim	1	3,3
Ruim, por causa da amizade e fregueses do comércio	1	3,3
Vai ser ruim pra eles, já tem as casas organizadas	1	3,3
Vai ser ruim por causa do comércio e outros serviços	1	3,3
Total	30	100,0

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada em out. e nov/2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Apêndice AE - Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente do grupo que "vai ficar" quanto ao que acham quanto ao tempo de retorno de alguns dos transferidos ao bairro

Tempo de Retorno	Frequência	%
Não voltam	7	23,3
Menos de 01 ano	4	13,3
02 meses	3	10,0
04 meses	2	6,7
06 meses	2	6,7
Máximo um ano	2	6,7
01 semana	1	3,3
02 a 04 meses	1	3,3
Até 03 meses	1	3,3
Máximo 02 anos	1	3,3
Máximo 03 meses	1	3,3
Máximo 02 semanas	1	3,3
Nem 01 semana	1	3,3
Sim em pouco tempo	1	3,3
Não sabe	2	6,7
Total	30	100,0

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada em out. e nov/2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Apêndice AF - Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao grupo que "vai ficar" quanto ao que acham do retorno de alguns dos transferidos ao bairro

Motivos	Frequencia	%
Por causa da distância	6	28,6
Se não derrubar as casas	4	19,0
Dificuldades com locais de trabalhos, escolas e creches	3	14,3
Gostam daqui/apego aos vizinhos	3	14,3
Não vão adaptar	2	9,5
Localização do bairro Vila Monticelli é mais central	1	4,8
Por que agem de má fé. Vão vender e voltar	1	4,8
Por que gostam daqui e muitos deles mudaram e voltaram	1	4,8
Total(1)	21	100,0

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada em out. e nov/2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes

(1) Resposta apenas dos entrevistados que acreditam no retorno dos transferidos ao bairro

Tabela AG - Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente do grupo da "área regularizada" quanto se os mesmos acham que alguns dos transferidos retornarão ao bairro

Respostas	Frequência	%
Sim	9	64,3
Não	3	21,4
Caso não demolir as casas eles voltam	2	14,3
Total	14	100,0

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada em out. e nov/2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes

Apêndice AH - Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao grupo da "área regularizada" sobre o que os mesmos acham quanto ao tempo de retorno de alguns dos transferidos ao bairro

Tempo de Retorno	Frequência	%
1 mês	1	9,1
5 meses	1	9,1
Dentro de um ano	2	18,2
2 a 3 meses	-	-
2 meses	1	9,1
5 a 6 meses, por que alguns deles já mudaram e voltaram pro mesmo lugar	1	9,1
6 meses	1	9,1
6 meses mais da metade volta, igual das outras vezes	-	-
Dentro de um ano, já aconteceu outras vezes	1	9,1
Menos de 1 ano	1	9,1
Menos de 6 meses	1	9,1
Não sabe dizer	1	9,1
Total(1)	11	100,0

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada em out. e nov/2007

Elaboração: Carla C. A. Gomes

(1) Resposta apenas dos entrevistados que acreditam no retorno dos transferidos ao bairro

Apêndice AI - Tabela do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente à vontade dos mesmos em alterar sua casa

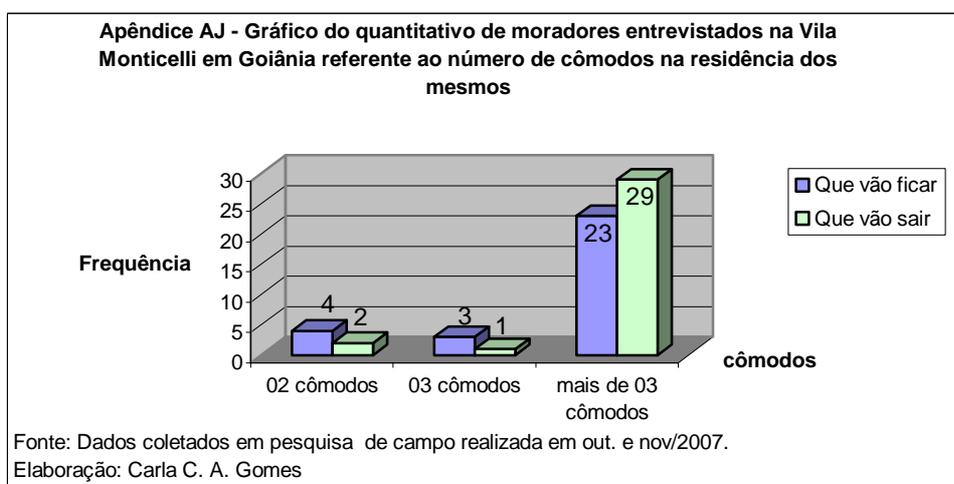
ALTERAÇÕES	FREQUÊNCIA		Total
	Que vão ficar	Que vão sair	
Acabamento (piso, forro e rebôco)	-	5	5
Área na frente da casa e acabamento	1	-	1
Aumentaria o número de cômodos	-	7	7
Aumentaria o número de quartos	6	-	6
Aumentaria o ponto (altura)/telhado	6	9	15
Aumentaria um cômodo e mudaria o telhado	-	2	2
Construir de tijolo	-	1	1
Faria um banheiro	1	-	1
Fazer um galpão de artes marciais	1	-	1
Forrar	1	-	1
Mudaria a frente para melhorar o acesso da saída para a rua	-	1	1
Não mudaria nada	9	4	13
Pintura	1	-	1
Reforma geral	2	3	5
Tudo, faria outra casa	1	-	1
Uma cozinha	1	-	1
TOTAL	30	32	62

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada em out. e nov/2007

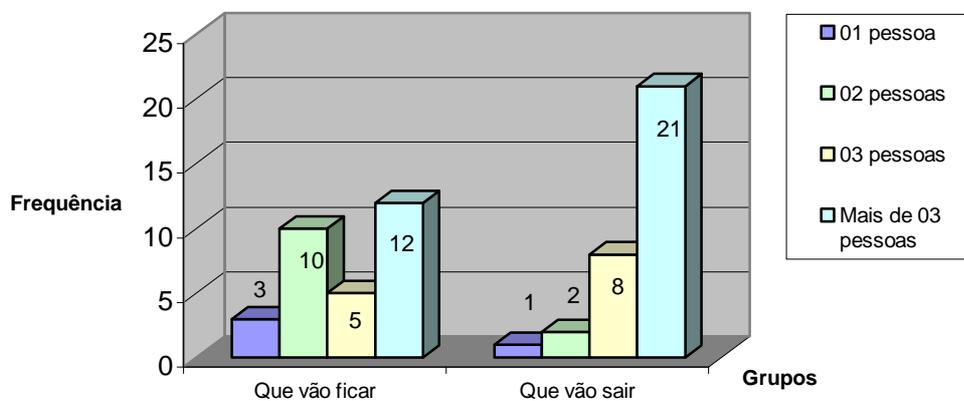
Elaboração: Carla C. A. Gomes

Nota: Sinal convencional utilizado:

- Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento

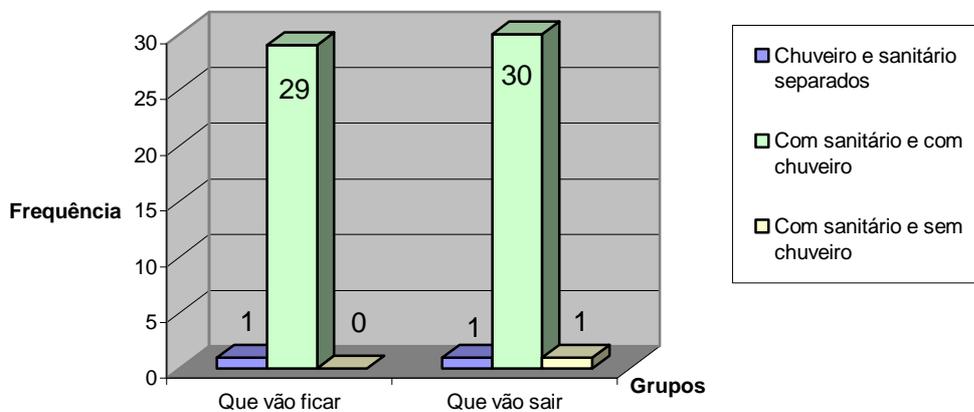


Apêndice AL - Gráfico do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao número de pessoas que residem na casa dos mesmos



Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada em out. e nov/2007.
Elaboração: Carla C. A. Gomes

Apêndice AM - Gráfico do quantitativo de moradores entrevistados na Vila Monticelli em Goiânia referente ao tipo de banheiro existente na casa dos mesmos



Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo realizada em out. e nov/2007.
Elaboração: Carla C. A. Gomes

Apêndice AN - Questionário a ser aplicado aos MORADORES da área de posse da Vila Monticelli – Goiânia/GO que serão removidos pela Prefeitura

Este questionário é uma das etapas de um conjunto de procedimentos e técnicas de pesquisa para coleta de dados com o objetivo de investigar a existência de “vínculo afetivo do morador com o lugar de morar” e como parte integrante de um projeto de pesquisa do programa de Pós-graduação *Stricto-sensu* da Universidade Católica de Goiás - Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial da mestranda Carla Cristina de Araújo Gomes com o título: “O apego pelo lugar de morar: Vila Monticelli em Goiânia-GO”. Será aplicado aos entrevistados que farão parte da amostra, que constam na lista de famílias que serão removidas da área de posse da Vila Monticelli, localizada na região central de Goiânia para o bairro Residencial Santa Fé I.

Para tanto, cabe ressaltar que todas as informações serão asseguradas, resguardando-as então somente com finalidade científica e garantindo o seu anonimato.

01. Em Goiânia, sempre morou neste bairro?

- 1) Sim (ir para a questão 03)
- 2) Não

02. Se não, em qual bairro morava anteriormente?

03. Por qual motivo escolheu este bairro?

04. Quanto tempo reside nesta área?

- 1) Até 05 anos
- 2) De 06 a 10 anos
- 3) De 11 a 20 anos
- 4) De 21 a 30 anos
- 5) Mais de 30 anos

05. A casa onde mora é?

- 1) Própria
- 2) Alugada
- 3) Cedida
- 4) Outro

06. Quantos cômodos tem sua casa?

- 1) 01 cômodo
- 2) 02 cômodos
- 3) 03 cômodos
- 4) Mais de 03 cômodos

07. Quem construiu sua casa?

08. De onde vem sua água?

- 1) Saneago
- 2) Poço ou cisterna

09. Qual o tipo de banheiro possui em sua casa?

- 1) Sem sanitário e com chuveiro
- 2) Com sanitário e sem chuveiro
- 3) Com sanitário e com chuveiro
- 4) Não possui

10. Se pudesse fazer alguma alteração na sua casa, o que você mudaria?

11. Quantas pessoas residem na sua casa?

- 1) 01 pessoa
- 2) 02 pessoas
- 3) 03 pessoas
- 4) Mais de 03 pessoas

12. Número de pessoas com relação à idade?

- 1) Menos de 01 ano (____)
- 2) De 02 a 05 anos (____)
- 3) De 06 a 10 anos (____)
- 4) De 11 a 18 anos (____)
- 5) De 19 a 25 anos (____)
- 6) De 26 a 40 anos (____)
- 7) De 41 a 50 anos (____)
- 8) Mais de 50 anos (____)

13. Quanto(s) moradores são estudantes?

- 1) 01 morador
- 2) 02 moradores
- 3) Mais de 02 moradores
- 4) Nenhum

14. Em que (quais) bairro(s) estuda(m)?

15. Quem mais da sua família mora nesta área?

- 1) Mãe
- 2) Pai
- 3) Pais
- 4) Filhos
- 5) Netos
- 6) Irmãos
- 7) Outros parentes

16. Quais lugares costumam freqüentar para o lazer?

17. Você gosta do lugar que mora?

- 1) Sim
- 2) Não

18. Se há 05 anos atrás alguém perguntasse: você concorda em mudar dessa área? O que você responderia?

19. O que você pensa hoje sobre sua mudança deste lugar?

20. Hoje, se pudesse optar entre ficar neste endereço ou mudar para o bairro Residencial Santa Fé I, qual seria a sua opção?

- 1) Permanecer onde mora (passar para a questão nº 21)
- 2) Mudar para o bairro Residencial Santa Fé (passar para a questão nº 22)

21. Aponte 03 motivos que você considera importantes para permanecer nesta área:

- 21.1 _____
21.2 _____
21.3 _____

22. Aponte 03 motivos que você considera importantes que influenciam na mudança de bairro:

- 22.1 _____
22.2 _____
22.3 _____

23. Conhece a localização do bairro Residencial Santa Fé I para onde será transferido?

- 1) Sim
2) Não

24. Os moradores participaram junto à Prefeitura na escolha e decisão do novo bairro?

- 1) Sim
2) Não

25. Se participaram, de que maneira?

26. Você gostaria de ter os mesmos vizinhos?

- 1) Sim
2) Não

27. Em relação ao local onde mora, o que é mais importante para você?

- 1) Localização do bairro
2) Relação de vizinhança
3) A casa
4) Proximidade da família

28 Em qual bairro você trabalha: _____**29. Meio de Transporte que utiliza para ir ao trabalho?**

- 1) A pé
2) Ônibus
3) Carro
4) Moto
5) Bicicleta
6) Outro: _____

Perguntas para caracterizar o respondente:**30. Sexo**

- 1) Masculino
2) Feminino

31. Idade: _____**32. Naturalidade**

- 1) Goiânia
2) Outro município de Goiás
3) Outro estado Qual? _____

33. Estado Civil

- 1) Solteiro
2) Casado
3) Viúvo
4) Divorciado
5) Outro

34. O senhor (a) freqüentou escola ?

- 1) Sim
- 2) Não

35 Escolaridade

- 1) Analfabeto ou nunca freqüentou escola
- 2) Ensino fundamental (1ª fase - primário) incompleto
- 3) Ensino fundamental (1ª fase - primário) completo supletivo () sim () não
- 4) Ensino fundamental (2ª fase - ginásio) incompleto
- 5) Ensino fundamental (2ª fase - ginásio) completo supletivo () sim () não
- 6) Ensino médio (incompleto)
- 7) Ensino médio (completo) supletivo () sim () não
- 8) Ensino superior (incompleto)
- 9) Ensino superior (completo)

36 Profissão: _____

37 Ocupação: _____

38 Qual a renda do grupo familiar (em salário mínimo)?

- 1) Menos de 01
- 2) 01
- 3) Mais de 01 e menos de 02
- 4) De 02 a 03
- 5) Mais de 03 e menos de 04
- 6) De 04 a 05
- 7) Mais de 05

Apêndice AO - Questionário a ser aplicado aos MORADORES da área de posse da Vila Monticelli – Goiânia/GO que irão permanecer no local

Este questionário é uma das etapas de um conjunto de procedimentos e técnicas de pesquisa para coleta de dados com o objetivo de investigar a existência de “vínculo afetivo do morador com o lugar de morar” e como parte integrante de um projeto de pesquisa do programa de Pós-graduação *Stricto-Sensu* da Universidade Católica de Goiás - Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial da mestrandia Carla Cristina de Araújo Gomes com o título: “O apego pelo lugar de morar: Vila Monticelli em Goiânia-GO”. Será aplicado aos entrevistados que farão parte da amostra, que constam na lista de famílias que irão permanecer na área de posse da Vila Monticelli, localizada na região central de Goiânia..

Para tanto, cabe ressaltar que todas as informações serão asseguradas, resguardando-as então somente com finalidade científica e garantindo o seu anonimato.

01. Em Goiânia, sempre morou neste bairro?

- 1) sim (ir para a questão 03)
- 2) Não

02. Se não, em qual bairro morava anteriormente?

03. Por qual motivo escolheu este bairro?

04. Quanto tempo reside nesta área?

- 1) Até 05 anos
- 2) De 06 a 10 anos
- 3) De 11 a 20 anos
- 4) De 21 a 30 anos
- 5) Mais de 30 anos

05. A casa onde mora é ?

- 1) Própria
- 2) Alugada
- 3) Cedida
- 4) Outro

06. Quantos cômodos tem sua casa?

- 1) 01 cômodo
- 2) 02 cômodos
- 3) 03 cômodos
- 4) Mais de 03 cômodos

07. Quem construiu sua casa?

08. De onde vem sua água?

- 1) Saneago
- 2) Poço ou cisterna

09. Qual o tipo de banheiro possui em sua casa?

- 1) Sem sanitário e com chuveiro
- 2) Com sanitário e sem chuveiro
- 3) Com sanitário e com chuveiro
- 4) Não possui

10. Se pudesse fazer alguma alteração na sua casa, o que você mudaria?

11. Quantas pessoas residem na sua casa?

- 1) 01 pessoa
- 2) 02 pessoas
- 3) 03 pessoas
- 4) Mais de 03 pessoas

12. Número de pessoas com relação à idade?

- 1) Menos de 01 ano (____)
- 2) De 02 a 05 anos (____)
- 3) De 06 a 10 anos (____)
- 4) De 11 a 18 anos (____)
- 5) De 19 a 25 anos (____)
- 6) De 26 a 40 anos (____)
- 7) De 41 a 50 anos (____)
- 8) Mais de 50 anos (____)

13. Quanto(s) dos moradores são estudantes?

- 1) 01 morador
- 2) 02 moradores
- 3) Mais de 02 moradores
- 4) Nenhum

14. Em que (quais) bairro(s) estuda(m)?

15. Quem mais da sua família mora nesta área?

- 1) Mãe
- 2) Pai
- 3) Pais
- 4) Filhos
- 5) Netos
- 6) Irmãos
- 7) Outros parentes

16. Quais lugares costuma freqüentar para o lazer?

17. O que você pensa sobre a mudança dos seus vizinhos para o bairro Residencial Santa Fé?

18. Hoje, se tivesse que optar entre ficar neste endereço ou mudar para o bairro Residencial Santa Fé, qual seria a sua opção?

- 1) Permanecer onde mora (passar para a questão nº 19)
- 2) Mudar para o bairro Residencial Santa Fé I (passar para a questão nº 20)

19. Aponte 03 motivos que você considera importantes para permanecer nesta área:

19.1 _____

19.2 _____

19.3 _____

20. Aponte 03 motivos que você considera importantes que influenciam na mudança de bairro:

20.1 _____
 20.2 _____
 20.3 _____

21. Conhece a localização do bairro Residencial Santa Fé I para onde seus vizinhos serão transferidos?

- 1) Sim
- 2) Não

22. Você acha que alguns deles poderão retornar para a Vila Monticelli em quanto tempo?

23. Por qual motivo?

24. Em relação ao local onde mora, o que é mais importante para você?

- 1) Localização do bairro
- 2) Relação de vizinhança
- 3) A casa
- 4) Proximidade da família

Perguntas para caracterizar o respondente:**25. Sexo**

- 1) Masculino
- 2) Feminino

26. Idade: _____**27. Naturalidade**

- 1) Goiânia
- 2) Outro município de Goiás
- 3) Outro estado Qual? _____

28. Estado Civil

- 1) Solteiro
- 2) Casado
- 3) Viúvo
- 4) Divorciado
- 5) Outro

29. O senhor (a) freqüentou escola ?

- 1) Sim
- 2) Não

30. Escolaridade:

- 1) Analfabeto ou nunca freqüentou escola
- 2) Ensino fundamental (1ª fase - primário) incompleto
- 3) Ensino fundamental (1ª fase - primário) completo supletivo () sim () não
- 4) Ensino fundamental (2ª fase - ginásio) incompleto
- 5) Ensino fundamental (2ª fase - ginásio) completo supletivo () sim () não
- 6) Ensino médio (incompleto)
- 7) Ensino médio (completo) supletivo () sim () não
- 8) Ensino superior (incompleto)
- 9) Ensino superior (completo)

31. Profissão: _____

32. Ocupação: _____

33. Local de Trabalho (bairro): _____

34. Meio de Transporte que utiliza para ir ao trabalho?

- 1) A pé
- 2) Ônibus
- 3) Carro
- 4) Moto
- 5) Bicicleta
- 6) Outro: _____

35. Qual a renda do grupo familiar (em salário mínimo)?

- 1) Menos de 01
- 2) 01 SM
- 3) Mais de 01 e menos de 02
- 4) De 02 a 03
- 5) Mais de 03 e menos de 04
- 6) De 04 a 05
- 7) Mais de 05

Apêndice AP - Questionário a ser aplicado aos MORADORES da área regularizada da Vila Monticelli – Goiânia/GO

Este questionário é uma das etapas de um conjunto de procedimentos e técnicas de pesquisa para coleta de dados com o objetivo de investigar a existência de “vínculo afetivo do morador com o lugar de morar” e como parte integrante de um projeto de pesquisa do programa de Pós-graduação *Stricto-Sensu* da Universidade Católica de Goiás - Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial da mestrandia Carla Cristina de Araújo Gomes com o título: “O apego pelo lugar de morar: Vila Monticelli em Goiânia-GO”. Será aplicado aos entrevistados que farão parte da amostra, residem na área regularizada da Vila Monticelli, localizada na região central de Goiânia. Para tanto, cabe ressaltar que todas as informações serão asseguradas, resguardando-as então somente com finalidade científica e garantindo o seu anonimato.

01. Em Goiânia, sempre morou neste bairro?

- 1) Sim (ir para a questão 03)
- 2) Não

02. Se não, em qual bairro morava anteriormente?

03. Quanto tempo reside neste bairro?

- 1) Até 05 anos
- 2) De 06 a 10 anos
- 3) De 11 a 20 anos
- 4) De 21 a 30 anos
- 5) Mais de 30 anos

04. Qual a situação do imóvel onde mora?

- 1) Próprio
- 2) Alugado
- 3) Cedido
- 4) Outro

05. Quais lugares costuma freqüentar para o lazer?

06. Conhece a localização do bairro Residencial Santa Fé I para onde seus vizinhos serão transferidos?

- 1) Sim
- 2) Não

07. Você acha que alguns deles poderão retornar para a Vila Monticelli?

08. Se sim, em quanto tempo? _____

09. Em relação ao local onde mora, o que é mais importante para você?

- 1) Localização do bairro
- 2) Relação de vizinhança
- 3) A casa
- 4) Proximidade da família

10. Hoje, se tivesse que optar entre ficar neste endereço ou mudar para outro bairro, qual seria a sua opção?

- 1) Permanecer onde mora (passar para a questão nº 11)
- 2) Mudar para outro Bairro (passar para a questão nº12)

11. Aponte 03 motivos que você considera importantes para permanecer neste bairro:

- 11.1 _____
 11.2 _____
 11.3 _____

12. Aponte 03 motivos que você considera importantes que influenciam na mudança de bairro:

- 12.1 _____
 12.2 _____
 12.3 _____

Perguntas para caracterizar o respondente:**13. Sexo**

- 1) Masculino
 2) Feminino

14. Estado Civil

- 1) Solteiro
 2) Casado
 3) Viúvo
 4) Divorciado
 5) Outro

15. Idade: _____**16. Naturalidade**

- 1) Goiânia
 2) Outro município de Goiás
 3) Outro estado Qual? _____

17. O senhor (a) freqüentou escola ?

- 1) Sim
 2) Não

18. Escolaridade:

- 1) Analfabeto ou nunca freqüentou escola
 2) Ensino fundamental (1ª fase - primário) incompleto
 3) Ensino fundamental (1ª fase - primário) completo supletivo () sim () não
 4) Ensino fundamental (2ª fase - ginásio) incompleto
 5) Ensino fundamental (2ª fase - ginásio) completo supletivo () sim () não
 6) Ensino médio (incompleto)
 7) Ensino médio (completo) supletivo () sim () não
 8) Ensino superior (incompleto)
 9) Ensino superior (completo)

19. Profissão: _____**20. Ocupação** _____**21. Local de Trabalho (bairro):** _____

Apêndice AQ - Roteiro das entrevistas

- Quantos anos mora na Vila Monticelli?
- Onde morava antes (bairro)?
- Por que escolheu a Vila Monticelli?
- Como era o local onde mora quando chegou? O Rio Meia Ponte, a mata, quantidade de moradores?
- Já existia muitos moradores?
- Tinha filhos tinha quando se mudou?
- Trabalhava onde (bairro) e no que, quando se mudou pro bairro?
- Fez muitos amigos durante esses anos?
- Até hoje a amizade continua?
- Como era a relação com os vizinhos antes e hoje?
- E o bairro mudou?
- Melhorou o que?
- Piorou o que?
- O que de bom tem no bairro? E de ruim?
- Gosta do lugar que mora?
- Pensa em se mudar do bairro?
- Se tivesse que mudar, concordava?
- Quanto à mudança dos vizinhos, o que acha?
- Acha que alguns deles poderão retornar para a Vila Monticelli?
- Por qual motivo?

Apêndice AR - Entrevista com morador da Vila Monticelli - Nº 1

Sexo Feminino

Idade: 68 anos

Pergunta: Eu quero que a Senhora fala pra mim. Quantos anos fazem que a senhora mora aqui mesmo?

Eu mudei pra cá sabe em que ano? dia 05 de março de 73

Pergunta: Onde a Senhora morava antes?

Quando eu mudei pra Goiânia eu morava [...] (em outra cidade no interior de Goiás)

Pergunta: A Senhora mudou (do interior) direto aqui pra vila Monticelli. E por que a senhora. Escolheu a Vila Monticelli pra vir morar?

É por que eu tinha um primo morava no Criméia leste e nessa época [...]será que eu posso falar nisso [...] quando eu vim? [...]

Pergunta: A senhora veio por motivos pessoais do (do interior)?

Então eu vim pra cá pra Goiânia e meu primo morava no Criméia leste. Hoje ele é falecido. Ai eu vim ficar na casa dele nessa época meus meninos era pequenos, e eu. E eu tava só com ele, cinco filhos, eu tinha né na época, o meu filho mais velho não tinha 11 anos ainda ai eu fiquei na casa do meu primo e fui procurar serviço pra mim cuidar dos meus filhos sabe. Aí eu fui trabalhando e aqui nesse lugar era uma roça na época. no ano que eu cheguei em 73 aqui era uma roça de arroz . aí depois o dono da roça morava aqui no fundo. Ai ele pegou, o dono da roça chamava João, João barrão. Ai ele pegou e tirou a roça e loteou, entendeu? ele loteou. Ai eu fui [...] tava trabalhando na transportadora de valores peguei comprei um lote com dinheiro das minhas férias. Comprei esse, lote aqui com o dinheiro das minhas férias e fui pelejando para fazer esse barraco. Mas Aqui não tinha ninguém. Tinha do lado de lá ,essa invasão do lado de lá. Do lado de cá não tinha ninguém morando neste pasto, só ele lá em baixo... o dono. Ai eu fui e comprei isso aqui, e fui pelejando com isso, todo mundo foi comprando, comprando, comprando e logo, logo ficou cheio assim encheu de gente né? E aqui eu venho lutando pra ver se eu consigo fazer este barraco e to(sic) pelejando até hoje pra fazer desde época. Não foi fácil. Antes disso eu perdi minha mãe, meu pai, meu neto, meu filho, o último filho homem que eu tinha, o caçula, morreu de acidente, o meu neto que nasceu aqui morreu matado.

Pergunta: Ele foi assassinado onde?

[...] (fora do bairro) Depois de dois anos meu filho morreu de acidente de moto. Então aqui nesse lugarzinho aqui a gente conhece todo mundo e todo mundo conhece a gente. Porque quando eu mudei de [...] pra cá eu abri um restaurante lá na Nova Vila e trabalhei lá uns anos no restaurante depois eu cansei, fui vender roupa, cansei de vender roupas, fiquei doente, fui pra uma clinica de repouso, e foi desse jeito até e pelejando..

Pergunta: E o marido da Senhora trabalhava no que quando vocês mudaram prá cá?

Nós separamos..

Pergunta: A Senhora mudou pra Goiânia separada dele?

Não, não foi totalmente separada, mas bem dizer foi. Quando nós chegou aqui ele bebia muita pinga [...] eu fiquei com os filhos tudo. O mais velho tinha quase 11 anos e o mais novo tinha 05.

Pergunta: Quando a senhora mudou pra cá ate hoje a senhora fez muitos amigos aqui no bairro?

Conheço todo mundo, aqui quase, só os que vai mudando, e trocando de gente que mora de aluguel mas os pioneiros conheço todo mundo.

Pergunta: Mas a senhora conhece ou fez amizades?

Amizade, amizade eu sou difícil de fazer. Eu sou uma pessoa muito resguardada. As minhas amizades tem que ser amizade mesmo. Aqui amizade tem ali a mulher do seu Chico que é antiga aqui, mais velha do que eu, nos temos amizade de conversar, fazer negócio com ela né? Tem a Sônia do gás ali também que é uma pessoa que convivo com ela assim, muito. Tem aqui a irmã [...],

tem a irmã [...] né? Tem aqui os vizinhos daqui de baixo tudo que são meus vizinhos e além de vizinhos a gente ainda convive muito junto, conversa muito, eu visito, eles me visitam, a gente compartilha muita coisa. Aqui teve uma época que eu fiz 7 anos festa de crianças, todo dia 12 de outubro eu fazia essa festa e conheci todo mundo, todo mundo me ajudava, todo mundo compartilhava comigo ajudando fazer esta festa pras crianças né, aqui todo mundo me conhece. Eu não tenho nada que queixar do povo que mora aqui no entorno, nada, nada! Agora..se eles tem alguma coisa de queixar de mim isso aí eu não sei, eu gosto de todo mundo aqui.

Pergunta: Quando a senhora mudou pra cá, como era aqui, tinha mata? Rio Como que era?

Essa ilha ali era um mato, que linda que era essa ilha linda, linda o mato alto [...], aí o povo foi entrando, derrubou o mato tudo, fez roça, eu mesmo comprei milho dessa roça aí muitos anos, eu gosto muito de pamonha [...] Depois o rapaz da ilha morreu [...], e os filhos tomou conta mas não importou, vendeu a ilha pra outro e o que comprou não deu conta, acabou a ilha virou essa “saroba”, e agora não tem mais nem ilha todo ano que dá uma enchente vai desmoronando, desmoronando [...] essa beirada do córrego que vai lá pra cavalaria aí não tinha esse tanto de gente, aí era vago, as aves corriam sem ninguém impedir, sem empecilho. Agora não tem mais jeito, tem gente de lá, tem gente de cá. onde tem um pedacinho de chão o povo vi lá e faz uma barraca.

Pergunta: A senhora viu o rio limpinho ainda?

Não, ele não tava limpo mais. ele já tava bem poluído.

Pergunta: Mas aqui tinha muito verde?

Esse mato aí era grande, uma mata grande volumada, fechada. Hoje você olha do outro lado vê casa. Pra você ir no hospital Santa Genoveva era uma dificuldade., tinha que dar a volta lá na pecuária pra você ir lá. Hoje passa por dentro, o rio bem dizer ta seco, não tem mais mato. [...] aqui tinha “guariba” nesse mato aqui [...] de noite você escutava o “grunhido” da guariba, é um macaco marrom. Ao amanhecer do dia, quando tava chegando o mês de agosto tinha aí cada pássaro que cantava “coma”, cantava aí porque ela queria botar...”Inhuma” cantando pra botar, hoje você não vê nada disso mais, acabou tudo.

Pergunta: Como a senhora moradora do bairro vê essas transformações?

Pra mim foi muito chato. O rio no meu ponto de vista, agente que foi criado no mato, lá no interior, meu pai tinha um zelo total com a água, dizia que não podia derrubar árvore numa distância próxima do córrego, cana de macaco, navalha de macaco, cana de velho, aqui ficava branco de flor e o cheiro [...]. Hoje você não vê saracura cantar, não vê sapo, só lá pro mês de janeiro que você pode escutar ma cantiga de sapo. Aqui quando era noite de setembro, de outubro, aqui parecia uma cidade com os animais cantando, cada um do seu jeito [...] saí de um lugar do [...], vim pra cá e achei esse lugar aqui que era quase semelhante onde eu fui criada né, e hoje você não escuta barulho de nada, você não escuta barulho de guariba, não escuta animal nenhum, fazer movimento nenhum [...] Hoje o homem destruiu todo o verde que nós tinha aqui.

Pergunta: Pra senhora essa ocupação aqui fez foi piorar?

Olha, num sentido foi. Primeiro eu sei que todo que veio pra cá precisava de um lugar pra viver, mas eu também sei que o homem tem que preservar um pouco da natureza, não pode chegar parecendo que é o dono, o dono, não foi ele que construiu, a natureza é de Deus e por que ele vai chegando e acabando com tudo? [...] gente respeita a natureza[...] essa ilha o homem que derrubou essa ilha [...] porque não foi plantar em outro lugar, na fazenda [...]

O homem em geral não respeita, onde começa o meu termina o seu.

Aqui no rio pegava peixe. Hoje pega tripa de porco, saco de lixo, arame. Muita gente já morreu enrolada em arame nesse rio. A Encol jogava restos de madeira, concreto, ferro, arame, tábua e despejava no rio e quantas e quantas pessoas, entravam no rio pegavam esses materiais. Construíram barracos com esses materiais. Quantas crianças morreram soltando raia, afogadas.

Pergunta: O bairro piorou ou melhorou depois que a senhora ta aqui?

O bairro mais piorou. Quando eu mudei era uma mulher sozinha com 5 meninos . trabalhava na cantina Eu saía pra trabalhar, na vila nova, transporte de valores e meus filhos ficavam só, voltava tava todos bonitinhos, do jeito que eu saía eu achava. Hoje você não pode as vezes deixar a porta da rua aberta. Hoje perdemos a liberdade.

Aqui piorou em relação à segurança, ao respeito pelo ser humano, ao limite do outro. Antigamente, a vizinha me ajudava a criar os meus filhos, hoje não faz mas isso. Hoje eu olho pra ilha e falo não é só você que foi agredida. Pra mim ela é um cartão postal.

Pergunta: O que a senhora acha que ainda tem de bom aqui na vila Monticelli?

Para mim tem uma coisa muito boa, a casa. Por que eu não mereci do pai dos meus filhos uma casa e depois que nós separou eu vim pra vila Monticelli e consegui ter minha casa., então eu consegui. Por que o sonho de todo mundo é ter uma casa. Não ta acabada não? Não? Ta feiota? (sic) Ta, mas é o que eu consegui. Pra mim o que tem de bom aqui é essa casa. E se eu mudar daqui meus filhos não vão comigo. Mas eu sonho em mudar, ter um sítio para eu viver do jeito que eu já vivi andando no pasto, descalça, com liberdade, escutando todo mundo cantando sua música, alegre e feliz, hoje só escuta falar em matar, roubar....

Pergunta: Questão da segurança aqui no bairro?

Acho que ninguém pode reclamar. Aqui tem total segurança de autoridade. Só que pouco vale. Parece que eles marcam a hora. Tem muita baderna, música alta, morte.

Bairro é igual interior, todo mundo sabe da vida de todo mundo, conhece todo mundo, os jovens tem que respeitar os idosos como pais e avôs e os idosos os mais novos como se fosse seus filhos e netos, por que matar?

Pergunta: Mas mesmo assim a senhora gosta daqui?

Eu gosto, tem muito tempo que eu moro aqui, já costumei, gosto em parte. Do conhecimento que eu tenho aqui, dos vizinhos, as não como viver em uma repesalha.

Mas apesar de tudo gosta do lugar, mas se for pra vender a casa e mudar para um bairro mais sossegado ela concorda.

Pergunta: O que a senhora pensa da mudança dos vizinhos?

O projeto da prefeitura eu apoio. Ali no botafogo tinha um pessoal desse jeito, todo amontoado, a prefeitura fez um projeto, mudou, esparramou e é muito difícil você não vê falar nada.

A mudança vai abrir o espaço,.

Pergunta: Acha que alguns deles podem voltar?

Acredito que alguns podem voltar. Quando construiu 1000 casas num dia ele limpou a berada (sic) do rio e levou caminhão e caminhão de mudança, não durou 2 meses. Esse projeto da prefeitura tem que ter muito zelo. Quando eles achar um dinheirinho melhor lá, o tempo é só este. Tem gente aqui que já ganhou casa na Morada do Morro em Senador Canêdo . e tem casa aqui. O pessoal vai e volta, porque eles alegam que é muito longe, é muito difícil, tenho que pagar coletivo.

Eu mesmo nestes anos que eu moro aqui eu tenho lutado muito para ver se mudo a atitude de muita gente aqui. Eu sei que a vida não é fácil eu sinto isso na pele. Tenho projeto convidando as senhoras para nós fazer um bloco de senhoras, trabalhar, fazer uma associação, trabalhar junto, a gente viver melhor, ter uma ajuda na renda familiar, já pejejei de todo jeito, bordar, fazer crochê, cesta de papel, de jornal, nada vai pra frente por que ninguém quer.

Pergunta: E porque ninguém quer?

Convoco a reunião e vem 3 ou 4 pessoas no máximo.

Pergunta: E essas pessoas que a senhora convida assim a senhora percebe que eles tem dificuldade e precisam de ajuda?

Eu conheço todo mundo, então por eu conhecer é que eu pelejo com isso. Conheço tanta senhora da minha idade lavando roupa pro outros [...] mas vamos procura um modo mais fácil, mais elegante, sem se desgastar, esfregando ferro em cima de roupa, vamos fazer um bloco de senhoras, dando um jeito de trabalhar junto, entrosando nossos filhos, nossos netos, é possível arrumar uma sala para reunir nossas crianças, nossos jovens, arrumar uma pessoa para dar palestras, e tudo isso influi na formação dos nossos filhos e as mães não entendem, eu choro quando vejo esses jovens que vi nascer apanhando da policia na rua. A droga corre solta. A policia ta presente sempre, a cavalo, de carro [...] ela causa repressão, mas se a família afastar é perigoso até nós dentro de casa.

Nota:

As citações entre parênteses, são explicações da autora.

Apêndice AS - Entrevista com morador da Vila Monticelli - Nº 2

Sexo: Masculino

Idade: 62 anos

Pergunta: Quantos anos mora na Vila Monticeli?
Mudei pra cá faz 37 anos

Pergunta: Quando o senhor mudou aqui pra Vila Monticelli, há 37 anos, o senhor veio de onde?
Morava no município de [...] (outro município de Goiás)

Pergunta: E aí, por que o senhor. E escolheu vir morar aqui na Vila Monticelli?
Quando eu vim pra qui o cumpade (sic) morava do lado de lá, do lado de lá era do cumpade (sic). Aí ele tomava conta e falou pra mim o cumpade (sic) [...] cê (sic) fica naquela parte dali, ele deu pro filho dele essa parte de riba (sic). Aí ele me deu eu fui pagando o imposto do lote e fiquei devendo obrigação pra ele por que eu morei na casa dele muito tempo, foi mais de ano. Aí passei pra qui (sic) e fiz o barraco. Aqui era tudo vago, tocava roça...

Pergunta: O senhor trabalha no que?
Toda vida mexi com negócio de [...]. Nunca trabalhei fichado pra ninguém. to com 62 anos nunca trabalhei pra ninguém, fichado não [...].

Pergunta: Quando o senhor chegou aqui, tinha muitos moradores?
Tinha eu compadre, compadre zê. Eu fui um dos primeiro.

Pergunta: Quando o senhor chegou aqui, tudo era mata mais preservado?
Aqui tudo era roça de milho, feijão. O rio não tava poluído, podia beber água do rio, tinha laranja, mexerica. Nós (sic) era muito homem, nós (sic) pescava. O rio começou a poluir mais depois com o Arisco.

Pergunta: Quando senhor mudou fez muitas amizades depois que as pessoas foram chegando?
Tinha.

Pergunta: E hoje?
Quase não tem, só com os mais velhos

Pergunta: A vida de hoje é muito diferente de antigamente?
De primeiro a gente pegava uma viagem de areia o dinheiro rendia, era uma beleza, hoje tira dois e não dá quase nada.

Pergunta: Mas, aqui no bairro, antigamente era melhor ou é hoje?
De primeiro era melhor você podia deixar tudo aberto, a casa podia ficar aberta, hoje não pode ficar mais.

Pergunta: Senhor [...], mas com os vizinhos, como é hoje?
Não tem muito convivência com vizinho, cada um pra si.

Pergunta: E o bairro, o que o senhor acha, mudou pra melhor ou para pior?
O bairro mudou pra melhor, foi aumentando o número de gente, mais o ruim é a bagunça. Essa invasão daqui é diferente da de lá. Eu não gosto de lá. Tem rivalidade, passam pro lado do outro pra brigar, de lá em mais perigoso. (a rua 238 é o limite).

Pergunta: mas o que o ser acha que tem de bom no bairro, que o senhor continua morando esses anos todos aqui?
De bom que eu acho é ter amizade com as pessoas, gosto do lugar, não vai achar outro não.

Pergunta: E a localização do bairro, o senhor acha que é importante pro senhor?
Não faz diferença.

Pergunta: O que o senhor aponta de ruim?

De ruim não posso queixar de nada, pra mim, não tenho nada que queixar.

Pergunta: O senhor não pensa em mudar daqui não?

Não, não penso, sempre o meu menino fala isso.

Pergunta: E se hoje a prefeitura chegasse e falasse que o senhor iria se mudar para a saída de Guapo, o que o senhor faria?

Se tiver que mudar? Com a lei eu não posso.

Pergunta: E quanto a mudança dos vizinhos o que acha?

Eles tem que tirar, como o povo agüenta o mau cheiro.

Pergunta: Acha que alguns deles podem voltar?

Eles já saíram pra Vila Mutirão e voltou.

Se a prefeitura tirar o povo de baixo e arrumar vai ficar bom.

Eu acho que eles não vão voltar por que a prefeitura vai vigiar, por guarda.

Nota:

As citações entre parênteses, são explicações da autora.

Apêndice AT - Entrevista com morador da Vila Monticelli - Nº 3

Sexo: Feminino

Idade: 75 anos

Pergunta: Quantos anos a senhora mora aqui?

29 anos que eu moro aqui neste cantinho nós (sic) mudou aqui no dia 13 de agosto de 1978.

Foi pra um barracãozinho de um cômodo que o meu esposo comprou, um barracãozinho de tábua né?

Pergunta: A senhora veio de onde?

Da fazenda do [...].

Meu marido comprou por uma pratinha esse pedaço aqui todinho. Meu marido desmanchou a casa, que nós morava de agregado. Meus irmãos veio de Brasília, meus cunhados e no decorrer de dois dias eles fez isso aqui, quatro cômodo.

Pergunta: Quantos filhos a senhora tinha?

Tinha quantos filhos. 15, 12 filhos vivos.

De 09 anos de idade até 75 eu tenho muita coisa pra contar.

Nós mudou pra cá era só um capinzinho branco aqui, tinha poucas casas. Tinha a casa do meu filho mais velho lá em baixo, e tinha mais duas casas ali só o resto era banana.

Aí de repente eu conheci um rapaz bem moreninho que trabalhava na cavalaria...falei você meu filho que trabalha aí, dá uma ajuda pra não deixar as pessoas roubar[...], acordava de noite com o barulho das pessoas me roubando, por que não tinha lugar de guardar, ficava tudo de fora [...] enquanto ele trabalhava ali ele me ajudou [...]já tinha roubado todas as galinhas, era arroz, era feijão, era polvilho, farinha, ficava tudo no meio do tempo, não tinha onde por e vi acabar em dois anos depois passei comprar as coisas a kilo, pensei que ia morrer, aí entrei em depressão. Passei a trabalhar pra ajudar o meu marido, pra ver o meu marido entrar com vida e não sair pedindo, ele não beber. Passava roupa, lavava vasilhas, em troca de pão e comida para os filhos.

Pergunta: Quando a senhora veio pra cá já tinha um pouco mais de gente aqui na região?

Não. Aqui nesse lugar era só capim também [...] tinha uma casinha de 03 comodoss. Vi chegando todo mundo. Aqui não tinha nenhuma casa, era só banana, essa frente até chegar lá onde hoje é o asfalto não tinha nenhuma casa.

Pergunta: Mas o senhor (entrevistado 2) já estava aí?

Não. Nem ele, quem morava eu acho que era parente dele que hj já morreu, chamava João Branco, a mulher dele Margarida, acho que era parente, por que eu lembro que eles ficaram na casa deles. Aí eu cheguei aqui também.

Eu cozinava era catando pauzinho de mandioca, que eles tinha plantado mandioca ali, meu marido trabalhava de servente, ali onde tem aquela obra. Que também era só capim branco também, tinha uma casa de três cômodos [...].

Pergunta: Mudou muito depois que a senhora veio pra cá?

Mudou muito de 03 anos pra cá..isso aqui não tem mais paz [...] então de três anos pra cá isso aqui virou um absurdo, é briga pra um canto, é briga pro outro [...] é som alto [...] tem o pai dela (a neta) que trabalha [...] quando chega não tem jeito de chegar, é carro com aquelas músicas nojenta né? .é jogo [...].

Pergunta: [...] se for pra senhora mudar daqui, a senhora mudaria?

É o que mais eu queria, era mudar daqui, não tem lugar pior [...] tenho vontade...inclusive o governo tá dando umas casas. Mas do jeito que tá não adianta, o povo vai pra lá a mesma coisa, o.povo vai tudo misturado [...] vai ser a mesma coisa. O povo daqui tem medo dos de lá, os de lá tem medo de vim aqui e fica aquela coisa..

Pergunta: Se for pra senhora ficar aqui, ou mudar lá pra saída de Guapó qual seria a opção da senhora?

Eu preferia mais indenização...é o que mais eu queria, mesmo que eu não possa comprar um lote, mais que depressa eu faço uma casa no terreno de meu filho; gente velho tem que ter seu cantinho sossegado, lá a casa é pequena de 03 cômodos, quando eu for sair daqui eu quero só as telhas da área pra mim fazer uma área, não quero mais nada.

Aqui tem dia que o meu filho chega aqui de moto, ele não pode entrar por que eles não deixa, fica carro de lá, de cá. O meu filho tem carro, não tem o direito de entrar. Quantas vezes eu vi meu filho pedir e eles falar chama os homem, manda chamar os homem. A gente fica preocupada. Quantas vezes meu filho chegar do serviço, ele pede pra tirar o carro, pra passar, eles falam: passa por cima. Mas eu gosto daqui, por que foi a cobertura que meu esposo me deixou, não me deixou na mão, então eu não quero desfazer daqui.

Pergunta: A senhora acha que tem gente que pode voltar pra cá?

É o que mais tem. O governo dá casas e eles voltam, não vê ali na Emílio Povia, aí o governo torna dá outra casa , aí vende de novo. Quando o governo não dá se junta aos sem terra, eu não acho isso honesto.

Meu filho que mudou lá pro Curitiba tá levando a família todinha...

Pergunta: Quando a senhora mudou pra cá fez muitas amizades?

Graças a Deus. Considero como tudo a minha família. O perigo aqui é dos que vem de fora, os que tá aqui tá trabalhando [...] se tivesse os mesmos vizinhos, o medo é que vem gente de fora.

Se fosse pra mudar gostaria de ter os mesmos vizinhos...a Comob respeitasse a vila, pra permanecer na mesma comunidade, não misturar com a outra vila.

O Marco é a Rua 240, o limite.

No dia das mães meu neto quando tava com 13 anos.chegou 30 jovem com umas corrente pra matar o meu neto. Aí uma pessoa falou que tinha uns 30 pra matar, mas ele não tava aqui.

Aí no outro dia eles pegaram a minha neta na escola e disseram pra ela que vinham, mas se ela abrisse a boca ela ia levar uma bala perdida. E deus tocou o coração dela, deu um jeitinho e ligou contando, aí nos tem policial amigo também né? Quando meu filho chegou tinha uns vinte, ele disse: vamos conversar!. Falou: rapaz meu pai, seu pai foram criado tudo junto, jogando truco a noite inteira na maior alegria, eu fui muito em festa ali em baixo também. Agora você fica desse jeito, sendo que é neto..não pode acontecer isso, esse menino aí é meu sobrinho. O conflito diminuiu, mas não acaba por causa da droga.

Aqui às vezes cê (sic) tá sentada, aí de repente é aquela correria [...] você tem que pedir: aqui no meu quintal não. Aqui não habita marginal, inimigo, só o Espírito Santo.

Pergunta: A senhora tem saudade do começo aqui?

Tenho, mas do tempo da união, aqui chamava vila dos compadre. Todo fim de semana a gente fazia festa. Aqui na minha casa tinha um radinho, quando eles chegavam eu pegava as faca e revolver e só entregava no final quando acabava. Nunca teve uma discussão. Quando descobriu a tal das drogas,quando meus netos começou a crescer...

Pergunta: O que faz a senhora permanecer aqui na Vila Monticelli?

Meus filhos...

Vou ter saudade dos vizinhos, mas quando eu mudar eu faço outras amizades.

Gosto do lugar. Só quero mudar devido meus filhos que tem dia que não pode entrar aqui. Até domingo de tarde né?

Nota:

As citações entre parênteses, são explicações da autora.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)